



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA - PPGSCA**

MARIA REGINA KANAWATI DE FIGUEIREDO

DESCENDO O “PODIUM”: Protagonismo de mulheres ex-
atletas de handebol em Manaus.

Manaus – AM
2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA - PPGSCA**

LINHA 1 - Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais

MARIA REGINA KANAWATI DE FIGUEIREDO

DESCENDO O “PODIUM”: Protagonismo de mulheres ex-atletas de handebol em Manaus.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito final para obtenção de título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, na linha de pesquisa Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

Orientadora: Prof. Dra. Artemis Soares de Araújo

Coorientador: Bruno de Oliveira Rodrigues

Manaus – AM
2024

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F475d Figueiredo, Maria Regina Kanawati de
Descendo o "podium": Protagonismo de mulheres ex-atletas de
handebol em Manaus. / Maria Regina Kanawati de Figueiredo. -
2024.
123 f. ; 31 cm.

Orientador(a): Artemis de Araújo Soares.
Coorientador(a): Bruno de Oliveira Rodrigues.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas,
Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia,
Manaus, 2024.

1. Mulheres ex-atletas. 2. Handebol Máster. 3.
Representatividade Feminina. 4. Integração Sociocultural. 5.
Envelhecimento ativo. I. Soares, Artemis de Araújo. II. Rodrigues,
Bruno de Oliveira. III. Universidade Federal do Amazonas.
Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. IV.
Título

DESCENDO O “PODIUM”: PROTAGONISMO DE MULHERES EX-ATLETAS DE HANDEBOL EM MANAUS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Linha de pesquisa: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais

BANCA EXAMINADORA

Artemis de Araújo Soares

Professora Doutora (Presidente)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Rosemara Staub

Professora Doutora (Membro)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Jefferson Jurema Silva

Professor Doutor (membro)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Bruno de Oliveira Rodrigues

Professor Doutor (Suplente)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Vanderlan Santos Mota

Professor (Suplente)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Data da defesa: 23/12/2024

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, filho e Espírito Santo, nossa maior razão de viver.

Agradeço primeiramente à minha mãe, Izabel Kanawati de Figueiredo, cujo amor e apoio incondicional foram a minha fortaleza durante esta jornada.

A minha filha, Taina Eloá e meu neto, vocês são a minha inspiração e a razão pela qual eu continuo a me esforçar para ser o melhor que posso ser.

Em memória do meu querido pai, Amazonas José de Figueiredo, que mesmo não estando mais entre nós, continuam a iluminar o meu caminho com a sua sabedoria e amor. Você sempre estará nos meus pensamentos.

A professora Artemis de Araújo Soares, que esteve ao meu lado em cada passo desta caminhada, compartilhando tanto os momentos de desconforto quanto as alegrias. Sua orientação e paciência foram fundamentais para a realização deste trabalho.

À minha amiga e parceira, Gheysa Moura, que incansavelmente discutiu e ponderou sobre os temas mais desafiadores deste trabalho. Sua amizade e apoio foram inestimáveis.

Ao meu amigo Bjarne Furtado, grande educador e amigo, pelo apoio e compreensão constantes.

A todos os familiares e amigos queridos pelo estímulo e pelos momentos de confraternização, reflexão e aprendizado.

A Universidade Federal do Amazonas – UFAM, por alavancar o Programa de Pós-graduação em sociedade cultura da Amazônia – PPGSCA na busca pela qualidade das pesquisas.

Aos professores e alunos da turma com os quais convivemos durante esses dois anos, por serem fonte de inspiração para seguirmos na busca de respostas para nossas tão almejadas pesquisas em prol de conhecimento dos nossos leitores.

Este trabalho é um reflexo do amor, apoio e orientação que recebi de cada um de vocês. Agradeço de coração.

Nasci com a força de um sonho em germinação, cresci como quem desbrava um campo desconhecido, aprendi com as quedas e me refiz em cada renascimento. O esporte foi meu guia, ensinando-me a resiliência que transforma dor em poder, a superação que revela o impossível como degrau, e o valor de persistir quando tudo parece ruir. Cada desafio trouxe um significado oculto, cada conquista, um troféu esculpido pela dedicação incansável e pelo suor do esforço. Hoje, sou o espelho de todas as batalhas que travei, marcada pela coragem que carrego no peito e pelo foco que mantém meus passos firmes na trilha do porvir.

(Maria Regina Kanawati de Figueiredo)

RESUMO

A pesquisa investiga o protagonismo de mulheres ex-atletas de handebol máster em Manaus, analisando como essa prática contribui para sua qualidade de vida e integração sociocultural. Fundamentada na teoria marxista, a investigação compreende o esporte como um espaço de disputa simbólica e material, no qual as relações de classe e gênero são evidenciadas e tensionadas. O estudo destaca como as ex-atletas resistem à mercantilização do corpo e à marginalização social imposta pelo envelhecimento, utilizando o esporte como ferramenta de emancipação e pertencimento coletivo. A dissertação adota uma abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas realizadas com ex-atletas, técnicos e representantes institucionais do handebol no Amazonas. O estudo examina a trajetória histórica das mulheres no esporte, as contradições entre o esporte enquanto produto do mercado e sua apropriação como instrumento de resistência e os desafios enfrentados pelas ex-atletas para manter seu protagonismo fora das quadras. Os resultados indicam que o handebol máster não apenas promove o bem-estar físico e mental, mas também fortalece redes de solidariedade, reafirma identidades e desafia estruturas excludentes. Conclui-se que o esporte transcende sua função recreativa e competitiva, configurando-se como um espaço de luta pela visibilidade e equidade. O handebol máster possibilita a ressignificação da identidade feminina no processo de envelhecimento, ao mesmo tempo em que escancara os limites estruturais impostos pelo sistema capitalista. Este trabalho contribui para a literatura ao evidenciar o impacto do esporte na transformação social, no enfrentamento das desigualdades de classe e gênero e na reafirmação das mulheres enquanto agentes históricos no contexto amazônico.

Palavras-chave: Mulheres ex-atletas; Handebol Máster; Representatividade Feminina; Integração Sociocultural; Envelhecimento ativo.

ABSTRACT

The research investigates the protagonism of former female master handball athletes in Manaus, analyzing how this practice contributes to their quality of life and sociocultural integration. Based on Marxist theory, the investigation understands sport as a space of symbolic and material dispute, in which class and gender relations are highlighted and tensioned. The study highlights how former athletes resist the commodification of the body and the social marginalization imposed by aging, using sport as a tool for emancipation and collective belonging. The dissertation adopts a qualitative approach, with semi-structured interviews conducted with former athletes, coaches and institutional representatives of handball in Amazonas. The study examines the historical trajectory of women in sport, the contradictions between sport as a market product and its appropriation as an instrument of resistance, and the challenges faced by former athletes to maintain their protagonism off the court. The results indicate that master handball not only promotes physical and mental well-being, but also strengthens solidarity networks, reaffirms identities and challenges exclusionary structures. It is concluded that the sport transcends its recreational and competitive function, configuring itself as a space for the struggle for visibility and equity. Master handball enables the redefinition of female identity in the aging process, while exposing the structural limits imposed by the capitalist system. This work contributes to the literature by highlighting the impact of sport on social transformation, in confronting class and gender inequalities and in reaffirming women as historical agents in the Amazonian context.

Keywords: Former female athletes; Master Handball; Female Representation; Sociocultural Integration; Active Aging.

LISTA DE SIGLAS

COI – Comitê Olímpico Internacional

CND – Conselho Nacional de Desportos

OMS – Organização Mundial da Saúde

JEB's – Jogos Estudantis Brasileiros

JUB's – Jogos Universitários Brasileiros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - A TRAJETÓRIA DA MULHER NO ESPORTE: DESAFIOS, CONQUISTAS E PERSPECTIVAS DE SAÚDE.....	22
1. 1 A mulher no mundo do esporte.....	22
1.2 O que pensava Pierre de Coubertin sobre a mulher no esporte.....	33
1.3 Os primeiros momentos da mulher em competições.....	36
1.4 Breves considerações acerca da saúde feminina no esporte.....	45
CAPÍTULO II - HANDEBOL COMO TRABALHO E PRODUTO SOCIOCULTURAL.....	53
2.1 O handebol como trabalho e produto sociocultural.....	53
2.2 O handebol máster como instrumento de integração sociocultural	59
2.3 Os eventos esportivos de handebol máster.....	67
2.4 O handebol máster na Amazônia	71
2.4.1 A Zona Franca de Manaus (ZFM) e sua relação com o esporte	77
CAPÍTULO III - IDENTIDADE E PERTENCIMENTO: RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL SOCIAL DE EX-ATLETAS NO PÓS-CARREIRA EM MANAUS	85
3.1 Breve apontamento sobre a identidade feminina no esporte.....	85
3.2 Identidade e pertencimento: ressignificação do papel social de ex-atletas no pós-carreira.....	88
3.3 A descida do “podium” das ex-atletas amazonenses de handebol.....	92
CONSIDERAÇÕES.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
APÊNDICE I - Roteiro de Entrevista: Ex-Atletas	121
APÊNDICE II - Roteiro de Entrevista: Representante da Liga de Handebol do Amazonas	122
ANEXOS – Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE).....	123

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar a figura da mulher amazonense atleta e ex-atleta de handebol máster, investigando como esse esporte contribui para sua qualidade de vida e integração sociocultural na cidade de Manaus. Pretende-se destacar a presença e a contribuição dessa mulher para a sociedade, tanto como esportista quanto como ser humano, ressaltando a importância de sua representatividade social, especialmente como inspiração para os mais jovens.

Neste estudo, o termo "ex-atleta" é empregado para destacar a continuidade das identidades esportivas para além das quadras, abrangendo não apenas a dimensão física do esporte, mas também os aspectos sociais, culturais e simbólicos que moldam essas trajetórias, especialmente no contexto do envelhecimento. Nesse sentido, as ex-atletas emergem como protagonistas que ressignificam seus papéis sociais e reafirmam sua presença na comunidade, utilizando o handebol máster como um instrumento de integração sociocultural, preservação do capital simbólico e promoção do envelhecimento ativo.

A abordagem adotada investiga como o esporte atua como um catalisador para o bem-estar físico, mental e social, enquanto promove a representatividade feminina e fortalece os laços comunitários. O estudo destaca a resistência e a garra das mulheres diante de um sistema patriarcal que, por séculos, limitou sua voz, seu reconhecimento e sua ocupação de espaços tradicionalmente masculinos, como o esporte. Nesse contexto, o esporte transcende sua dimensão física, estética e de saúde, funcionando também como um espaço de interação sociocultural que reflete os conflitos e as transformações sociais de cada época, evidenciando as conquistas de representatividade, poder e protagonismo feminino.

A participação das mulheres nas práticas esportivas tem aumentado nas últimas décadas, mas as relações de poder entre homens e mulheres no esporte ainda são desiguais. Jaeger (2006) afirma que essas desigualdades se manifestam em posições e acessos extremamente desiguais, o que é evidenciado nas diferenças em oportunidades, incentivos, salários e visibilidade midiática. Mesmo diante dessas dificuldades, muitas mulheres continuam a lutar por igualdade, inclusão e liberdade no esporte.

Tendo por base a teoria marxista, o esporte pode ser compreendido como uma prática inserida nas relações de produção e nas estruturas de poder da sociedade. Nesse sentido, a participação das mulheres no esporte reflete as contradições do sistema patriarcal e capitalista, que tende a invisibilizar e marginalizar determinados grupos sociais. A teoria marxista, ao destacar a relação entre infraestrutura e superestrutura, permite analisar como o handebol máster influencia a representatividade feminina e a integração sociocultural das mulheres em processo de envelhecimento, dentro das dinâmicas de classe e gênero.

A prática esportiva das mulheres amazônicas ao longo da vida é condicionada por suas condições materiais de existência e pelas estruturas de dominação presentes na sociedade. Mesmo após a aposentadoria, a continuidade da participação no esporte reflete a luta contra as formas de exploração e opressão que buscam limitar sua atuação social. No contexto amazônico, onde o acesso ao esporte ainda é marcado por desigualdades econômicas e sociais, o handebol máster se torna um espaço de resistência e reafirmação identitária, permitindo que essas mulheres se apropriem de um meio historicamente regulado por interesses hegemônicos.

O handebol máster, nesse ambiente, se diferencia do esporte de alto rendimento ao valorizar a coletividade e a solidariedade entre as participantes, indo contra a lógica individualista e mercadológica imposta pelo sistema capitalista. Para essas mulheres, a participação no esporte não se restringe à manutenção de um status adquirido ao longo da carreira, mas possibilita a construção de novas formas de reconhecimento e pertencimento social. Dessa forma, elas desafiam a marginalização imposta pelo envelhecimento e reafirmam seu protagonismo na sociedade.

A pesquisa também revelou como as relações econômicas e culturais moldam as trajetórias esportivas dessas mulheres e influenciam sua vivência do processo de envelhecimento. O handebol máster emerge como um espaço de resistência contra a alienação e a mercantilização do corpo, promovendo uma redefinição do envelhecimento ativo e do papel da mulher no esporte.

Assim, a partir da teoria marxista, compreendemos como a prática esportiva pode ser um instrumento de luta e transformação social, impactando positivamente o bem-estar físico, mental e social das mulheres. Ao inserirem-se no campo esportivo, essas ex-atletas não apenas preservam sua saúde e qualidade de vida, mas também

reforçam sua posição na sociedade, promovendo uma integração que transcende o esporte e alcança esferas mais amplas da vida comunitária e cultural em Manaus.

Desse modo, é possível observar que a prática esportiva, além de ser um espaço de preservação dos capitais, também funciona como um catalisador para mudanças sociais mais amplas. Goellner (2013) aponta que o processo histórico da humanidade é refletido no esporte, que serve como um espelho de valores. A presença feminina no esporte, marcada pela insurgência e inquietação, tem transformado a maneira como a sociedade vê a mulher.

É essencial considerar a questão regional, que influencia a representatividade e a integração sociocultural dessas mulheres. Manaus, capital do Amazonas, possui peculiaridades culturais e geográficas que afetam a prática esportiva e a visibilidade das mulheres no esporte. Compreender essas particularidades é fundamental para avaliar a influência do handebol máster na qualidade de vida e na integração sociocultural dessas mulheres. Destaca-se que muitas dessas ex-atletas após a aposentadoria, passaram a residir no município de Itacoatiara, localizado a 270km de Manaus, visando a qualidade de vida, mantendo uma equipe de handebol máster naquele município, mas participando regularmente das atividades na capital.

A migração dessas atletas para municípios menores reflete a busca por melhores condições de vida, mas também evidencia desigualdades regionais estruturais que limitam o acesso ao esporte e a visibilidade feminina no interior do estado. O deslocamento entre Itacoatiara e Manaus para manter a prática esportiva ressalta a necessidade de políticas públicas que garantam maior descentralização das atividades esportivas, ampliando oportunidades para as mulheres fora dos grandes centros urbanos.

A prática do handebol máster, nesse sentido, não apenas fortalece laços comunitários, mas também atua como um meio de resistência contra as lógicas de mercado que priorizam o esporte como espetáculo e mercadoria. A coletividade construída nesse espaço desafia a alienação imposta pelo trabalho e pelo sistema econômico, promovendo a autonomia e o fortalecimento da identidade das mulheres atletas. O esporte, assim, configura-se como uma arena de disputa simbólica e material, onde se evidencia a luta por equidade e por condições dignas de participação e reconhecimento.

Ao considerar essas dimensões, percebe-se que o handebol máster não é apenas uma continuidade da trajetória esportiva dessas mulheres, mas uma

manifestação concreta de sua resistência à invisibilidade e à exclusão social. Ele reafirma a importância do esporte como um direito e como um espaço de transformação, no qual as mulheres amazônicas ressignificam suas experiências e constroem novas formas de protagonismo dentro e fora das quadras.

Assim, a pesquisa contribuirá para entender a importância do handebol máster como um instrumento valioso para um envelhecimento saudável, promovendo capacidades físicas, socialização, autoestima, autocuidado e espírito de equipe.

A relevância desta pesquisa está em demonstrar como a representatividade e integração das mulheres no handebol máster podem abrir portas para outras mulheres amazonenses, ampliando sua visibilidade e incentivando a prática esportiva.

Este estudo se justifica pela crescente valorização da presença da mulher no esporte, evidenciada pela participação feminina nos Jogos Olímpicos, como mencionado por Brito (2019), e pela maior visibilidade de eventos como a Copa do Mundo Feminina de Futebol em 2019.

O interesse por este objeto de pesquisa também decorre da minha experiência pessoal como ex-atleta de handebol em Manaus, e da carência de estudos que explorem a relação entre a história da mulher e o esporte na região, especialmente no contexto do envelhecimento. Este é um momento oportuno para contar a história dessas mulheres e produzir conhecimento científico que ajude a compreender as necessidades e motivações que as levam a continuar praticando o esporte.

As questões norteadoras do estudo são: 1) O que motiva uma ex-atleta a continuar praticando esporte durante o processo de envelhecimento? 2) Como a prática do handebol máster impacta na qualidade de vida e na integração sociocultural dessas mulheres em Manaus? 3) De que forma as ex-atletas podem manter seu protagonismo após deixar o “podium”?

Responder a essas perguntas é fundamental para entender a realidade do handebol máster entre mulheres em processo de envelhecimento e como essa prática impacta sua qualidade de vida, integração sociocultural e representatividade em Manaus.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o envelhecimento ativo envolve o desenvolvimento e a manutenção da capacidade funcional, permitindo o bem-estar na idade avançada (Figueira et al., 2020). Oliveira (2021) associa o envelhecimento saudável à adoção de hábitos como a prática de esportes, incluindo o handebol, uma

alimentação equilibrada e a abstinência de fumo e álcool, fatores essenciais para a manutenção da capacidade de movimento.

O objetivo deste estudo é analisar o impacto da presença de mulheres no handebol máster na representatividade e protagonismo feminino no esporte local, ressaltando a importância dessa prática para a qualidade de vida e integração sociocultural dessas ex-atletas em Manaus. Pretende-se identificar o perfil socioeconômico e de saúde dessas mulheres, discutir como o handebol máster influencia sua integração sociocultural e analisar o impacto dessa prática em seu bem-estar durante o processo de envelhecimento.

Pesquisar é contribuir para o processo de constante reconstrução do conhecimento, sendo o pesquisador o responsável por realizar o exercício de definir quais aspectos da realidade serão investigados e a forma que conduzirá o processo investigativo, posto que existem diversas maneiras de interpretar e analisar uma mesma realidade (Soriano, 2004). Neste contexto, a construção do conhecimento é um processo que exige muito de cada pesquisador, como métodos e técnicas que o apoiem a se aproximar de seu objeto de pesquisa dentro da realidade em que o mesmo ocorreu, tendo o percurso metodológico que descrever de forma assertiva cada uma das etapas que compõem um processo de investigação e tem o objetivo de captar e analisar as características do objeto em questão.

Segundo Bachelard (1978, p.147-148) o espírito científico é essencialmente uma justificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento. Julga o passado histórico, condenando-o. Sua estrutura tem sido a consciência de suas faltas históricas e cientificamente, pensa-se o verdadeiro como retificação histórica de um longo erro, de uma longa falha, isto é, pensa-se a experiência como a retificação da ilusão comum e primeira. Desse modo, toda a vida intelectual da ciência move-se dialeticamente sobre esta diferença do homem, na fronteira do desconhecido. “A própria essência da reflexão, é compreender que não se compreenderá”.

Nesse sentido, para a construção desta pesquisa traçaremos uma metodologia que possibilite a aproximação do pesquisador com a realidade do objeto investigado, permitindo que este possa aprofundar seu conhecimento acerca de tal realidade, bem como possa alcançar os objetivos delineados para pesquisa.

Feyerabend (1977) defende a ideia de que nenhuma metodologia pode ser definitiva, ou inflexível, uma vez que há um “labirinto de interações” que implicam a necessidade de flexibilidade e, muitas vezes, de violação dos métodos existentes.

Assim, na busca pela compreensão da realidade do objeto a ser estudado, a presente pesquisa está classificada segundo os objetivos propostos como de caráter exploratório, sendo esta desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral do objeto de pesquisa e maior familiaridade com o fenômeno estudado, para que assim, o pesquisador tenha a possibilidade de analisar o impacto da presença de mulheres no handebol máster e na representatividade/protagonismo feminino no esporte, ressaltando a importância da prática deste não somente no contexto de qualidade de vida, mas sobretudo, em relação à integração sociocultural destas mulheres na cidade de Manaus, tornando mais explícito ao pesquisador construir possíveis hipóteses que possam responder ao problema levantado (Gil, 2008).

A pesquisa adotará a abordagem qualitativa, pois esta considera a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Cabe enfatizar que para Triviños (1987, p.133) ao se utilizar a abordagem qualitativa, pode-se contar com maior liberdade teórico-metodológica para desenvolver seus trabalhos, pois os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente limitados pelas exigências de um trabalho científico.

A abordagem qualitativa é formulada com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização. Essa abordagem não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses, como acontece na abordagem quantitativa. Todavia, o que se considera como primazia é a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa. Não se trata de mera observação, mas de observação e interpretação de situações e acontecimentos (Goldenberg, 1997, p.34).

Entretanto, é relevante destacar que, assumir o aporte teórico-metodológico de abordagem qualitativa não gera a exclusão dos aspectos quantitativos, tendo em vista que o objetivo da pesquisa qualitativa é aprofundar o conhecimento acerca do tema da pesquisa e dos sujeitos enquanto parte ativa da sociedade. Dessa forma, considerar-se-á a qualidade nesta pesquisa pela necessidade de captar a subjetividade e seus significados, mas também conhecer de perto o fenômeno estudado, seus sujeitos enquanto agentes nas coletividades sociais (Gil, 2008).

Nesse contexto, pretende-se interpretar a realidade, buscando aprofundar a temática, principalmente, no esforço de compreender o outro, o diferente, uma vez que as coisas e as pessoas trazem em si suas contradições, onde nem tudo é

verdadeiro, está pronto e acabado. Onde há sempre uma verdade a ser dita e vista, onde os instrumentos e técnicas são necessários para demonstrar e atingir com clareza a veracidade dos conceitos envolvidos na pesquisa (Gil, 2008).

A escolha do lócus da pesquisa considerou o campo esportivo como um espaço de reprodução e contestação das relações sociais, onde se articulam dinâmicas de poder, identidade e pertencimento. Dessa forma, para garantir a precisão e relevância das informações coletadas, os seguintes locais foram definidos como lócus da pesquisa:

Liga de Handebol do Amazonas: um espaço institucional que reflete as práticas e o habitus esportivo local, sendo central para a organização do esporte na região.

Clube de Handebol Master – As Amazonas Hand Master: um clube que congrega ex-atletas, proporcionando um campo de estudo sobre a continuidade da prática esportiva e sua influência na qualidade de vida das mulheres.

Clube de Handebol – Hand Manaus: um clube ativo na formação e desenvolvimento de atletas, essencial para compreender as dinâmicas de inserção e manutenção de capitais esportivos.

Clube de Handebol – Itacoatiara Hand Master: localizado fora do centro urbano de Manaus, este clube oferece uma perspectiva sobre a prática esportiva em diferentes contextos socioculturais dentro do estado do Amazonas.

Esses locais foram escolhidos por sua relevância na cena esportiva do Amazonas e por serem representativos das diversas maneiras pelas quais o handebol influencia a vida das mulheres na região, tanto no campo esportivo quanto na integração sociocultural.

O estudo teve como universo de pesquisa 11 mulheres, das quais 10 foram indicadas por instituições previamente definidas como lócus da investigação e uma participante que voluntariamente manifestou interesse em relatar sua história de vida. Essas mulheres, ex-atletas de alto rendimento, contribuíram de maneira significativa para o handebol no Amazonas, destacando-se em competições nacionais e incorporando o esporte como elemento central em suas trajetórias pessoais e coletivas.

Entre as participantes, destaca-se Rosileide Carmina Soares Araújo, delegada de polícia civil aposentada desde o início da pandemia. Atualmente, ela dedica-se ao cuidado da mãe centenária e aos 63 anos, mantém uma vida ativa praticando handebol, vôlei de praia e corrida de rua. Rosileide iniciou no handebol aos 10 anos,

integrou a seleção pernambucana estudantil e universitária e participou dos Jogos Universitários Brasileiros (JUB 's) até os 28 anos. Em 02 de outubro de 2024, a pesquisadora buscou informações com Rosileide sobre o evento Copa Acácia e a história da equipe Handelada.

Maria Joziane Pinto Amaro, empresária do setor hoteleiro e formada em Educação Física, também foi uma peça fundamental na pesquisa. Aos 56 anos, Maria integrou a seleção pernambucana e conquistou o campeonato brasileiro no último JUB 's, em 1989, no Maranhão. Ela é cofundadora da Copa Acácia junto com Rosileide. Na mesma data, a pesquisadora solicitou informações adicionais sobre o evento por meio de mensagens via WhatsApp.

Outra participante que se destacou foi Maria Elieyde Pereira Menezes, radialista e locutora da Rádio Difusora há 30 anos, que pediu para participar da pesquisa. Ex-atleta patrocinada pela indústria no Amazonas, Elieyde concedeu uma entrevista individual na residência da pesquisadora, reforçando o vínculo criado pelo esporte.

As entrevistas também incluíram outras ex-atletas que seguiram trajetórias diversas: Dori Vania da Costa Cunha, agrônoma e administradora de redes sociais em um escritório de advocacia; Cléova Maria Guimarães dos Santos, empresária no setor de turismo; Magaly Cordovil Martins, pedagoga e dona de casa; Divaneide de Oliveira Batista Nogueira, diarista e colaboradora em um café regional; Lindinauria Ferreira Campos, formada em Recursos Humanos e atuante no setor de segurança do trabalho; Rosineide Ramos Gomes (Cafú), tecnóloga em estética e aposentada; Dina Dias Vasconcelos, empresária no ramo de autopeças; Elinilma Maria Martins da Costa, enfermeira; e Edilza de Lima Cursino, professora de Educação Física.

Essas mulheres foram selecionadas por sua representatividade no cenário esportivo e por suas contribuições à compreensão do impacto do handebol no processo de envelhecimento e na promoção da qualidade de vida. As entrevistas individuais e em grupo ocorreram em diferentes locais, como residências, ambientes de trabalho e plataformas virtuais, capturando as nuances do habitus esportivo que se mantém e se transforma ao longo de suas vidas.

Por meio de suas histórias, torna-se possível analisar como o esporte promove a integração sociocultural e amplia a representatividade feminina em Manaus, destacando o papel do handebol na ressignificação do envelhecimento e no fortalecimento do bem-estar coletivo.

O estudo contou também com a participação de três professores e técnicos de handebol, selecionados pela relevância de suas contribuições ao desenvolvimento desse esporte no Amazonas, além de um radialista que, ao tomar conhecimento da pesquisa, manifestou interesse em participar. Essas entrevistas evidenciam o papel fundamental desses agentes no fortalecimento do handebol como prática esportiva e cultural na região.

Entre os participantes, destaca-se Almir Albuquerque dos Santos Júnior, professor de Educação Física formado pela Universidade Castelo Branco, no Rio de Janeiro. Proprietário da Hulk Organização Esportiva, ele também é presidente fundador da Brazil Master Cup, da Liga Master de Handebol de São Paulo, e conselheiro fundador da Copa América de Handebol Master. Em 29 de setembro de 2024, foi realizada uma conversa com Almir via WhatsApp, explorando suas experiências e perspectivas sobre a organização do esporte em diferentes esferas.

Walmir Alencar, professor aposentado de Educação Física da Escola Técnica Federal do Amazonas, também foi entrevistado. Ex-diretor-presidente da Vila Olímpica de Manaus nos anos 1980, ele atuou como técnico da seleção amazonense, campeã brasileira em 1976 e 1978, e como auxiliar técnico da seleção brasileira. A entrevista ocorreu em sua residência no dia 17 de julho de 2024. Walmir enfatizou sua abordagem humanista no treinamento, preocupando-se com o bem-estar das atletas para além do desempenho esportivo. Ele destacou como muitas ex-atletas, após deixarem as competições, prosperaram em diversas áreas profissionais, como educação, medicina e direito.

Auricélio Andrade Pessoa, professor de Educação Física e atual presidente da Liga de Handebol do Amazonas até dezembro de 2024, além de presidente da Federação Amazonense de Desporto Escolar, também contribuiu para a pesquisa. Sua entrevista foi realizada em 17 de outubro de 2024, nas instalações da Liga, onde ele compartilhou reflexões sobre a gestão e promoção do esporte na região.

O radialista Eduardo Monteiro de Paula, jornalista da Rede Amazônica de Televisão e ex-atleta de handebol, foi outro participante relevante. Junto com seus irmãos Edgar e Evandro, Eduardo desempenhou um papel pioneiro na introdução e desenvolvimento do handebol em Manaus. Sua entrevista, realizada em 24 de agosto de 2024 no Morada Café, reforçou a importância dos relatos históricos e memórias vivas na consolidação dessa modalidade esportiva no contexto regional.

Os depoimentos coletados não apenas resgatam a memória esportiva do Amazonas, mas também revelam as complexas interações entre o esporte, a construção da identidade e o desenvolvimento social. A participação dos agentes entrevistados evidencia o papel estrutural e cultural do handebol como prática esportiva, destacando sua capacidade de ampliar a representatividade e fortalecer a integração sociocultural no contexto de Manaus. O objetivo central da pesquisa foi analisar de que maneira a participação de mulheres no handebol máster influencia a representatividade e o protagonismo feminino no cenário esportivo local. Esse enfoque permitiu evidenciar tanto a contribuição do esporte para a qualidade de vida das ex-atletas quanto sua relevância na promoção da integração sociocultural durante o processo de envelhecimento, ressaltando os efeitos positivos do esporte na vida dessas mulheres e na comunidade em que estão inseridas.

A coleta de informações foi realizada em duas etapas principais: a) entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas, registradas por meio de anotações e gravações; e b) análise dos dados coletados. As entrevistas ocorreram tanto presencialmente quanto por meio de tecnologias digitais, como WhatsApp e Google Meet, de acordo com a conveniência e preferência de cada participante. Todas as conversas foram gravadas utilizando o gravador do celular da pesquisadora, possibilitando sua transcrição para análise posterior. O tempo médio de duração de cada entrevista foi de aproximadamente uma hora.

Embora a pesquisa apresentasse riscos mínimos, foram adotadas medidas para minimizar quaisquer desconfortos aos participantes. As entrevistas foram realizadas de forma individual, em locais, dias e horários escolhidos pelos próprios sujeitos, assegurando um ambiente reservado e acolhedor. Assim, garantiu-se a liberdade dos participantes para responder ou recusar qualquer pergunta, respeitando suas preferências e limites.

A única exceção a esse formato foi com as atletas de Itacoatiara, que optaram por realizar a entrevista juntas, utilizando o Google Meet como plataforma. Essa flexibilidade no método de coleta reflete o compromisso ético da pesquisa em respeitar as particularidades de cada sujeito, assegurando que sua participação ocorresse de forma confortável e espontânea.

Essa abordagem metodológica, ao combinar métodos presenciais e digitais, permitiu captar de maneira mais ampla e detalhada as percepções das participantes,

fornecendo subsídios valiosos para compreender a complexa relação entre esporte, envelhecimento e protagonismo feminino no contexto de Manaus.

A interação estabelecida durante o processo de coleta de dados refletiu uma relação dialógica com os participantes, em consonância com Soriano (2004, p. 135), que ressalta a relevância de envolver os sujeitos de forma reflexiva e crítica na construção do conhecimento e na transformação de sua realidade. Essa perspectiva foi central para o desenvolvimento da pesquisa, pois reforçou o papel ativo das participantes no compartilhamento de suas histórias e experiências, contribuindo para a validação dos dados coletados.

Salienta-se que o método adotado, ao promover uma interação direta e comunicativa, possibilitou a obtenção de informações mais precisas e contextuais. A dinâmica estabelecida durante as entrevistas não apenas facilitou o esclarecimento de dúvidas e questões emergentes, mas também aprofundou a compreensão das vivências relatadas. Dessa forma, a abordagem garantiu a captação de nuances e particularidades das trajetórias das participantes, enriquecendo a análise e ampliando as possibilidades interpretativas do estudo.

Na presente dissertação, buscamos explorar a influência do esporte na vida das mulheres, com foco específico no handebol máster e seu impacto na qualidade de vida de ex-atletas em processo de envelhecimento. O trabalho está estruturado em três capítulos que abordarão de forma detalhada os temas propostos.

O Capítulo I, intitulado "A Trajetória da Mulher no Esporte: Desafios, Conquistas e Perspectivas de Saúde", oferece uma visão abrangente sobre a presença feminina no esporte. Este capítulo examina o papel das mulheres no mundo esportivo, destacando suas contribuições e os desafios enfrentados. Inicia com uma análise das opiniões de Pierre de Coubertin sobre as mulheres no esporte e como suas ideias influenciaram o contexto esportivo ao longo da história. Em seguida, explora os primeiros momentos da participação feminina em competições esportivas, fornecendo um panorama da evolução da presença das mulheres no esporte. Por fim, o capítulo faz uma breve análise sobre a saúde feminina no contexto esportivo, considerando as implicações para o bem-estar das atletas.

O capítulo II, intitulado Handebol como Trabalho e Produto Sociocultural, explora as múltiplas dimensões que posicionam o handebol não apenas como prática esportiva, mas como uma expressão de trabalho e produção sociocultural, especialmente no contexto amazônico. Inicialmente, o handebol é discutido enquanto

um campo de interações sociais que reflete e gera identidades coletivas, demonstrando como essa modalidade transcende o âmbito competitivo para atuar como elemento integrador e mobilizador de valores culturais. O foco no handebol máster revela sua potência enquanto instrumento de integração sociocultural, promovendo encontros intergeracionais e fortalecendo laços comunitários por meio de eventos esportivos que celebram tanto o desempenho quanto a memória afetiva dos participantes. No recorte amazônico, o capítulo destaca a relação entre a Zona Franca de Manaus (ZFM) e o esporte, investigando como o modelo econômico da região influencia e é influenciado pelo desenvolvimento do handebol máster. Assim, emerge uma análise que conecta esporte, economia e cultura, ressaltando o papel do handebol máster na articulação de redes sociais e na valorização das especificidades regionais.

O capítulo III, Identidade e Pertencimento: Resignificação do Papel Social de Ex-Atletas no Pós-Carreira em Manaus, aprofunda a análise sobre os processos identitários e a construção de pertencimento das ex-atletas de handebol na Amazônia, com destaque para a cidade de Manaus. Inicialmente, é traçado um panorama da identidade feminina no esporte, evidenciando os desafios e as conquistas que moldaram a participação das mulheres em uma esfera historicamente marcada por barreiras de gênero. Em seguida, o capítulo discute como as ex-atletas ressignificam seu papel social após a trajetória competitiva, utilizando o conceito de "descida do pódio" como metáfora para a transição entre o protagonismo esportivo e a integração em novos papéis sociais, comunitários e culturais. A análise privilegia a experiência das ex-atletas amazonenses de handebol, revelando como a memória coletiva, a rede de relações construídas no esporte e o senso de pertencimento regional contribuem para que essas mulheres se reinventem como agentes de transformação sociocultural, preservando o legado esportivo e promovendo novos significados para sua atuação na sociedade.

Com o presente estudo esperamos evidenciar como a prática contínua do handebol máster não apenas contribui para o bem-estar físico e mental das ex-atletas, mas também fortalece sua integração sociocultural, promovendo uma maior visibilidade e reconhecimento em Manaus. Por fim, acreditamos que o handebol máster desempenha um papel fundamental na manutenção da identidade esportiva das mulheres e na promoção de uma vida ativa e saudável na terceira idade, desafiando normas e ampliando a representação feminina no esporte.

CAPÍTULO I - A TRAJETÓRIA DA MULHER NO ESPORTE: DESAFIOS, CONQUISTAS E PERSPECTIVAS DE SAÚDE

1. 1 A mulher no mundo do esporte

Iniciamos nosso estudo com a ideia de que, para compreender de forma adequada o empreendimento desencadeado pela mulher no universo esportivo para situar seu lugar nele, e de modo particularmente significativo no campo do Handebol amazonense, é essencial traçar o caminho histórico de seu protagonismo, como forma de delinear os percalços, as oportunidades e as contradições contidas nessa trajetória. No entanto, é importante salientar que nossa intenção aqui não é esgotar o tema, pois, reconhece-se que o esporte é um elemento presente em todas as sociedades, não sendo possível pensá-lo apenas como uma invenção puramente ocidental. Por isso, muitas percepções ligadas à sua ordem, espraiadas em uma miríade de tradições culturais certamente não estão isentas de escaparem à apreensão. Este pensamento, é algo que se considera relevante destacar. Apesar disso, o foco desta seção é sobre as noções e práticas ocidentais que envolvem o esporte, levando em conta os sucessivos desdobramentos do papel feminino, da antiguidade até a contemporaneidade.

Dos tempos primitivos ao final da Idade Média, o esporte se confundia com os rituais religiosos e com o abate de caça, época em que já se percebia o envolvimento e a participação da mulher em atividades de linguagem e expressão corporal natural, fato este que se manteve até o período da Grécia Antiga - de estrutura social patriarcal (Miragaya, 2002). Percebe-se aí o imperativo envolvimento desta construção humana na rotina do dia a dia.

Sob o domínio Romano, o imperador Teodósio proibiu as práticas esportivas por considerá-las festas pagãs. Desta forma, os primeiros registros esportivos de cunho oficializado encontrados referem-se aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, datando de 776 a.C. a 393 d.C., as chamadas Panatéias. Segundo Miragaya (2002), estes eram considerados o evento esportivo mais importante do mundo. Duraram 12 séculos (até 393 d.C.), e foram abolidos após a conquista da Grécia pelo imperador romano Teodósio II, por causa do mau relacionamento entre gregos e romanos, da

brutalidade e corrupção que ocorria durante os jogos e por considerar que as práticas esportivas se revestiam de um caráter pagão (Miragaya, 2002).

Em relação à participação feminina, conseguiu-se reunir informações de que uma das poucas formas de mulheres participarem das Olimpíadas da antiguidade era indiretamente, como foi o ocorrido quanto a participação da princesa espartana Kyniska, sendo esta, a primeira a ganhar uma medalha de ouro nos Jogos, e ter seu nome incluído entre os 'heróis'. Ela era a criadora dos cavalos de raça que foram vencedores nos Jogos de 396 a.C. e de 392 a.C. (Miragaya, 2002).

Durante toda a Idade Média, os espetáculos públicos tornaram-se assunto privado, conforme explica Rubio e Simões (1999), mas, ainda assim, mulheres tanto quanto homens envolveram-se numa ampla variedade de jogos com bola. No entanto, é a partir do século XII, período do feudalismo e cruzadas que a mulher passa a ser vista para além do papel social a ela designado, de cuidado e reprodução.

Apesar desse avanço, é somente a partir do final do século XVIII e início do XIX, em meio ao início do protestantismo, à revolução industrial e posteriormente a revolução francesa, que a mulher passa a participar mais ativamente da vida pública, conforme explica Muraro (2002). No esporte não é diferente, os cavalheiros ingleses passaram a levar suas esposas a competições de boxe e de remo, corridas de cavalos e alguns outros eventos. Um dos esportes mais populares da época, o boliche, ainda que uma prática masculina, contou com grande participação feminina principalmente na Inglaterra, o que veio acontecer com outras modalidades como o cricket, o bilhar, o arco e flecha, formas rudimentares do que viria a ser o futebol e algumas atividades praticadas na neve, estendendo-se a países continentais como Alemanha e França (Rubio e Simões, 1999).

Nesse período, as mulheres participavam como dançarinas ou acrobatas para divertimento de convidados, sem nenhum caráter esportivo. Neste ponto cabe uma consideração, já que ao longo do tempo, ainda na Idade Média, as mulheres começaram a participar das mesmas atividades esportivas junto com os homens, envolvendo-se em jogos populares com bola. Nesse aspecto, Coubertin (2015) percebe os elementos da linguagem e expressões através dos movimentos corporais, nas habilidades como força, resistência e velocidade. Assim, pode-se perceber a capacidade e competência feminina, reconhecendo a importância da educação física feminina e passou a acreditar que as mulheres deveriam se envolver em atividades esportivas, inclusive competindo entre elas, porém fora da vista do público masculino,

mais por razões de raízes antropológicas e culturais do que fisiológicas (Coubertin, 2015). A ideia inicial girava em torno de apenas reproduzir fielmente a estrutura Grega em seus valores e os costumes das sociedades da antiguidade clássica, buscando a reprodução fiel desses aspectos clássicos nos jogos olímpicos da contemporaneidade, decerto sem negar a participação das mulheres. Todavia, apenas como espectadoras nos primeiros jogos olímpicos da era moderna.

Com a chegada do século XX, temos outras percepções e alcances rumo à participação feminina no esporte. As Olimpíadas de Paris de 1900, por exemplo, revelaram lacunas na organização e a falta de coesão do Conselho Olímpico Internacional - COI no controle do programa dos jogos, o que permitiu que duas modalidades fossem destinadas às mulheres, culminando com a inclusão do golfe e tênis femininos, onde não havia contato físico e eram considerados esteticamente belos como aponta Devide (2002). Este acontecimento consagrou à britânica Charlotte Cooper o título de primeira campeã olímpica, conquistado no tênis feminino.

Nos Jogos de 1912, em Estocolmo, depois de uma batalha que durou vários anos permitiu-se a participação feminina em provas de natação. Entretanto, as atletas norte-americanas foram impedidas de competir, pois o Comitê Olímpico Americano - COA não permitia que elas participassem de modalidades que não usassem saias longas, ocasião em que, na forma de protesto as tenistas também se recusaram a competir no evento (Devide, 2002).

Em 1916, os Jogos Olímpicos não foram disputados, em decorrência da primeira guerra mundial. Em 1917, a francesa Alice Milliat reivindicou ao COI o direito de as mulheres terem o mesmo programa olímpico que os homens. Em face da negativa, Milliat fundou em 1921 a Federação Esportiva Feminina Internacional - FEFI. No ano de 1922 em Paris, foi organizada a primeira edição dos Jogos Olímpicos Femininos com exclusiva participação das mulheres, que reuniu cerca de 300 atletas em onze provas e mais de vinte mil espectadores (Oliveira; Cherem e Tubino, 2008).

Após a primeira edição, a FEFI reeditou o evento com o nome de Jogos Femininos Mundiais (The Women's World Games) a cada quatro anos, até 1934, com um programa de provas maior que a realizada nos Jogos Olímpicos e incluía modalidades comumente proibidas, como as provas de salto e longas distâncias do atletismo. A perseverança de Alice Milliat, em conjunto com outras mulheres, idealizadoras e protagonistas da participação feminina nos Jogos Olímpicos, aos

poucos, levou o COI a inserir as modalidades do atletismo no programa olímpico para as mulheres (Miragaya, 2002).

Os Jogos de 1932 (Los Angeles) e 1936 (Berlim) foram marcados por um aumento considerável de mulheres atletas competindo, chegando a representar 10% do total de participantes. De lá para cá, esses números têm sofrido transformações tanto no que se refere ao aumento de modalidades como à quantidade de participantes femininas. Na última Olimpíada ocorrida no Brasil em 2016, as mulheres representavam cerca de 45% dos participantes em 28 modalidades diferentes (COI, 2016). Essa transformação, porém, não ocorre no que tange à participação destas nos órgãos decisórios, onde o predomínio masculino se mantém ao longo dos mais de 100 anos, é o que afirmam Rubio e Simões (1999).

A mulher atleta pós-moderna possui novas histórias que marcam o seu tempo, e, assim, podemos conhecer a força da sua presença. A história dessas mulheres mostra a transição de seu papel secundário nas sociedades ocidentais, como já foi possível observar no encadeamento de sua trajetória histórica, anteriormente aludido, para protagonista, como representante de seu Estado nacional. É interessante perceber que a mulher atleta, dentro e fora de quadra, precisa enfrentar desafios que foram impostos pela dominação masculina, isso inclui questões culturais, sociais, biológicas e psicológicas (Simões, 2005).

A expansão do fenômeno esportivo pode ser identificada como um dos motivos pelos quais foi possível o Brasil participar dos Jogos Olímpicos de 1924. Goellner (2005) afirma que, foi o improviso de uns cidadãos e o entusiasmo de outros que garantiram a presença do país nos Jogos. Na Olimpíada de 1928, o espírito entusiasta não se manteve, o Brasil não participou por falta de verbas. Na Olimpíada de 1932, sediada em de Los Angeles, o Brasil registrou a participação da sua primeira atleta: a nadadora paulista Maria Lenk, então, com 17 anos de idade (Oliveira; Cherem e Tubino, 2008).

Dessa maneira, prossegue-se na compreensão de que a partir do exposto, paulatinamente, os indícios da presença feminina nas práticas corporais de quase todas as atividades esportivas no transcurso histórico ocidental, têm permitido, simultaneamente, a percepção de uma transformação cultural de sua natureza, isto é, uma transformação no campo das representações socioculturais a seu respeito.

O desejo de ampliar a participação feminina em espaços esportivos predominantemente masculinos, fez com que a sociedade brasileira se mobilizasse,

o que culminou na organização de competições, em alguns centros urbanos, para a participação exclusivamente feminina, cujas primeiras edições aconteceram, respectivamente em, 1935, nos Jogos Femininos do Estado de São Paulo; em 1949, nos Jogos da Primavera no Rio de Janeiro; e em 1954, nos Jogos Abertos Femininos em Porto Alegre (Goellner, 2005).

Segundo Mourão (2000), os Jogos da Primavera se constituíram uma grande festa esportiva e estética, e ajudou a popularizar o esporte entre as mulheres. Analisando os "Jogos da Primavera", verifica-se que o esporte feminino passou por uma mudança substancial na medida em que a mulher esportista teve espaço na mídia, ganhando força junto à opinião pública. Logo, os Jogos possibilitaram e favoreceram a transformação das representações restritivas à prática do esporte feminino. Assim, os Jogos se constituíram evento de grande participação pública e, neste particular, de mulheres (Mourão, 2000).

O Decreto assinado pelo então Presidente do Conselho Nacional de Desportos - CND, General Eloy Massey Oliveira de Menezes (Deliberação nº 7 de 1965) garantia que não era permitida às mulheres a prática de modalidades esportivas. Assim, no Brasil da época a intensificação dos discursos médicos que corroboram essas narrativas negacionistas se evidenciaram. Isso incluía considerar o esporte, danoso ao corpo feminino, propagando a ideia de que, ao jogar futebol, as mulheres iriam se distanciar da sua função social: a maternidade.

No entanto, a forte pressão da sociedade civil contribuiu para levar à derrocada de tal deliberação, sendo esta, enfim, revogada e substituída pela Deliberação nº 10 de 1979 que, ao contrário, permitiu a possibilidade de as mulheres praticarem e competirem em quaisquer atividades esportivas. Vale, neste ponto, contudo, mencionar que, mesmo em meio às proibições enunciadas mundo afora, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, o futebol feminino, por exemplo, foi alcançando cada vez mais destaque mundial e, tanto as mulheres inglesas como as brasileiras, por exemplo, continuaram praticando o esporte, mas, de forma discreta.

À época no Brasil, partidas de futebol aconteciam como eventos beneficentes porque para o CND esses eventos não se caracterizavam como prática esportiva. Todavia, no transcurso do tempo, as transformações culturais e sociais delineadas no mundo ocidental, bem como, a superação dos desafios do esporte impostos às mulheres suscitaram novas perspectivas para tornar a trajetória feminina no esporte mais significativa. Assim, o caminho para o protagonismo não se desenhou fácil ou

mesmo oportuno sem que as mulheres, por si mesmas, não se aventurassem em busca de processos de ruptura com a dominação masculina para a sua inserção no esporte, tanto em âmbito nacional quanto internacional. Convém aqui, neste ponto, prosseguir deixando claro ainda, que como em outros campos sociais, o esporte tem muito que evoluir para garantir a equidade de gênero e que existem muitas lacunas a serem preenchidas e barreiras a serem derrubadas para que homens e mulheres, de mãos dadas, possam desenvolver a excelência esportiva, independente do gênero.

Apesar do avanço, a legislação ainda era restritiva, pois estava condicionada às representações sociais articuladas no âmbito da entidade internacional de modalidades esportivas, isso incluía realizar campeonatos e torneios oficiais com mulheres ou mistos. Caso contrário, deveria ser solicitada uma autorização ao CND para a modalidade ser praticada (Brasil, 1984). Apenas após a promulgação da Constituição Federal de 1988, que preconiza em seu artigo 5º o princípio da igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, foi que as mulheres desenvolveram o sentido de pertencimento adequado, ao se perceberem tuteladas em todos os âmbitos sociais, inclusive no esporte (Brasil, 1988).

Dito isto, importa salientar que, no final dos anos 50 e início dos anos 60, o Brasil viu despontar um ícone do esporte nacional, a tenista Maria Esther Bueno, que conquistou espaço no cenário esportivo internacional ao vencer o Campeonato de Wimbledon nos anos 1959, 1960 e 1965, na categoria individual, e em 1958, 1960, 1963, 1965 e 1966, na categoria de duplas (Goellner, 2005).

Em 1964, a atleta Aída dos Santos, foi a única mulher da delegação brasileira a ir aos Jogos Olímpicos de Tóquio e que bravamente conquistou o 4º lugar no salto em altura, conforme destaca Goellner (2005). Aída dos Santos obteve a melhor participação brasileira nas Olimpíadas, sem que tivesse técnico, ou mesmo as sapatilhas adequadas para a competição.

Em 1979, Joaquim Mamede de Carvalho e Silva, presidente da Confederação Brasileira de Judô, inscreve mulheres, utilizando nomes masculinos no campeonato Sul-americano de judô, na cidade de Montevideu, no Uruguai. Este artifício foi criado porque era proibida a participação feminina em esportes de lutas e artes marciais, pelo Decreto nº 7 de 1965. Das quatro judocas que participaram do Sul-americano, duas levaram medalha de ouro e uma medalha de bronze. Após ser descoberto e ser chamado para prestar esclarecimentos no CND, Mamede levou as atletas de quimono com as suas medalhas, no peito (Souza e Mourão, 2014).

A participação das atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos cresceu significativamente a partir dos anos 70, sendo que a primeira premiação com o ouro olímpico aconteceu em Atlanta, em 1996, no vôlei de praia para a dupla Jacqueline Silva e Sandra Pires. A ascensão na participação e premiação das atletas brasileiras permaneceu nas edições posteriores dos Jogos Olímpicos, tanto que na Olimpíada de 2016, ocorrida no Brasil, a delegação brasileira contou com a participação de 209 mulheres, um recorde de participação feminina, com destaque para Rafaela Silva que conquistou medalha de ouro no Judô e para a dupla Martine Grael e Kahena Kunze que também levaram o primeiro lugar na disputa de Vela (COB, 2016).

É, portanto, a partir desse enredo histórico, composto por sonhos, perdas, abandono e contradições, bem como de alegrias, que se desenha o cenário histórico particular do esporte brasileiro quanto à participação feminina. Dito isso, a partir de agora envidar-se-á esforços para abrir as portas e, assim, trazer para o centro da discussão a presença do Handebol, fulcro da intenção de nossa proposta.

O Handebol moderno foi iniciado no ano de 1919 pelo alemão Karl Schelenz, professor de Educação Física. Este visava à formação de uma modalidade esportiva para as suas alunas. Segundo a FIHb (Federação Internacional de Handball), este esporte surgiu a partir de três modalidades similares praticadas em três países europeus: a “Hazena” tcheca, o “Handbold” holandês e o “Torball” alemão, executados em campos similares ao do futebol, com equipes de até onze jogadores (Barbosa, 2013). Atualmente, o handebol ganhou uma proporção exorbitante, sendo difundido por todos os países e se tornado, por isso mesmo, mais reconhecido. No Brasil, só por volta de 1930 que esse esporte se expandiu, inicialmente no estado de São Paulo, ganhando repercussão em todo o país. Assim, no dia 16 de fevereiro de 1945 foi fundada a Federação Paulista de Handebol.

Convém prosseguir, sinalizando que o Handebol, na configuração de esporte de campo, foi inserido no estado de São Paulo por imigrantes alemães que vieram para o Brasil após a Iª Guerra Mundial, no início da década de 30. Foi a partir de então que os professores, afeitos à matéria, introduziram o Handebol nas escolas. Só em 1971 que o Ministério da Educação -MEC introduziu o Handebol entre os Jogos Estudantis e Universitários Brasileiros e desde então este vem ganhando repercussão (Caldas, 2003).

Sendo considerado um esporte de confronto e agressividade, no Brasil “[...] foi aceito como esporte feminino com mais facilidade do que o futebol” (Moura et al, 2010,

p.2). Assim, ainda que na literatura comum se encontre uma adjetivação que o posta como um esporte masculino a participação das mulheres durante o processo de surgimento do Handebol é mencionada de forma significativa pelo Museu do Esporte, ao destacar que nas primeiras práticas do esporte esse era feito somente por mulheres. Fato que também foi assinalado por Netto (2013) referenciado por Andres (2013) ao expor que:

O Handebol de Campo inicialmente era praticado somente pelo sexo feminino, em Berlim e num terreno reduzido de 40 x 20 metros. Devido a grande divulgação e o interesse em diversos lugares pela nova modalidade, o próprio Schellenz achou que o jogo poderia ser praticado também pelo sexo masculino, e alterou as regras. As principais mudanças feitas foram o aumento do campo para, inicialmente, 80 x 40 metros e a redução do tamanho da bola. (Netto, 1982 apud Andres, 2013, p.5).

Mesmo com a participação das mulheres desde o início no esporte, em relação a competições oficiais, sua presença enquanto atletas em competição, sempre foi posterior à dos homens. O primeiro campeonato alemão de Handebol foi realizado em 1922 para os homens, e para as mulheres em 1923. Nos Jogos Olímpicos, a primeira aparição do Handebol foi em 1936 na modalidade campo, com apenas homens competindo. Na modalidade salão, o esporte apareceu nas Olimpíadas de 1972, apenas com competidores do sexo masculino. As mulheres no Handebol só foram fazer sua primeira aparição nos Jogos Olímpicos em 1976, ou seja, muito tempo depois que os homens já haviam competido na categoria esportiva (Andres, 2013).

Assim, a partir do que foi mencionado até agora, convém prosseguir na compreensão de que para além de representatividade no esporte, as mulheres têm sua qualidade de vida impactada pela prática esportiva como um todo e, já que esta prática esportiva pode influenciar de maneira significativa a saúde e o bem-estar geral de quem está sob seu manto e, em última análise a capacidade cidadã na integração sociocultural na sociedade, o Handebol por sua vez, encontra seu lugar justamente como agente ativo nesse processo.

Dito isto, prossegue-se que, no Brasil, o Handebol foi introduzido principalmente pelos imigrantes alemães na década de 1930, como já o foi mencionado anteriormente, tendo como precursor Emil Shemehlin, na modalidade de campo, logo após a Primeira Guerra Mundial, sendo mais restrito ao estado de São Paulo, isso, até meados da década de 1960, quando o professor Augusto Listello

oportunizou um curso para professores de outros estados, dando ênfase ao ensino de um Handebol mais didático (Silva, 2006; Arantes, 2010).

A partir desse curso, o Handebol começou a ser praticado em todos os estados do Brasil, em específico nas escolas, se efetivando como uma prática desportiva em 1971, quando o Ministério da Educação e Cultura introduziu o Handebol nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's) e nos Jogos Universitários Brasileiros (JUB's). Os JEB's de 1972 contaram com 22 equipes, sendo 10 delas de mulheres e 12 de homens, e no ano seguinte (JEB's-1973) com 16 equipes de mulheres e 30 de homens (MIRAGAYA, 2002). Atualmente o Brasil tem hegemonia no Handebol no Continente Americano nas categorias de mulheres e homens. Com estimativas de 7 dos 687 clubes registrados, dos quais, 384 são equipes de homens e 270 de mulheres, chegando aproximadamente a 200 mil praticantes entre mulheres e homens na categoria adulta e juvenil.

Para as mulheres, trata-se de uma oportunidade de expressão de sua natureza. Assim, prossegue-se no entendimento de que o Handebol, além dos movimentos que descreveu para potencializar a ascensão e status feminino como esporte de rendimento, também pôde mostrar sua potência como vetor para o desenvolvimento das capacidades físicas, como coordenação, força e agilidade, estimulando a socialização e integração sociocultural. Além da troca de experiência, pôde se mostrar capaz de desenvolver a autoestima, o autocuidado, a consciência corporal, a capacidade de superação e o espírito de equipe das mulheres que fazem parte desse esporte.

A implantação desta modalidade esportiva na cidade de Manaus é percebida a partir dos conhecimentos gerados em documentos contendo relatos de memórias vivas e fatos do desportista Eduardo Monteiro de Paula Filho, precursor em nível regional do referido programa esportivo. Assim, tal percepção é corroborada pelo que ocorreu na participação deste desportista em 1966, ainda como atleta de voleibol. Eduardo Monteiro de Paula Filho jogava pelo Esporte Clube Pinheiros (SP). Assim, ao desenvolver o primeiro contato com o Handebol, assimilou-o em sua natureza. Desta maneira, o desenvolvimento e as articulações particulares do jogo foram trazidos, posteriormente, para serem praticados em Manaus, com algumas noções e regras básicas a partir do ano de 1970.

O irmão de Eduardo, Evandro Monteiro de Paula morava na Alemanha, onde teve contato pela primeira vez com essa modalidade esportiva. Este, observou

atentamente o esporte, assimilou como se jogava e, quando regressou a Manaus, trouxe consigo duas bolas de Handebol e junto com seus irmãos, Edgar e Eduardo, bem como, com outros desportistas locais, que jogavam voleibol, basquetebol e futsal naquela época, passaram a praticar o referido esporte. Aproveitando o ensejo da semana de aniversário do Atlético Rio Negro clube, o empresário Edgar Monteiro de Paula Filho por intermédio dos diretores das modalidades de voleibol e Basquetebol, solicitou da direção do clube que fosse incluído na programação de aniversário um jogo de apresentação da modalidade de handebol.

A ideia inicialmente era reunir jogadores de Voleibol e Basquetebol para compor as equipes de Handebol entre dois clubes de Manaus – Atlético Rio Negro e Olímpico Clube para essa exibição. De imediato foi aceito a solicitação e foi realizado em um sábado pela manhã na quadra de cimento do Atlético Rio Negro Clube, pois não existia o ginásio coberto.

O jogo foi marcado por dois fatos, primeiro pelo excessivo número de gols e, a pancadaria. Ficou evidenciado que por ser um esporte de contato físico, propiciava choques e empurrões, mas não houve conflitos com gravidades, situação que podemos relacionar a indisciplina e a negação do corpo numa maior compreensão dos seus movimentos corporais no espaço e tempo em busca do processo de construção dos esquemas corporais¹ (Paula Filho, 2024).

Dito isto, é importante neste momento destacar a participação feminina no esporte. A mulher amazonense também possui na história do Handebol contribuições significativas. Assim, é importante frisar que a história do Handebol no Amazonas, de modo particularmente significativo a história feminina do Handebol, está marcada pela rápida evolução das praticantes do esporte.

Tratam-se de mulheres amazonenses que logo garantiram os melhores resultados de forma precoce em campeonatos. Como exemplos, trazemos a conquista da medalha de ouro no Campeonato Brasileiro Feminino dos Jogos Escolares (JEB's) realizado em 1976, medalha de prata nos JEB's de 1977, o primeiro lugar no Campeonato Feminino Adulto de 1978 e o segundo lugar nos JEB's em 1979. Outras

¹ Neste contexto, Soares (2018) aborda sobre um entendimento de que a construção corporal precisa ser de corpo inteiro, e não dado em partes isoladas, como se pudéssemos separar o corpo da mente. E quando se tem a ideia de poder entrelaçar os sentidos, visão e audição, aliados ao movimento, se percebe que a construção do esquema corporal é fortemente influenciada pelas vivências pessoais. É, por isso, uma atividade que se enquadra em novas formas de linguagem corporal, utilizando a corporeidade.

marcas históricas incluem as sucessivas convocações e participações frequentes de jovens atletas nas seleções nacionais femininas a partir de 1982 até meados da década de 1990.

Neste particular, no cenário em que se destacam as mulheres amazonenses no Handebol é importante destacar a participação do Professor Walmir² como dirigente da equipe técnica nacional. Nesta perspectiva convém prosseguir no entendimento de que a força feminina em certa medida é expressão de mitos e representações do papel feminino de um modo geral na cultura amazônica. Assim, cumpre mencionar que a interpretação inicial da Amazônia sempre fora associada à exuberância, diversidade e exotismo, reservando à mulher uma posição representativa em sua narrativa.

Da Silva e Torres (2018) afirmam que há um entrelaçamento entre o imaginário feminino amazônico, pautado no mito das lendas das guerreiras Amazonas e a realidade da mulher amazônica, que hoje, é permeada de implicações relacionadas principalmente à noção de globalização. Isso inclui questões que estão em comum com as pautas eminentes não somente no Brasil, mas também no mundo. Isso significa dizer que a mulher amazonense hoje vem enfrentando atravessamentos de múltiplas ordens, integrando-as, em última instância, às inquietações produzidas nas outras mulheres de diferentes localizações geográficas.

É claro que o contexto geográfico tem grande peso quando pensamos em aspectos socioculturais de integração relacionados ao processo histórico de submissão e dominação masculina. Pode-se perceber como exemplo desse contraste, a conversa que há entre dois momentos históricos diferentes que, segundo Torres (2005) são marcados pela ameaça da troca dos papéis sexuais.

Assim, no período renascentista a noção desses papéis se encontra em oposição ao que acontece com as noções contidas na literatura imaginária da lenda das Amazonas, únicas que gozavam de liberdade igualitária aos homens. Costa (2005) aponta que a ideia da Amazônia pensada como inferno e paraíso carregado de sentidos e significados e realçados por lendas e mitos gerou expectativas além da

² Walmir Prado de Alencar foi um conhecido revelador de talentos do Handebol amazonense. Foi técnico da seleção feminina de Handebol do Amazonas. Sagrou-se campeão nos VIII Jogos Escolares Brasileiros- JEB's na cidade de Porto Alegre com a equipe feminina de Handebol estudantil e em 1978, dirigindo a seleção amazonense adulta feminina de Handebol, foi campeão no 1º campeonato adulto de Handebol feminino realizado na cidade de Belo Horizonte.

conta, porém, ainda é preciso compreender que, longe de ser um lugar paradisíaco ou infernal, possui um processo de colonização diferente dos demais locais.

Como resultado deste processo de colonização, hoje temos mulheres que buscam o seu lugar no processo dos avanços ocidentalizados, portanto, nas áreas do crescimento pessoal, social e profissional. Neste particular, o esporte vai de encontro a esses momentos, visto que, o processo de desenvolvimento do nosso Estado moderno andou acompanhado do crescimento de novas perspectivas mundiais, onde o esporte também ganhou oportunidades de ser um fenômeno que participa ativamente dos resultados dessas transformações e, as mulheres amazônidas caminham, resolutas, na trilha de seus sonhos.

1.2 O que pensava Pierre de Coubertin sobre a mulher no esporte.

Pierre de Coubertin nasceu em Paris em 1º de janeiro de 1863, filho de família aristocrática, batizado como Pierre de Frédy, depois passando a ser conhecido como Barão de Coubertin, adotou o nome de uma propriedade da família, que ficava nos arredores da capital francesa. Era um notável pedagogo, tinha opiniões específicas sobre a participação das mulheres no esporte que refletiam a mentalidade da época em que ele viveu. Sua visão sobre a educação e o papel das mulheres na sociedade era centrada no conservadorismo. Para compreender o pensamento de Coubertin sobre a mulher no esporte, é necessário contextualizá-lo dentro do período histórico em que ele viveu e examinar suas declarações e ações relacionadas ao assunto.

Dos tempos primitivos ao final da Idade Média o esporte se confundia com os rituais religiosos e com o abate de caça, época em que já se percebia o envolvimento e a participação da mulher em atividades de linguagem e expressão corporal natural, fato este que se manteve de 776 a.C. a 393 d.C., quando o imperador romano Teodósio proibiu as práticas esportivas por considerá-las festas pagãs.

Neste período as mulheres participavam como dançarinas ou acrobatas para divertimento de convidados, sem nenhum caráter esportivo. Ao longo do tempo, ainda na Idade Média, as mulheres começaram a participar das mesmas atividades esportivas junto com os homens, envolvendo-se em jogos populares com bola.

Coubertin percebe os elementos da linguagem e expressões corporais através dos movimentos e das habilidades como força, resistência e velocidade. Assim, este pôde identificar a capacidade e competência feminina, reconhecendo a importância

da educação física feminina e passou a acreditar com isso que as mulheres deveriam se envolver em atividades esportivas, inclusive competindo entre elas, porém fora da vista do público masculino. Isso se deu, mais por razões de raízes antropológicas e culturais do que fisiológicas. Sua ideia era apenas reproduzir fielmente a estrutura Grega em seus valores e costumes, buscando que os jogos olímpicos fossem idênticos às competições gregas da antiguidade, participando, as mulheres, apenas como espectadoras nos primeiros jogos olímpicos da era moderna.

Coubertin, como muitos de seus contemporâneos, acreditava que as mulheres tinham papéis distintos na sociedade. Dava ênfase nos aspectos relacionados à maternidade e na vida doméstica. A mulher era vista também como símbolo de fertilidade. Segundo os médicos e cientistas da época, o corpo feminino não tinha sido criado para o esporte e que a prática esportiva poderia afetar a maternidade, função única para a sociedade da época. Portanto, ele acreditava que a competição esportiva era considerada uma atividade "heroica" adequada aos homens por relacioná-la com as questões do condicionamento físico, força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade. Portanto, as mulheres deveriam se concentrar em seus papéis exclusivos daquele momento tradicional.

No entanto, mesmo dentro de sua vida, começaram a ocorrer mudanças sociais e culturais que desafiavam essas noções. As mulheres estavam cada vez mais exigindo seu direito de participar em todas as áreas da vida pública, incluindo o esporte. Com o tempo, a organização dos Jogos Olímpicos começou a incluir eventos femininos, embora Coubertin pessoalmente não tenha sido um forte defensor dessa inclusão.

Hoje, a visão de Coubertin sobre as mulheres no esporte é considerada ultrapassada e em desacordo com os princípios de igualdade e inclusão. Os Jogos Olímpicos modernos têm feito esforços significativos para promover a igualdade de gênero, tanto nos eventos esportivos quanto nas oportunidades para atletas de ambos os sexos.

Inicialmente tenha resistido à ideia, de que o corpo está associado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, à experiência vivida, à poesia, ao sensível e ao invisível, apresentando-se como um fenômeno complexo, não se reduzindo à perspectiva de objeto, fragmento do mundo, regido pelas leis de movimento da mecânica clássica, submetido à leis e estruturas matemáticas exatas e invariáveis (Merleau-Ponty, 1999).

Coubertin chegou a dizer também que era indecente ver mulheres torcendo-se no exercício físico do esporte. Todavia, começaram a ocorrer mudanças sociais e culturais que desafiavam essas noções, o que mais tarde impactou nas suas impressões pessoais sobre o assunto. Assim, acabou se tornando com o passar do tempo mais tolerante em relação às mulheres. Nesta senda, chegou mesmo a apoiar a inclusão de eventos femininos nos Jogos Olímpicos a partir de 1900, eventualmente levando a um reconhecimento das mulheres no esporte.

Reitera-se que, Coubertin, inicialmente não era favorável à ideia de incluir competições femininas nos Jogos Olímpicos modernos, desta forma vendo-os como uma celebração da masculinidade. Assim, buscava reviver a tradição dos antigos Jogos Olímpicos gregos. Uma olimpíada com mulheres seria impraticável, desinteressante, ridícula e imprópria, disse Coubertin há cerca de 120 anos. À época, esta mentalidade se revestia de preconceito, parecendo chocante e revoltante ao olhar atual.

Essa forma de percepção de mundo manteve-se relativamente ativa, embora, atravessada por tensões próprias suscitadas dos questionamentos que vinham no bojo das transformações políticas, sociais e culturais que dominaram todo o transcurso do século XVIII. A despeito do ocorrido, nos dias atuais ressalta-se que as impressões masculinizadas da mulher ainda impõem restrições e transformam-se em paradigmas postos à superação na temporalidade presente. Sob certas circunstâncias, escondendo nos discursos oficiais alguns traços estereotipados da discriminação em relação à mulher.

Dito isto, considera-se importante mencionar que o final do século XIX e o início do século XX foram marcantes e representaram pontos de transformação significativos para a mudança de paradigmas. Foram pontos, em última análise, responsáveis por colocar em xeque os ideais do Olimpismo como um estilo de vida associado ao esporte, à cultura e à educação. Nesse ímpeto, as concepções sociais de gênero amplamente tradicionais e patriarcais, que não viam com bons olhos a presença de esportes coletivos na programação e eram contra a participação de mulheres como atletas nas competições, aos poucos foram dando lugar a outras formas de impressões.

É importante notar que as opiniões de Coubertin sobre a participação feminina no esporte eram carregadas de dúvidas sobre a performance da mulher no esporte. Desta maneira, concorda-se com Paul Zumthor (2018) que a performance não é uma

soma de propriedades de que se poderia fazer o inventário e dar fórmula geral. Ela só pode ser aprendida por intermédio de suas manifestações específicas. Assim, as reflexões trazidas à baila nesse estudo, sobre a base do pensamento do Barão de Coubertin quanto à exclusão de mulheres nos jogos resvalam na verificação de que as questões levantadas por esse agente social foram deturpando e restringindo a presença feminina na vida esportiva, social e cultural do Ocidente. De tal monta que tais concepções foram se reproduzindo ao longo da história moderna, buscando uma naturalização que não pode se sustentar. A divulgação de temas polêmicos, as inúmeras citações utilizadas fora de seu contexto histórico e cultural, contribuíram para uma dedução maliciosa, tornando-o um adversário do esporte feminino.

1.3 Os primeiros momentos da mulher em competições

Os primeiros momentos da mulher em competições esportivas remontam ao século XIX, quando algumas pioneiras desafiaram as normas sociais que as excluía das atividades físicas. Desde então, as mulheres conquistaram espaço e reconhecimento no cenário esportivo nacional e internacional, superando barreiras de gênero, preconceito e discriminação. Assim, para uma compreensão mais ampla sobre mulheres em competição convém trazer para esse estudo a visão sobre o esporte de rendimento, a prioridade é oferecer um espetáculo que possa servir como fonte de entretenimento para um público interessado.

Entende-se que o esporte como um sistema ordenado de práticas corporais de relativa complexidade que envolve atividades de competição institucionalmente regulamentada que se fundamenta na superação de competidores ou de marcas/resultados anteriores estabelecidos pelo próprio esportista.

Seguindo esta lógica o esporte de rendimento provoca que se busque atividades desportivas que se sobrepõem através dos exercícios físicos para o bom desempenho e bons resultados nos espaços esportivos que não é um universo fechado em si, ele está inserido no mundo de práticas corporais com o poder de abranger as lutas da função legítima da atividade de práticas esportivas ao serviço das mais distintas finalidades: saúde, recreação e lazer, aptidão física, estética, reabilitação e inclusão.

Para Soares (2001) o corpo através de sua maturidade e de seus gestos traçam desenhos no espaço que lhe permite a compreensão de toda uma dinâmica de

elaboração de códigos, pelos quais se podem identificar hábitos, cultura e a história do atleta, já que os movimentos praxiológicos são capazes de transmitir uma comunicação visual e corporal.

Nesse particular, na dimensão competitiva do esporte existe também o triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas, a razão do ser, do brilho performático, a vantagem de uma vida ativa conhecida como um corpo sempre em movimento, flexível, exibidor de alegrias, energias, recordes e emoções fortes. Em todos os lugares assistimos a valorização da coragem e da liberdade de viver.

Assim, cada país tem suas heroínas que corroboram para o avanço da aceitabilidade feminina nesse universo tão masculino. Nas Olimpíadas, maior palco esportivo do mundo, podemos destacar com orgulho a atuação da francesa Alice Milliat, que após o feito foi até Paris para participar da primeira edição dos Jogos Olímpicos da era Moderna. Ela reivindicou junto ao COI (Comitê Olímpico Internacional), acompanhada de mais 10 mulheres, a permissão da entrada das mulheres em diversas modalidades, pedido esse que foi acatado de forma não oficial no ano de 1900.

No ano de 1928, o COI decidiu aprovar a inclusão de provas de atletismo para as mulheres nas Olimpíadas. Porém, nessa época, as mulheres ainda eram muito subestimadas no esporte e acreditava-se que elas não eram capazes de correr grandes distâncias, sendo então restritas às modalidades de curta distância no atletismo. Por conta disso, muitas outras mulheres passaram a protestar contra esse pré-julgamento, desafiando as regras ao participarem de provas que até então eram exclusivamente masculinas, como por exemplo, a Maratona de Boston, São Silvestre, entre outras, derrubando a ideia de que as mulheres eram frágeis para longas distâncias.

Foi somente no ano de 1936 que o COI decidiu reconhecer de fato as mulheres como atletas olímpicas, enquanto a presença de mulheres em corridas de longa distância foi parcialmente consolidada somente em 1984. Ainda assim, as mulheres só passaram a ter direito de participar de todas as modalidades olímpicas em 2012, o que é considerado ainda muito recente.

Nos jogos olímpicos de Los Angeles, em 1984, ano em que ocorreu a primeira maratona olímpica feminina da história dos jogos, Gabrielle Andersen protagonizou uma das cenas mais impactantes e emocionantes da história dos esportes, Gabriela Andersen-Schiess protagoniza uma chegada inesquecível em 05 de agosto de 1984

no coliseu de Los Angeles. A performance dessa atleta suíça de 39 anos foi considerada pelo público e pela crítica esportiva muito mais memorável que qualquer outra do dia, mesmo em relação à performance da vencedora (Por Globo Esporte.com — RJ18/06/2019).

Apesar da luta contra o calor excessivo e de parecer à beira do colapso físico total, ela deu a volta na pista, que parecia interminável. Às vezes só uma volta na pista pode ser um caminho sem fim. O público presente no estádio sentiu que presenciava algo especial. Levantou-se, enfim, para aplaudir cada passo incerto da atleta. A maratona nunca é fácil, mas essa, decerto, foi brutal. Em Santa Mônica, tudo começou com temperatura de 19 graus Celsius, mas quando a corrida acabou já tinha sido superada a marca dos 25 graus Celsius. Mas, pior do que isso, era a umidade, que estava perto de 95% (idem).

Gabriela Andersen-Schiess foi uma das primeiras 50 mulheres a disputar a mais dura prova de atletismo dos jogos, e terminou na 37ª posição, com 24 minutos a mais que a campeã Joan Benoit. Mas não foi o resultado que marcou a história de Andersen-Schiess em Los Angeles e sim, a lição dada pela resiliência que apresenta uma nova perspectiva em relação à força feminina no esporte. Entrou no estádio olímpico para passar pela linha de chegada após mais de 2 horas e 40 minutos de prova. Mas o desgaste dos 42 km de percurso cobrava um alto preço (idem).

A suíça mal conseguia se manter em pé e rapidamente os médicos se aproximaram para ajudá-la. Mas ela recusou, queria passar pela linha de chegada sem ajuda para não ser eliminada. Não era um ritmo para a conquista de uma medalha de ouro, mas, uma cadência para a superação de si mesma e de sua ordem. Foi, enfim, um motivo de bravura e orgulho sem precedentes históricos. Poucas performances esportivas representaram com igual vigor o espírito da competição, determinação e raça. Com essa volta, Gabriela Andersen-Schiess - zombando da antiga noção de que as atletas mulheres não tinham a coragem e vontade de enfrentar os mais duros desafios das longas distâncias -, assegura o lugar da mulher definitivamente no mundo do esporte mundial.

Hoje, as mulheres são protagonistas em diversas modalidades esportivas, como futebol, handebol, vôlei, atletismo, ginástica, judô e muitas outras, inspirando gerações de novas atletas e contribuindo para a valorização da mulher na sociedade. Algumas mulheres que se destacaram no esporte brasileiro foram: Maria Lenk,

nadadora que representou o país nos Jogos Olímpicos de 1932 e foi a primeira mulher a participar de uma competição oficial no Brasil.

No atletismo Odélia Vitor no Torneio de atletismo - salto em altura em 1978. hoje desenvolve atividades pedagógicas na cidade de São Paulo. Maria Nilba Reis Fernandes campeã brasileira e sulamericana adulto 1981, 1983 e 1985 no arremesso de peso e lançamento de disco. Orlane Maria Lima dos Santos campeã brasileira sul-americana no salto em altura e no Heptatlo juvenil e adulto, 1983 e 1984. Marleide, também como atleta, foi a última da safra do professor Geraldo Teixeira campeã brasileira salto em altura e vice campeã no Heptatlo - 1986, campeã norte nordeste, campeã brasileira universitária no salto em altura e vice campeã no salto triplo 1993. Orlane Santos que é recordista brasileira até os dias atuais, foi aos poucos conquistando Jogos Escolares, estaduais, regionais e campeonatos brasileiros e sul-americanos. Hoje é Presidente da modalidade atletismo por 2 mandatos e treinadora das equipes de Atletismo do Amazonas nas categorias infantil e juvenil.

No tênis de mesa Kathia Thomé campeã brasileira, no handebol feminino as campeãs brasileiras em 1976, Magaly Martins, Socorro Auzier Ramos, Clara Maria Pereira Pantoja, Dina Vasconcelos, Regina da Costa Pinto, Marinete Perdigão, Masra Nefretite de Abreu, Lucinha, Marilene Maia. Em 1978 campeãs brasileiras:

Magaly Martins, Socorro Auzier, Clara Pantoja, Margareth Monteiro, Maria Regina Kanawati de Figueiredo, Raimunda Freire, Marley Perdigão, Dina Vasconcelos, Dorivânia do Carmo Costa. Em 1979 vice-campeãs brasileiras: Margareth Monteiro, Maria Regina Kanawati de Figueiredo, Dorivânia do Carmo Costa, Rita Moraes, Rejane, Célia Regina, Thelma Guimarães, Raimunda Freire, Rosana Elizabeth, Marley Perdigão.

Nos Jogos Pan Americanos de Santiago, no Chile, Rebeca Andrade conquistou dois ouros, enquanto Flavinha Saraiva garantiu duas pratas. O Brasil não conquistava a medalha de ouro na ginástica desde 2007. No Campeonato Mundial de Ginástica, as duas também fizeram bonito: conquistaram, respectivamente, as medalhas de prata e bronze - esta última a primeira de Saraiva em disputas mundiais.

No skate street, Rayssa Leal, de apenas 15 anos, brilhou nas pistas e conquistou o primeiro ouro da modalidade, que foi estreante nos Jogos Pan Americanos de 2023. Nair Kanawati foi uma das maiores jogadoras do basquetebol brasileiro de sua época. Atleta que nos momentos difíceis do jogo, apresentava sempre uma solução. Nasceu em Brasilândia no Acre em 13 de fevereiro de 1927.

Chega a Manaus ainda criança. Aluna da escola Nilo Peçanha e do Colégio Amazonense Pedro II. Acadêmica da Escola Nacional de Educação Física/ RJ em 1947. Atuou em clubes como o Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Pinheiros e Palmeiras até ser convocada para a seleção brasileira em 1953 que alcançou o 4º lugar no campeonato mundial realizado em Santiago no Chile.

Segundo a Federação Internacional de Basquetebol – FIBA, Nair jogou cinco partidas com a seleção brasileira, fazendo 19 pontos, média de 3.8 pontos por jogo, com um percentual de 55,6% de aproveitamento nos lances livres. Atuou ao lado de jogadoras como Maria Helena e Cida Cardoso, à época atletas reconhecidas nacional e internacionalmente. Conquistou o primeiro título Sul-americano para o basquetebol feminino com a seleção brasileira.

Nair rompeu e venceu o próprio preconceito que seu irmão Felipe Kanawati desenvolveu à época em relação à prática feminina do esporte. Este, não admitia que ela jogasse basquete por considerá-lo exclusivo para homens. Assim, desafiou uma geração masculinizada, quebrando o tabu para alcançar a igualdade de gênero ou para praticar seu esporte. Seu nome, Nair Kanawati, está inscrito na história do basquetebol brasileiro. Para dar um exemplo, ela lutou contra tudo e todos para driblar a proibição que a impedia de realizar seus sonhos. Ela e muitas outras abriram um precedente pelo mero fato de competirem.

Aída dos Santos, primeira atleta olímpica do país em 1964, que competiu no salto em altura sem treinador, uniforme ou material adequado. Marta, eleita seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo e maior artilheira da história das Copas do Mundo feminina. Daiane dos Santos, primeira ginasta brasileira a conquistar uma medalha de ouro em um mundial, com o movimento batizado de "duplo twist carpado". Rafaela Silva, primeira judoca brasileira campeã olímpica e mundial, que cresceu na comunidade da Cidade de Deus e superou o racismo e a pobreza para alcançar o sucesso.

A presença da mulher na sociedade ocidental possui intensos momentos que são fruto de vivências marcadas pela exclusão e objetificação de seus corpos ao bel prazer dos desejos e ao poder masculino (Foucault, 1988). Esses momentos são frutos de histórias marcantes por conta da sua figura e representação na sociedade. Durkheim e Mauss (1981) apontam que a sociedade por muito tempo não foi simplesmente um modelo de acordo com o qual o pensamento classificatório teria trabalhado, pois, foram os próprios quadros da sociedade que serviram de quadros

ao sistema patriarcal que pregava a cultura de submissão feminina frente a figura masculina. Isso fez com que a mulher fosse vista ora como símbolo de fertilidade, ora como maldição, e já precisou de forças para se colocar em uma posição cultural de igualdade, mais livre e menos repressora de se viver, podendo ocupar espaços antes negados por seu sexo, como o esporte.

Isso demonstra que a evolução histórica da mulher na sociedade envolve mais do que simplesmente preconceitos, costumes e valores sociais, envolve a cultura social, base da formação das sociedades. Essa cultura, representa como Malinowski (2013) ressalta, a forma como o ser humano deve se comportar na sociedade, sendo esta a pedra angular da cultura. Mas cabe destacar que o fundamento essencial da cultura repousa na necessidade de modificação da dotação inata, pela qual a maior parte dos instintos naturais desaparecem, dando lugar a tendências plásticas, embora dirigidas, que podem ser moldadas através das respostas culturais.

As modificações na colocação da mulher como pessoa importante na sociedade e nas representações sociais são carregadas de histórias e momentos valiosos, em especial, quando observam-se as mudanças da cultura que envolve a mulher. Isso se reflete na inserção das mulheres brasileiras no mundo do esporte que data de meados do século XIX, mas é a partir das primeiras décadas do século XX que a participação desta se amplia, adquirindo, portanto, maior representatividade na sociedade.

Malinowski (2013) afirma que por muito tempo a sociedade operou com a natureza para repetir as felizes condições existentes no útero, quebradas pelo traumatismo do nascimento. Mas destaca que, apesar do longo tempo de submissão da figura feminina, não se pode deixar de reconhecer que o patriarcado, organização social das culturas superiores, marca na verdade a feliz solução de todas as dificuldades existentes para superação das desigualdades entre homens e mulheres. Entretanto, Boas (2011) salienta que qualquer avaliação da cultura que se faça, significaria que se escolheu um ponto para o qual se movem as mudanças e este ponto é o protótipo de nossa civilização moderna.

Nesse sentido, é preciso compreender que é importante lembrar que os fatores que influenciam o mundo feminino são trazidos consigo e se entrelaçam dentro de sua trajetória, em especial como atleta, ou seja, a cultura, a maternidade, o machismo, os fatores fisiológicos, as perspectivas de trabalho, a feminilidade, a sexualidade e todas as questões que permeiam os momentos na trajetória de vida da mulher.

E é essa cultura da sociedade que precisou ser revista e transformada para que as mulheres pudessem ocupar espaços nunca antes pensados e levar suas vozes a lugares onde jamais se pensou que pudesse ser possível na sociedade.

Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade. A situação da cultura entre as várias sociedades da humanidade, na medida em que possa ser investigada segundo princípios gerais, é um tema adequado para o estudo de leis do pensamento e da ação humana. De um lado, a uniformidade que tão amplamente permeia a civilização pode ser atribuída, em grande medida, à ação uniforme de causas uniformes; de outro, seus vários graus podem ser vistos como estágios de desenvolvimento ou evolução, cada um resultando da história prévia e pronto para desempenhar seu próprio papel na modelagem da história do futuro (Taylor, 2005, p.31).

A tomada da morfologia corporal como fundamento inquestionável na designação do sexo oblitera o fato de que o próprio corpo é visto desde um sistema histórico e social organizado em torno da noção de diferença sexual para fazer funcionar uma heterossexualidade compulsória. O “sexo” não é um atributo neutro e sua nomeação implica o corpo num campo político-discursivo que o constituirá para torná-lo viável e inteligível para o sistema no qual está inserido. O que se defende aqui é que tanto o gênero quanto o sexo e, em última análise, o próprio corpo são efetivamente alvos de moldagem por parte do plano político-discursivo que circunscreve suas existências. Isso ocorre mediante práticas institucionais diversas que, reiteradamente, buscam estabilizar uma coerência linear entre o ‘sexo’ de um corpo e o gênero que lhe é atribuído.

A mulher atleta pós-moderna possui novas histórias que marcam o seu tempo e assim conhecemos a força da sua presença. A história dessas mulheres mostra a transição de seu papel secundário na sociedade para protagonista como representante da sua nação. É interessante perceber que a mulher atleta dentro e fora de quadra precisa enfrentar desafios que foram impostos pela dominação masculina, sempre voltados em questões culturais, sociais, biológicas e psicológicas (Simões, 2005).

Como aponta Franz Boas (2011, p.110), a evolução histórica da sociedade oferece cada vez mais um quadro mais claro e mais simples sobre os desafios culturais enfrentados pela mulher ao longo da história. Mas esclarece, que o uso vago

do termo “cultura”, tal como ele emprega, “[...] não é uma unidade que significa que todos os aspectos da cultura devem ter tido o mesmo destino histórico”.

Das diferentes modalidades esportivas que conhecemos, algumas foram se constituindo historicamente como mais adequadas para homens e outras para mulheres. Diante disso, é preciso reconhecer que a participação feminina no esporte sempre foi alvo de muitas controvérsias, pois por séculos as mulheres foram impedidas de participar de qualquer atividade esportiva, sob diversas alegações, desde sua fragilidade física, passando pela sua condição materna, e até mesmo pelo fato de a arena esportiva fortalecer o espírito do guerreiro masculino. Sendo apontado como o único local o qual a supremacia masculina seria incontestável (Andres, 2013).

Assim, para além de representatividade no esporte, as mulheres têm sua qualidade de vida impactada pela prática esportiva e pela liberdade de estarem onde quiserem, já que esta pode influenciar sua saúde, bem como a sua integração sociocultural na sociedade que por muito tempo, em virtude do sistema patriarcal, fez com que elas permanecem reclusas em seus lares, submissas aos mandos e desmandos dos homens.

Essa demora nos leva a reconhecer que:

O sistema patriarcal, tal como o conhecemos, significa o reconhecimento da autoridade do pai e ainda a capacidade de aceitá-la com afeto, sem recorrer ao Sistema de direito materno ou a complicados tabus. Significa a domesticação do homem, a gradativa assimilação do complexo de Édipo. Afinal, o homem poderá encarar seu verdadeiro pai e viver com ele. (Malinowski, 2013, p.143-144)

Essa autoridade paterna, em muito, influenciou a vida e o modo de existir feminino da infância ao envelhecimento. Existem diversas variáveis referente ao processo de envelhecimento humano, desde redução da natalidade, mudanças socioculturais, avanço no conhecimento médico, avanços tecnológicos do tratamento de patologias que contribuíram diretamente para um aumento significativo de pessoas idosas e que alguns países, como o Brasil não estavam preparados para tal mudança, sendo necessário políticas públicas efetivas direcionadas para o público idoso (Barbosa; Concone, 2017).

Outro ponto fundamental a ser citado é a questão regional que também influencia na representatividade e integração sociocultural dessa mulher, pois esta é importante em virtude do reflexo cultural que pode exercer sobre as mulheres. No

Brasil, temos um vasto território, diferentes modos de falar, histórias e maneiras de viver. O Norte, região onde acontecerá a narrativa desse estudo, também possui suas peculiaridades que não podem ser comparadas a outras regiões. Manaus, capital do Amazonas, parte da região Pan-Amazônica, maior floresta do mundo, tem sua saída para outros estados quase resumidamente presa a meios fluviais e aéreos.

Destaca-se, ainda, que o esporte, enquanto prática social, reflete e reproduz dinâmicas de poder, sendo marcado pela competição, regulamentação e institucionalização. Sua influência ultrapassa os limites do ambiente esportivo, reforçando hierarquias e desigualdades presentes na sociedade. A identidade do atleta é frequentemente associada ao êxito ou fracasso, evidenciando como o desempenho e a vitória são supervalorizados em detrimento de outras dimensões do desenvolvimento humano. Embora a dedicação, a disciplina e o treinamento sejam apontados como determinantes do sucesso, é fundamental reconhecer que fatores estruturais e contextuais também condicionam as trajetórias esportivas. O atleta crítico compreende que o estudo e a reflexão são ferramentas essenciais não apenas para aprimorar estratégias competitivas, mas também para questionar as normas e os valores que regem o esporte.

Para Soares, (2001, p.56), no ato desportivo, manifesta-se a “clareira” para a efusão de energias reprimidas pelas exigências da vida social. E, por isto, ele é paradoxal, os seus “astros” são sufocados, motivados pelo sucesso, pelo dinheiro, pela fama, pelo reconhecimento, para produzir o espetáculo. Em contrapartida, os seus espectadores são os que verdadeiramente servem-se da “clareira” aberta por ele, pois sentem emoção, que faz parte da condição humana, sofrem, choram, também servindo-se do seu efeito pletórico.

Como nos conduz Bento (1998) “feito pelo homem o desporto está aí para nos fazer”. Para não nos deixar desidratar dos traços, das emoções, das paixões e sentimentos demasiados, intensos e quentes que perfazem o homem. Para conformar o ser humano como um ‘ser de horizontes’ acreditamos em uma capacidade de ir além de si, desafiado pelos seus sonhos e metas”. E ainda, dentro da sua perspectiva, o desporto é um meio de alargar os horizontes dos limites humanos, de consagrar o triunfo do lúdico do homem sobre a dor e solidão. O atleta é um homem que se desdobra em ousadias e sacrifícios, e assim se torna Apolo e Prometeu. Ao esgotar o campo do possível, surge como um Deus, sendo por isso mesmo transformado em herói, portanto, admirado e venerado.

Convém comentar a partir de agora um aspecto importante do conteúdo acima exposto. Trata-se, pois, da abordagem sobre desporto, embora inúmeras confusões sobre sua definição seja indiscutível, ninguém jamais colocaria em xeque a sua existência como fenômeno. Logo, ele é uma evidência.

Para Foucault, por exemplo, o desporto existia, apenas, a partir do século XVIII. Bem, deixando de lado as discussões que os termos possam trazer, podemos afirmar o consenso de que o Desporto existe e que é necessário. E com relação ao ser humano afirmamos que ele está lançado no mundo e que é livre, cabendo a ele decidir o seu contínuo que fazer, que está entregue a si mesmo, lançado no mundo como condições a priori. Estas afirmações sugerem esclarecimentos acerca de outros conceitos, tais como os de mundo, de liberdade, etc., que entretanto, não nos compete analisá-los neste contexto.

Cabe considerar que o Desporto, sendo um fenômeno que faz parte do que fazer do homem e que se enquadra nas atividades que lhe proporcionam bem-estar e prazer, ao contrário das atividades utilitárias (por exemplo, a técnica) e, dado que o homem precisa de prazer, satisfação e bem-estar para estar no mundo, o desporto fará sempre parte da sua condição humana. Portanto, distanciando-nos das infundáveis polêmicas em torno do termo, interessa-nos apenas afirmar como princípio, que ele existe e que é necessário ao homem enquanto homem por situar-se na esfera das atividades prazerosas.

Praticar esportes é prazer e diversão, para o atleta é sua maior responsabilidade, cujo peso, muitas vezes, vem em momentos precoces, sem a maturidade necessária para aceitá-lo, absorvê-lo e atendê-lo. O cenário se completa com a incerteza do sucesso, mesmo depois de investimento em esforços físicos e mentais intensos e de um desgaste emocional profundo o resultado de tudo isso veio a colaborar para vencer as competições e, para isso, ele se dedica a treinar para chegar ao ápice da própria performance e estuda as melhores estratégias para alcançar suas metas e conquistas.

1.4 Breves considerações acerca da saúde feminina no esporte

A saúde humana depende 80% da satisfação pela própria vida, ou seja, as saúdes psíquica e social do ser humano moderno têm maior influência sobre ele do que sua saúde somática (Schneider et al, 2007) No esporte, as conquistas e as

intensas cargas de treinamento levam à crescente preocupação com a saúde psíquica de atletas. Afirma-se que a saúde psíquica é um componente essencial da saúde geral e que um distúrbio ou um desequilíbrio nesta, pode acarretar alterações funcionais e biológicas que se refletem na saúde social, comprometendo a saúde geral e o rendimento da equipe.

O tempo é postulado como um, dentre vários elementos que têm acompanhado a evolução da humanidade. O desporto não era visto pelos outros sociólogos da época (no século XIX) com a seriedade que é hoje. Para Dunning (1994) o desporto caracteriza-se ricamente no campo social.

Dunning (1992), afirmam que, principalmente, nas sociedades ocidentais, faz-se sentir uma necessidade corrente de motivação de fortes emoções que aparecem e, se encontram satisfação, desaparecem, para só voltarem a manifestar-se algum tempo depois. Seja qual for a relação que esta necessidade possa ter com as outras necessidades mais elementares como a fome a sede e o sexo – todos os dados acentuam o facto de que esta representa um fenómeno muito mais complexo, um fenómeno muito menos puramente biológico -, pode bem considerar-se que o desprezo quanto à atenção dedicada a esta necessidade constitui uma das maiores lacunas O desporto pode ser referenciado como uma disputa entre os seres humanos que a realizam individualmente ou em equipas, podendo ser concretizado de diversas maneiras. Isso, traz um carácter de disputa ao desporto, onde os sujeitos se confrontam desde os primórdios da civilização ocidental em busca da superação. Essas são as características sociológicas do esporte (Dunning, 1992 p.137). A excitação que as pessoas buscam no lazer é única. Em geral é uma excitação agradável, porém, nas sociedades contemporâneas são vários os fatores que podem levar à excitação, podendo esta ser desequilibrada.

Na sociedade contemporânea ocidental, principalmente na industrializada, há uma certa tendência ao indivíduo refrear seus impulsos de excitação, mesmo assim existe a condição para que este mesmo indivíduo vá de um extremo a outro em um momento. A excitação do lazer, nos tempos atuais, quando as pessoas se doam ao nível de experiência, vivenciam novos tipos de excitação.

Na abordagem dos problemas da saúde mental. Após o exposto, parte-se da premissa de que se desenvolve nos indivíduos um mecanismo que busca fortes emoções, e que quando este as percebe, sacia-se para depois buscá-las novamente.

Esse sistema percebido por Dunning (1992) é um dos fatores, que este autor considera relevante e que merece a atenção, por exemplo, da sociologia.

O Handebol é um esporte que apresenta entre suas características esforços físicos de alta intensidade e de curta duração. Esse esporte traz benefícios dessas características ao corpo humano, que passará a desempenhar com sua prática uma alta resistência física, melhoria na circulação sanguínea, fortalecimento dos músculos dos ombros, pernas, braços além de desenvolver a coordenação motora de seu praticante (Tenroller, 2008).

Dito isso, prossigamos afirmando que o Handebol corrobora no favorecimento a uma boa saúde. Além disso, a atividade esportiva, de um modo geral, também atua na área psicológica, pois sua prática regular traz uma sensação de prazer e bem-estar, além de propiciar o convívio social (Tenroller, 2008). Segundo este autor, a prática através do treinamento contribui para refinar as habilidades motoras, pois trabalha uma vasta gama de movimentos, bem como ajuda a desenvolver o aspecto cognitivo, afetivo e social, sendo este um excelente facilitador da aprendizagem. O handebol é considerado um esporte dinâmico, pois melhora o condicionamento físico por ser um esporte que envolve muita agilidade, fortalecimento muscular, por isso é de extrema importância que o atleta compreenda a história corporal dos movimentos, mesmo aqueles movimentos mais simples como, pular, correr, jogar (Tenroller, 2008).

É importante reiterar que o referido esporte ao desenvolver a coordenação motora, por meio da associação entre as diversas habilidades que são requisitadas para o desenvolvimento do jogo, envolve diferentes mecanismos tais como: andar, correr, saltar, driblar e arremessar; garantindo assim um melhor desempenho motor (Schneider et al., 2007). Com relação à saúde, tanto o físico quanto a mente são beneficiados. Com a prática esportiva é possível manter o peso adequado, controlar e prevenir diversas doenças, reduzir a pressão arterial, diminuir o estresse, melhorar a flexibilidade e aumentar a força muscular (Cerutti, 2018).

De acordo com Berté Júnior (2004), a aflição é uma expressão da personalidade de uma pessoa. A extensão na qual a ansiedade se manifesta em uma situação particular deve ser considerada em relação à pressão imposta ao nível de habilidade do atleta e à natureza da atividade. Ressalta-se que a ansiedade vivenciada pelo atleta - ou melhor, a sua intensidade depende de sua personalidade no que se refere ao modo de encarar diversas situações, bem como de seu preparo psicológico.

Além disso, o entrosamento, o rendimento e a atuação de uma equipe no campeonato também são fatores que estão relacionados com a ansiedade e dos quais depende o bom desempenho do atleta em quadra/campo. Segundo Brandão (2005), a ansiedade tem sido considerada uma reação pessoal, desta forma, a ansiedade estimula o organismo a tomar medidas necessárias para prevenir a ameaça ou reduzir suas consequências. Isto é, até certo ponto, a ansiedade pode ser considerada normal e até necessária para motivar as pessoas a desempenhar tarefas cognitivas. De tal maneira, convém ressaltar que a atividade física tem possibilidades reais de aperfeiçoar o bem-estar físico e emocional, corroborando e favorecendo positivamente a redução de alguns comportamentos neuróticos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde - OMS a qualidade de vida é: “A percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Envolve o bem-estar espiritual, físico, mental, psicológico e emocional, além de relacionamentos sociais, como família e amigos e, também, saúde, educação, habitação, saneamento básico e outras circunstâncias da vida. (OMS, 1946).

Neste particular, partimos da compreensão de que além disso, qualidade de vida pode ser um termo bastante abrangente, visto que ele aborda várias áreas distintas da pessoa e que estão ligadas às condições de vida das pessoas, como foi possível perceber anteriormente. Ter qualidade de vida, portanto, no nosso entendimento, engloba uma série de dimensões inerentes como saúde física, mental e social.

A OMS (1946) define que:

A saúde física é a dimensão inerente mais básica do bem-estar humano, representada por um corpo em pleno funcionamento, livre de doenças, bem nutrido e ativo. Para alcançar um estado fisicamente saudável, é preciso ter uma alimentação equilibrada, praticar atividades físicas, dormir no mínimo oito horas, entre outras recomendações básicas da medicina. A saúde mental da dimensão inerente da qualidade de vida emocional, ou seja, o equilíbrio entre emoções e sentimentos diante dos desafios, conflitos, mudanças e demais eventos da vida. Estar mentalmente saudável significa estar bem consigo e com os outros, conseguir aceitar as situações adversas e saber lidar com emoções boas e ruins, reconhecendo sempre seus limites — inclusive, buscando ajuda quando necessário. A saúde social diz respeito à manutenção de relações saudáveis com a família, amigos, colegas de trabalho e comunidade em geral. Como seres sociais, temos necessidades de apoio, reconhecimento e estima dos outros, e as redes de apoio são fundamentais para manter as outras dimensões de saúde equilibradas. (pg.1)

Dessa forma, pode-se considerar que a saúde não se caracteriza apenas como um estado de ausência de doenças nos indivíduos, mas como um estado geral de equilíbrio no indivíduo, nos diferentes aspectos e sistemas que caracterizam o homem. Isso inclui o caráter biológico, psicológico, social, emocional, mental e intelectual, resultando em sensação de bem-estar (Bouchard, 1990). Os esportes podem melhorar a concentração, a memória e o tempo de reação de uma pessoa ao decorrer do tempo. Também ajudam a melhorar a atividade cerebral, uma vez que ajuda a manter a memória ativa e em bom funcionamento, melhora a capacidade de aprendizagem e ainda mantém o raciocínio mais rápido (Cerutti, 2018).

Para Gallahue e Ozmun (2003) a aptidão física é caracterizada pela habilidade de uma pessoa desempenhar tarefas diárias com vigor e sem fadiga excessiva, com baixo risco de desenvolvimento de doenças e de possuir amplas reservas de energia para fins recreativos e necessidades de emergência. Considera-se que a boa condição física são fatores importantes para a prevenção e tratamento de doenças e manutenção da saúde, como um instrumento precioso para a melhoria da qualidade de vida das pessoas (Araújo; Araújo, 2000). Nesse sentido, após o arrazoado acima mencionado, acreditamos que o Handebol constitui importante mecanismo para o desenvolvimento da aptidão física.

De acordo com Souza e Mourão (2014) fica nítido os benefícios do Handebol, pois utiliza capacidades físicas, como: agilidade, força, flexibilidade, coordenação motora e outras. E o fator psicológico confirma que há uma grande influência de fatores externos sobre o estado de humor nestes atletas. O relacionamento familiar, de amigos e principalmente do próprio grupo em si poderá acarretar pontos positivos ou negativos.

De acordo com Gallotti (2016) o Handebol é um elemento contextual de uma prática que possui uma série de recursos a serem trabalhados com intuito de contribuir na formação das habilidades que podem potencializar as capacidades motoras. Vale destacar também que a característica desse esporte busca vários domínios, espaço, construção de identidade e aprendizagem de diferentes competências cognitivas, físicas e técnicas de acordo com suas especificidades.

Embora esses benefícios tenham sido estabelecidos, alguns fatores relacionados ao Handebol podem afetar a qualidade de vida dos atletas. O estresse é uma característica do ambiente esportivo e pode ter um impacto negativo no

desempenho e na saúde geral. Fatores sociais, econômicos, nutricionais, falta de descanso e monotonia do treinamento podem desencadear a síndrome do overtraining, levando a um declínio na renda e na qualidade de vida (Costa e Samulski, 2005).

No ambiente esportivo, a percepção de uma pessoa com estresse varia de acordo com as crenças do indivíduo, de sua posição em um determinado ranking de campeonato e seus recursos pessoais (por exemplo, o treinamento e aptidão física) (Thatcher; Day, 2008). Os efeitos do estresse em atletas incluem desempenho prejudicado e habilidade de raciocínio, incapacidade de analisar situações complexas e dificuldade em completar tarefas. Além da influência pessoal, o estresse também pode afetar negativamente o funcionamento dos indivíduos nas atividades coletivas, reduzindo a qualidade da comunicação e tomando decisões erradas (Kavanagh, 2005).

Na prática esportiva, seja ela de lazer ou de alto rendimento, o estresse pode surgir a qualquer momento por diversos motivos. A pressão decorre de duas fontes situacionais no esporte: a importância do jogo e a incerteza do resultado, seja pela necessidade de vitória, pelo medo do fracasso, ou por pressões externas como torcedores, dirigentes e até companheiros de equipe (Keller citado por Martens, 1990).

Segundo Weinberg e Gould (2001), quanto mais importante o evento, maior a pressão. Portanto, o jogo decisivo é mais estressante do que os jogos normais em uma temporada, assim como, enfrentar um grupo de examinadores universitários é mais estressante do que fazer um exame prático. Diante disso, o Handebol, por ser um esporte dinâmico, destaca-se o aprimoramento das qualidades físicas e psicológicas como ponto de partida ao seu ensinamento. Diante disso, Soares e Teixeira (2016) afirma que a prática do Handebol traz vantagens na vida do praticante. Assim, os benefícios referem-se à parte motora onde persistem as qualidades físicas, sendo: velocidade de reação, velocidade de deslocamento, coordenação e destreza, força explosiva e resistência, flexibilidade e agilidade. Assim, para o sucesso do Handebol, partimos do pressuposto que seja necessário a utilização de uma grande quantidade de energia, pois, durante a prática deste tipo de esporte, o corpo está em constante movimento.

Assim, o Handebol, como esporte de rendimento, para o alcance de uma boa qualidade de vida coletiva e individual não pode prescindir de uma equipe sempre preparada como; técnico, preparador físico, fisioterapeutas, psicólogos e outros.

Desta maneira o trabalho do técnico responsável fica mais facilitado, devido ao fato deste ter a possibilidade de acolher todos os resultados buscados pela sua comissão técnica, dando assim um rumo mais viável para aquele grupo de atletas (Romero, Silva, 2010).

Martin (1997) cita e descreve algumas características psicológicas que o esporte proporciona ao indivíduo e que são treinadas com repetições como partes físicas e técnicas para ter um melhor rendimento, expandindo e influenciando até para fora do ambiente esportivo, Sendo eles: equilíbrio emocional, concentração, tolerância à frustração/ perseverança, desempenho sob pressão e adversidades, autoconfiança, motivação, respeito, inteligência tática, disciplina, e espírito de luta.

Para melhorar as habilidades mentais e a personalidade, os atletas devem enfrentar pressão mental e demandas físicas, para aumentar sua auto eficácia ao jogar de forma egoísta se tiver a oportunidade de fazer um gol, mas com um alto nível de disciplina tática. Por isso, os treinadores e a equipe devem definir democraticamente objetivos específicos e normas do grupo, desenvolver estratégias de comportamento dentro do grupo ou características que os diferenciam de outras equipes e devem ter uma ideia clara de seu papel na equipe, bem como as funções dos colegas de equipe (Wagner et al 2014).

Portanto, o Handebol é um ótimo meio para o desenvolvimento social, emocional e intelectual dos atletas, mas para que atinja sucesso é preciso dedicação e comprometimento por meio da prática. O Handebol atribui diversas características para o desenvolvimento físico, afetivo, social e cognitivo, na aquisição de habilidades motoras, estilo de vida. Assim, os profissionais de Educação Física ou treinadores devem ter experiências variadas dos jogos competitivos, procurando aliar com o desenvolvimento do atleta, promovendo o bem-estar, prazer e qualidade de vida (Soares e Teixeira, 2016).

Com relação ao ambiente de competição, as situações que mais favorecem a qualidade de vida na percepção dos atletas são o bom nível de autoconfiança, a boa preparação psicológica, o bom relacionamento com os companheiros, além da alegria ao competir e a concentração (Schneider et al., 2007). Wagner et al. (2014) afirma que para melhorar a coordenação geral ou específica no Handebol de equipe recomenda-se o treinamento de coordenação com exercícios variáveis. Estes, segundo o autor, devem ser preferidos em vez de corridas de vaivém, treinamento de corrida de alta intensidade ou treinamento de Sprint repetido (Wagner e Müller, 2008).

Neste contexto, o jogador de Handebol de alto rendimento deve estar com a saúde em dia, e o corpo preparado para um ritmo intenso de jogos e pressão, pois, durante a partida realizam movimentos de alta, média e baixa intensidade, movimentações de transição ofensiva e defensiva, arremessos e penetrações. Por isso, é necessária uma adequada preparação para a movimentação, para o contato corporal e para a competição, envolvendo os vários domínios como: físico, técnico, tático, psicológico entre outros.

Nesse cenário, percebe-se a grande necessidade de estar com a saúde em dia, visto que, desde os primórdios da prática do Handebol, em 1919, necessita-se de realização de variados movimentos de alta, média e baixa intensidade. Dessa forma, nota-se, felizmente, a intensa importância do handebol para os aspectos físico e mental.

CAPÍTULO II - HANDEBOL COMO TRABALHO E PRODUTO SOCIOCULTURAL

2.1 O handebol como trabalho e produto sociocultural

O trabalho, segundo Karl Marx (2013), é uma atividade essencialmente humana, caracterizada pela utilização das forças naturais do corpo para transformar e apropriar-se dos recursos da natureza de maneira a satisfazer as necessidades humanas. Tal ação ao modificar a natureza modifica o próprio ser humano. Essa perspectiva pode ser aplicada ao campo esportivo, e, especificamente, ao handebol, quando o encaramos como uma atividade laboral. O handebol, para as atletas, vai além da prática esportiva por lazer ou entretenimento: é um trabalho em que a força física e as habilidades técnicas são utilizadas para atingir objetivos, gerar valor econômico e social, e promover a subsistência das profissionais envolvidas, além de ser um elemento transformador de suas próprias vidas.

Marx (2013) destaca que "a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho", e essa visão se encaixa perfeitamente no cenário do esporte profissional. No handebol, as jogadoras dedicam-se a aprimorar suas capacidades físicas e táticas, aplicando a força de trabalho corporal em sua atividade, o que gera produtos tangíveis como competições, medalhas, títulos e, conseqüentemente, remuneração. Assim, o processo laboral se manifesta em cada treinamento, jogo e competição, uma vez que o corpo da atleta é seu principal meio de trabalho, sendo mobilizado em um processo contínuo de aprimoramento e desgaste. As jogadoras não apenas utilizam seus corpos, mas também suas mentes e habilidades estratégicas, representando uma união entre o físico e o mental no processo de trabalho.

Nesse sentido, o handebol como trabalho também envolve os elementos definidos por Marx (2013) no processo laboral: a atividade adequada a um fim (o próprio trabalho), a matéria a que se aplica o trabalho (o objeto de trabalho, que no esporte é o jogo em si), e os meios de trabalho (as ferramentas e técnicas utilizadas para executar o trabalho). No contexto do handebol, a atividade direcionada ao fim é o jogo, com o objetivo de vencer partidas, campeonatos, ou atingir metas profissionais. O objeto de trabalho, por sua vez, é o próprio jogo, as regras que o regem e as condições impostas pelo adversário. Já os meios de trabalho incluem não apenas as

instalações e equipamentos esportivos (como quadras, bolas e uniformes), mas também o corpo treinado e a inteligência estratégica das atletas.

Ademais, o processo de trabalho no esporte revela-se também no intercâmbio com a natureza, conforme discutido por Marx (2013), ao destacar que "o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza". No handebol, as jogadoras utilizam a força natural de seus corpos (braços, pernas, cabeça e mãos) para moldar e controlar o jogo, dominando o espaço físico da quadra e o tempo dos movimentos. Esse controle sobre o próprio corpo e sobre as dinâmicas da partida é o reflexo de um processo de trabalho contínuo e altamente qualificado.

O handebol, quando observado a partir da perspectiva do trabalho, adquire um valor que vai além da mera prática esportiva, constituindo-se em um processo produtivo, como argumenta Marx (2013). O esforço físico e técnico empregado pelas jogadoras é, em última instância, trabalho produtivo, já que seu resultado, o produto final, é algo de valor tangível – seja na forma de títulos conquistados, na visibilidade gerada para patrocinadores ou mesmo na comercialização de produtos associados ao esporte. Como Marx afirma, “observando-se todo o processo do ponto de vista do resultado, do produto, evidencia-se que meio e objeto de trabalho são meios de produção e o trabalho é trabalho produtivo”. Neste contexto, o trabalho das jogadoras de handebol insere-se em uma lógica de produção de valor, que envolve a mobilização de recursos físicos e intelectuais.

O próprio esporte, como produto, depende de meios de produção – quadras, uniformes, equipamentos – que são, em si, frutos de processos de trabalho anteriores. Quando o valor de uso gerado pelas atletas, como a prática esportiva e o espetáculo, resulta em um produto final, “participam da sua feitura, como meios de produção, outros valores de uso, produtos de anteriores processos de trabalho” (Marx, 2013). Isso revela que o trabalho das jogadoras está integrado em uma cadeia produtiva que não se limita ao campo esportivo. Seu esforço é parte de um processo contínuo, no qual o esporte se torna também uma mercadoria que circula no mercado, envolvida em uma complexa rede de produção de bens e serviços. Não só isso, é uma ferramenta de emancipação que transcende ao seu aspecto mais evidente, isto é, seu caráter de mercadoria.

Marx (2013) enfatiza que “o valor de qualquer mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho materializado em seu valor de uso, pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção”. Esse conceito é aplicável ao handebol na medida em que o tempo dedicado pelas atletas à sua formação, aos treinos e aos jogos é convertido em valor socialmente reconhecido, seja em termos de contratos, premiações ou mesmo na construção de uma imagem pública que gera novos recursos financeiros. O produto que emerge desse processo vai para as “mãos do capitalista” – seja ele o clube, patrocinadores e organizadores de eventos – que se apropriam dos resultados do trabalho das atletas.

Dessa forma, o handebol, enquanto trabalho, revela-se não apenas uma atividade física, mas um processo de produção de valor, onde o esforço das jogadoras é transformado em mercadoria, em valor de uso, que circula e gera riqueza no contexto capitalista. O esporte, assim, torna-se um campo de trabalho produtivo, em que o capital se apropria do resultado final, mas onde também as trabalhadoras – no caso, as atletas – encontram a possibilidade de ressignificar seu trabalho como parte de uma cadeia produtiva maior.

No entanto, o trabalho no handebol não se limita apenas ao ato de jogar ou treinar. O esporte é também uma forma de trabalho cultural e simbólico, pois o esforço e a dedicação das atletas contribuem para a construção de identidades sociais, tanto para as jogadoras quanto para as comunidades envolvidas, mais uma vez, transcendendo a objetificação do mercado. A profissionalização do handebol permite que o esporte se torne um espaço de inserção social e econômica para mulheres, que utilizam essa prática para obter não só renda, mas também reconhecimento e prestígio em uma sociedade que muitas vezes marginaliza as contribuições femininas ao mundo do trabalho.

Para Taylor (2005), a cultura é “aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro de uma sociedade”. O esporte, como parte dessa cultura, carrega valores e práticas que se entrelaçam com as dimensões sociais e históricas, especialmente no que diz respeito ao papel das mulheres na sociedade e sua busca por reconhecimento no campo das disputas por legitimidade e poder.

Logo, o handebol também se constitui como um campo de construção cultural. Ao praticar esse esporte, as mulheres estão inseridas em um contexto que vai além do desempenho físico, envolvendo aspectos como moral, lei, costumes e crenças,

todos refletidos na dinâmica de sua participação esportiva. No caso das atletas profissionais, o handebol é um trabalho que permite a elas não apenas ganhar seu sustento, mas também criar e disseminar significados culturais. Esse esporte se transforma em um meio pelo qual elas exercem e reafirmam sua voz e representatividade na sociedade. Como destaca Taylor (2005), o esporte revela as leis do pensamento e da ação humana, permitindo investigar a cultura e as dinâmicas de poder que operam em cada sociedade.

A trajetória da mulher no esporte, como no caso do handebol, exemplifica como o trabalho esportivo é atravessado por questões de resistência e transformação social. Historicamente, as mulheres enfrentam desafios significativos para ganhar espaço em campos tradicionalmente dominados por homens, mas, com o tempo, têm avançado em termos de representatividade e reconhecimento. Ao ingressar no esporte de forma profissional, elas não apenas participam de uma prática física, mas também desafiam normas culturais e sociais, tornando-se agentes de mudança. O progresso feminino no handebol exemplifica como o trabalho esportivo vai além do físico, abrindo espaço para a ressignificação de papéis sociais e culturais, além de fomentar a luta por equidade de gênero.

Nesse contexto, o esporte se configura como um local de múltiplas investigações, onde o corpo se torna um veículo de expressão cultural. Como afirma Taylor (2005), o esporte inclui não só aspectos físicos e estéticos, mas também interações socioculturais que refletem os conflitos e valores de uma sociedade. O handebol, enquanto trabalho, permite que as mulheres não apenas exibam suas habilidades atléticas, mas também utilizem essa plataforma para questionar e modificar normas culturais vigentes. A prática esportiva, portanto, torna-se uma extensão do trabalho humano, revelando-se como um processo de criação e ressignificação cultural.

O handebol, enquanto trabalho, reflete as desigualdades de gênero presentes no campo esportivo, mas também revela o papel ativo das mulheres em desafiar e transformar essas estruturas de poder. A participação feminina nas práticas esportivas tem aumentado nas últimas décadas, conforme destaca Jaeger (2006, p. 200), “[...] as relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais”. No entanto, as barreiras impostas por essa desigualdade de poder não têm sido suficientes para

deter as mulheres que buscam igualdade, inclusão e liberdade em suas trajetórias esportivas e profissionais.

No contexto do handebol, o trabalho realizado pelas atletas vai além da atividade física. Ao se dedicarem ao esporte, essas mulheres também estão engajadas em uma luta por reconhecimento e pela resignificação dos papéis atribuídos a elas dentro e fora da quadra. De acordo com Le Betron (2012, p.68), “as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas”. Assim, as habilidades e características que se espera das jogadoras de handebol são moldadas por expectativas culturais que, muitas vezes, reforçam estereótipos de gênero. No entanto, o trabalho esportivo feminino desafia essas normas, ao mostrar que a participação ativa no esporte também é uma forma de questionar a estrutura social que subjuga as mulheres.

O feminismo, através de sua militância, tem possibilitado que essas desigualdades no campo esportivo sejam questionadas e que as mulheres atletas adquiram maior visibilidade e respeito por suas conquistas. O esporte, como local de trabalho, é uma das arenas em que essas lutas por igualdade ganham visibilidade, ao permitir que as mulheres demonstrem não apenas sua capacidade física, mas também sua resistência simbólica às normas que as subordinam. Assim, prosseguimos no entendimento de que o handebol, enquanto uma atividade laboral, não é apenas um campo de competição física, mas também um espaço de enfrentamento às estruturas patriarcais.

Ao se apropriarem do esporte como trabalho, as jogadoras de handebol rompem com a ideia de que a mulher deve ser apenas "um ser em exposição diante do homem", como afirma Le Betron (2012, p. 68). Elas se afirmam como agentes de mudança, reivindicando seu espaço no esporte e, por consequência, na sociedade. Esse processo de resistência e transformação é intrínseco à luta pela igualdade de gênero, e o handebol oferece uma plataforma para que as mulheres, através de seu trabalho, não apenas se sustentam economicamente, mas também promovam a inclusão e a liberdade que buscam.

Desta forma, o handebol, como forma de trabalho para mulheres, reflete um campo ainda dominado por visões e estruturas tradicionais, que frequentemente associam o esporte ao domínio masculino. Mesmo com os avanços históricos em relação à liberdade e igualdade de gênero, o esporte permanece como um ambiente

onde as mulheres lutam por espaço e reconhecimento. A sociedade ainda enxerga o campo esportivo como predominantemente masculino, uma ideia enraizada em um modelo cultural que reflete divisões tradicionais entre os sexos. Como afirmam Durkheim e Mauss (1981), "as ideias estão organizadas de acordo com o modelo cultural fornecido pela sociedade" e, enquanto essa mentalidade coletiva permanecer, haverá resistência à mudança.

No entanto, essa organização de pensamento, embora profundamente enraizada, pode ser modificada. Durkheim e Mauss (1981) reconhecem que, embora as classificações entre os sexos sejam historicamente determinadas pela cultura, elas também são suscetíveis à transformação à medida que a própria sociedade muda. O handebol, como trabalho, oferece às mulheres a oportunidade de desafiar essas classificações culturais, mostrando que a prática esportiva não é exclusivamente masculina e que as mulheres podem e devem ser reconhecidas como profissionais igualmente capazes. As atletas, ao se destacarem no handebol, contribuem para a reconfiguração das normas culturais que subordinam a participação feminina no esporte, promovendo a inclusão e a igualdade.

Franz Boas (2011) nos adverte contra a ideia de que a cultura de uma sociedade evolui linearmente, da primitividade para a modernidade, essencial para entender o papel das mulheres no esporte, incluindo o handebol. A luta das atletas por reconhecimento não deve ser vista como parte de um processo inevitável de progresso, mas como uma disputa constante e multifacetada contra estruturas que ainda limitam seu espaço no esporte. Ao ingressarem no handebol como um campo de trabalho, as mulheres não estão apenas ocupando novas posições, mas também estão confrontando um sistema que historicamente as excluiu. Elas estão ressignificando o que pode ser identificado como uma atleta e, ao mesmo tempo, desafiando a noção de que a evolução cultural é um caminho único ou pré-determinado.

Como trabalho o handebol feminino revela a complexidade das dinâmicas socioculturais que continuam a moldar o esporte. As atletas, ao romperem com as normas tradicionais, contribuem para a evolução da sociedade, não em uma linha reta de progresso, mas através de um processo contínuo de resistência e transformação. Ao se afirmarem no esporte, elas não só alteram sua própria realidade profissional, mas também contribuem para a modificação das estruturas culturais que historicamente restringiram sua participação.

Assim, o handebol, como atividade laboral, mobiliza os princípios marxianos do processo de trabalho, articulando o corpo e a mente como instrumentos laborais e permitindo que as jogadoras participem de um intercâmbio material e simbólico com a sociedade e a natureza. Ao analisar o handebol por essa ótica, compreendemos como ele se insere na lógica do trabalho, tanto na criação de valor econômico quanto na sua capacidade de formar redes sociais e culturais que transcendem a quadra e se estendem para além do período competitivo da carreira das atletas.

Destarte, o handebol como trabalho envolve o esforço físico das atletas, mas também sua capacidade de dialogar com a cultura e com as estruturas sociais. Através do esporte, as mulheres estão constantemente moldando e sendo moldadas pela sociedade, refletindo, assim, os conflitos, tensões e transformações do seu tempo. Essa complexidade cultural do handebol torna-o não apenas um meio de subsistência para as jogadoras, mas também um espaço de resistência, de poder simbólico e de integração social, que contribui para o avanço contínuo da representatividade feminina no campo esportivo e além.

2.2 O handebol máster como instrumento de integração sociocultural

O handebol é um esporte que exige uma ampla gama de habilidades físicas e técnicas. A constante movimentação, troca de direção e interação com outros jogadores tornam a modalidade altamente dinâmica. A velocidade, agilidade e força são fundamentais para realizar ataques, defesas e transições com eficiência.

A literatura científica corrobora a exigência física do handebol. Weineck (1999), por exemplo, destaca a importância do VO₂ máximo³, ou seja, a capacidade máxima de utilizar oxigênio durante o exercício, que está diretamente relacionada ao peso corporal e ao desempenho no esporte.

Além da capacidade aeróbica, outras qualidades físicas como força, potência, resistência e flexibilidade são cruciais para o sucesso no handebol. A força muscular é necessária para realizar arremessos e disputas de bola, enquanto a potência permite executar movimentos explosivos como saltos e arrancadas. A resistência,

³ Classificação Nacional da Aptidão Cardiorrespiratória pelo Consumo Máximo de Oxigênio Brazilian Cardiorespiratory Fitness Classification Based on Maximum Oxygen Consumption Artur Haddad Herdy^{1,2,3} e Ananda Caixeta¹ Instituto de Cardiologia de Santa Catarina¹; Clínica Cardiosport²; Universidade do Sul de Santa Catarina³, Florianópolis, SC – Brasil

tanto aeróbica quanto anaeróbica, é essencial para suportar a alta intensidade e duração das partidas. A flexibilidade contribui para a amplitude de movimento e a prevenção de lesões.

A coordenação motora também desempenha um papel fundamental no handebol, sendo essencial para a execução precisa de dribles, passes e arremessos. O equilíbrio é igualmente importante para manter o corpo estável durante as diferentes ações do jogo.

A natureza de contato do handebol o associa a atributos como força, virilidade e agressividade, frequentemente categorizados como “virtudes morais” em determinados contextos históricos e culturais. Segundo La Taille (2000), essas virtudes englobam qualidades como coragem, generosidade, humildade e lealdade. No handebol, a coragem, por exemplo, se manifesta na disposição para enfrentar os desafios físicos e psicológicos do jogo, e pode ser correlacionada à agressividade necessária para a execução de ações defensivas e ofensivas. A prática do handebol em categorias máster, assim como em outras modalidades esportivas, promove a continuidade da atividade física em idades mais avançadas.

O handebol máster, assim como o atletismo máster, oferece uma oportunidade para que atletas de todas as idades continuem praticando esportes e mantendo um estilo de vida ativo. Ao promover a prática esportiva em idades avançadas, essas modalidades desafiam estereótipos sobre o envelhecimento e demonstram a importância da atividade física para a saúde e o bem-estar.

O Campeonato Mundial de Handebol Máster representa um marco significativo nesse contexto. Realizado a cada dois anos, o evento reúne equipes de diversos países, proporcionando uma plataforma para a competição, a troca cultural e a construção de redes sociais. Ao celebrar a participação de atletas com mais de 30 anos, o campeonato reforça a importância da inclusão e da acessibilidade no esporte, permitindo que pessoas com diferentes habilidades e experiências se conectem através do handebol.

Pode-se compreender que o handebol, ao ser praticado por ex-atletas de alto rendimento, influencia positivamente suas vidas como agentes sociais, percebida tanto na convivência em sociedade quanto na saúde psicomotora e nas experiências acumuladas em sua corporeidade. Conforme o conceito de Le Breton (2007, p. 07), a corporeidade “[...] representa as ações que envolvem a trama da vida cotidiana, das mais ou das menos concretas, até aquelas que ocorrem na cena pública,

envolvimento a mediação da corporeidade [...]”. Assim, o handebol, além de ser um esporte que desperta emoções e sensações, opera como mediador dessas experiências. É fundamental considerar que, mesmo após a aposentadoria, o ex-atleta não deve abandonar suas práticas esportivas, pois são importantes para o desenvolvimento e manutenção das funções físicas e cognitivas.

As técnicas corporais, nesse contexto, podem ser entendidas como práticas que condensam ações no tempo, promovendo uma evolução prolongada das habilidades motoras e coordenadas. Essas técnicas, somadas ao repertório de reflexos acumulados, possibilitam respostas rápidas e precisas durante a execução dos movimentos no jogo. No handebol máster, tal repertório capacita os atletas para tomar decisões estratégicas, demonstrando o quanto a experiência adquirida ao longo da carreira influencia diretamente seu desempenho.

As práticas do handebol melhores têm, portanto, reunido um número crescente de adeptos, unificando diferentes gerações de ex-atletas em torno de um objetivo comum. Apesar do avanço da idade ser o maior desafio, a vontade de continuar praticando o esporte é proporcional ao amor nutrido por ele. Durante suas trajetórias esportivas, esses indivíduos passaram por diversas fases da carreira, da iniciação ao auge, e, mesmo que a amplitude de suas capacidades motoras diminuam, as habilidades permanecem. Nesse processo, as experiências acumuladas ao longo dos treinamentos esportivos tornam-se recursos essenciais para enfrentar os desafios do presente, superando expectativas e reafirmando a importância do esporte em suas vidas.

Para além dos benefícios para a saúde física, o handebol máster contribui para o bem-estar psicológico e social dos participantes. A prática esportiva em grupo promove a camaradagem, o respeito mútuo e o desenvolvimento de novas amizades, proporcionando uma sensação de pertencimento e identidade.

O handebol máster, sob a lente dos estudos de Euler Esteves Ribeiro⁴ transcende a mera prática esportiva. Ao oferecer um espaço para a

⁴ Dr. Euler Esteves Ribeiro é um médico renomado, conhecido por sua dedicação e comprometimento na área da saúde, sobretudo na especialidade da geriatria. Com uma formação sólida e ampla experiência, ele se destaca não apenas pelo conhecimento técnico, mas também pela abordagem humanizada no atendimento aos pacientes. Desde o início de sua carreira, tem promovido a saúde e o bem-estar da comunidade, realizando palestras e campanhas de conscientização sobre saúde pública. Sua empatia e capacidade de construir relacionamentos de confiança com os pacientes facilitam o diálogo e a adesão ao tratamento. Além do trabalho clínico, Dr. Euler participa de projetos de pesquisa e colabora com instituições de ensino, contribuindo para a formação de novos profissionais. Sua paixão

continuidade da atividade física, a modalidade se torna um veículo para a reconstrução de identidades e a resignificação das experiências esportivas.

Seguindo as perspectivas de Ribeiro, o handebol máster proporciona um ambiente onde as atletas podem resgatar a sociabilidade e o sentimento de pertencimento que experimentaram em suas carreiras, resignificando seu papel na sociedade. A prática esportiva nessa fase da vida permite que as atletas se reinventem, seja como competidoras, treinadoras ou incentivadoras do esporte em seus respectivos contextos.

Ao adaptar suas competições para promover a participação de ex-atletas, o handebol máster não apenas mantém a chama do esporte acesa, mas também contribui para a perpetuação da cultura esportiva nas comunidades. A prática esportiva nessa modalidade, além de promover a saúde física, mental e emocional, fortalece os laços sociais e culturais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais ativa e inclusiva.

O esporte máster emerge como um microcosmo das transformações sociais que reconfiguram a percepção sobre o envelhecimento e a atividade física. Ao analisar essa modalidade, percebemos como a visão sobre a velhice é moldada por fatores culturais e históricos, divergindo entre diferentes sociedades. Conforme Deive (2000), a velhice deve ser compreendida como um fenômeno multifacetado, construído socialmente.

Nesse contexto, o handebol master se destaca como um espaço onde as representações sociais da velhice são resignificadas. A prática esportiva, nessa modalidade, não se limita à manutenção da saúde física, mas também contribui para a construção de uma identidade ativa e participativa entre os idosos, desafiando estereótipos e promovendo a inclusão social.

A crescente adesão ao esporte máster evidencia uma mudança paradigmática na relação entre os indivíduos e o envelhecimento. Ao praticar esportes, os idosos demonstram que a velhice pode ser vivida de forma ativa, saudável e prazerosa, desconstruindo a ideia de que a idade avançada é sinônimo de passividade e dependência.

A prática esportiva, tradicionalmente associada à juventude, tem experimentado uma expansão significativa para as faixas etárias mais avançadas. O

pela medicina e compromisso com a excelência fazem dele uma referência na área, inspirando colegas e pacientes a buscarem uma vida mais saudável.

esporte máster, em particular, emerge como um fenômeno que desafia as representações sociais da velhice, promovendo a valorização da experiência e da atividade física na terceira idade.

Ao adotar uma perspectiva que problematiza as diversas formas de envelhecimento em diferentes culturas, compreendemos como o esporte máster, incluindo o handebol, contribui para reconfigurar as identidades e papéis sociais associados à velhice. Ao praticar esportes, os idosos não apenas cuidam de sua saúde física, mas também fortalecem suas redes sociais, estimulam a cognição e promovem um envelhecimento ativo e saudável.

A forma como o envelhecimento é percebido e vivido varia significativamente entre as diferentes culturas. Essa diversidade cultural molda as experiências e expectativas relacionadas à velhice, influenciando desde os papéis sociais até as práticas de cuidado com os idosos, com contribuições de diversas áreas, como antropologia, sociologia, gerontologia e psicologia.

Quadro 1 Dimensões da diversidade no envelhecimento

Percepção social da velhice	Práticas de cuidado com os idosos	Representações culturais da velhice	Exemplos de Diversidade
<i>Valorização dos idosos:</i> Em algumas culturas, os idosos são vistos como detentores de sabedoria e experiência, ocupando posições de destaque na comunidade. Em outras, podem ser marginalizados e discriminados.	<i>Cuidado familiar:</i> Em muitas culturas, o cuidado com os idosos é responsabilidade da família, enquanto em outras, existem instituições especializadas para esse fim.	<i>Símbolos e metáforas:</i> As diferentes culturas utilizam símbolos e metáforas para representar a velhice, como o inverno, a noite ou a sabedoria.	<i>Culturas orientais:</i> Em muitas culturas asiáticas, os idosos são altamente respeitados e ocupam posições de destaque nas famílias.
<i>Papeis sociais:</i> Os papéis sociais atribuídos aos idosos variam de acordo com a cultura, podendo incluir funções de cuidado, transmissão de	<i>Práticas médicas e tradicionais:</i> As práticas de cuidado com a saúde dos idosos variam de acordo com a cultura, combinando conhecimentos	<i>Rituais e cerimônias:</i> Muitos povos possuem rituais e cerimônias relacionados ao envelhecimento, como ritos de passagem e	<i>Culturas indígenas:</i> Os povos indígenas possuem visões de mundo e práticas de cuidado com os idosos que se

conhecimento, liderança espiritual ou simplesmente o gozo da aposentadoria.	médicos e saberes tradicionais.	celebrações de aniversário.	baseiam em suas tradições e cosmovisões.
<i>Atitudes em relação ao envelhecimento:</i> As atitudes em relação ao envelhecimento podem ser positivas, negativas ou ambivalentes, influenciando as expectativas e o bem-estar dos idosos.	<i>Hospitais e casas de repouso:</i> A existência e a utilização de instituições para idosos variam significativamente entre as culturas.	<i>Artes e literatura:</i> A representação da velhice nas artes e na literatura varia ao longo do tempo e entre as diferentes culturas.	<i>Culturas ocidentais:</i> A percepção da velhice nas sociedades ocidentais tem se modificado ao longo do tempo, com uma tendência crescente para a valorização da autonomia e da qualidade de vida dos idosos.

Fonte: Laslett, P. (1989); Butler, R. N. (1969); Organização Mundial da Saúde (OMS); Organização das Nações Unidas (ONU); International Association of Gerontology and Geriatrics (IAGG)

O quadro 1 destaca a multiplicidade de fatores que influenciam a experiência da velhice, evidenciando que o envelhecimento não pode ser compreendido de forma homogênea. A percepção social da velhice, as práticas de cuidado com os idosos e as representações culturais variam significativamente entre diferentes contextos históricos e geográficos. Enquanto algumas sociedades valorizam os idosos como detentores de conhecimento e liderança, outras os marginalizam, relegando-os à invisibilidade social. As formas de cuidado, sejam familiares ou institucionais, refletem padrões culturais e econômicos específicos. As representações simbólicas da velhice, como metáforas associadas ao inverno ou à sabedoria, demonstram como as narrativas culturais moldam a forma como a sociedade compreende essa fase da vida.

Compreender as diversas formas de envelhecimento em diferentes culturas é fundamental para uma reflexão crítica sobre a necessidade de políticas públicas sensíveis às especificidades da pessoa idosa, promovendo o bem-estar e a inclusão desse grupo populacional em diferentes contextos. Reconhecendo a riqueza e a diversidade das experiências de envelhecimento, para construção de sociedades mais justas, equitativas e inclusivas para todas as idades.

Os benefícios da prática esportiva para a terceira idade são multifacetados. Do ponto de vista físico, o esporte máster contribui para a prevenção e o controle de

doenças crônicas, promovendo a saúde cardiovascular, o fortalecimento muscular e a manutenção da mobilidade. No âmbito psicológico, a prática esportiva é associada à redução do estresse, à melhora da autoestima e à prevenção de doenças como a depressão. Além disso, o esporte proporciona um espaço para a socialização, o que é fundamental para o bem-estar emocional e para o desenvolvimento de um senso de pertencimento.

O handebol máster, impulsionado por organizações esportivas, tem promovido a criação de campeonatos e eventos direcionados para ex-atletas, oferecendo um espaço para a prática esportiva em diferentes faixas etárias. Esses eventos, ao promoverem a competição em um ambiente amigável e inclusivo, estimulam o senso de camaradagem e o bem-estar dos participantes.

No entanto, a história do esporte revela a desigualdade de gênero no esporte, com maior acesso e visibilidade para os homens. A conquista de espaços equitativos para as mulheres no esporte tem sido um processo gradual e desafiador. A Conferência Internacional sobre Mulher e Esporte, realizada em Brighton em 1994, foi um marco fundamental nessa luta, ao apresentar princípios para aumentar a participação feminina no esporte.

No contexto do handebol máster, é fundamental analisar como as mulheres têm se inserido nesse cenário e quais os desafios enfrentados. A promoção de iniciativas específicas para incentivar a participação feminina, como campeonatos exclusivos ou categorias de idade mistas, pode ser um passo importante para alcançar a igualdade de gênero nesse esporte.

A prática esportiva, como aponta Brauner (2015), é um poderoso veículo para o desenvolvimento de habilidades para a vida, promovendo o empoderamento individual e o bem-estar psicossocial. Nesse contexto, o handebol máster emerge como uma ferramenta fundamental para a promoção da equidade de gênero e a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Ao oferecer um espaço seguro e acolhedor para a prática esportiva, o handebol máster permite que as mulheres desenvolvam suas habilidades, fortaleça sua autoestima e estabeleçam conexões sociais significativas. Essa modalidade, ao desafiar as normas de gênero e incentivar a participação feminina, contribui não apenas para a melhoria da saúde física e mental, mas também para a construção de uma cultura esportiva mais igualitária.

Ao se engajarem na prática do handebol máster, as mulheres se tornam agentes de transformação social, desafiando estereótipos e expandindo os limites do que é considerado possível para as mulheres na terceira idade. Desse modo, o handebol máster se configura como um espaço de ressignificação, onde as mulheres não são apenas participantes, mas também protagonistas de suas próprias histórias e da construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

No contexto mais amplo do esporte, o handebol máster contribui significativamente para a promoção da inclusão e do empoderamento, especialmente das mulheres. A Organização das Nações Unidas (2003) já reconhecia o papel do esporte na educação e inclusão de meninas, destacando sua importância para o desenvolvimento de habilidades e a socialização, com reflexos em todo seu processo de transição até a vida adulta e o envelhecimento.

Nas últimas décadas, o esporte experimentou uma transformação profunda, tornando-se um fenômeno global que permeia diversos aspectos da vida social (Galatti et al., 2018). Essa transformação ampliou o acesso ao esporte, incluindo grupos antes marginalizados, como ex-atletas e pessoas com diferentes níveis de habilidade. A criação de modalidades como o handebol máster atende a essa demanda, oferecendo um ambiente mais acessível e inclusivo para a prática esportiva.

A adaptação das modalidades esportivas para atender a diferentes públicos é fundamental para estimular o engajamento, especialmente entre aqueles que podem se sentir intimidados em ambientes competitivos tradicionais. O handebol máster, ao oferecer um espaço para a prática esportiva de forma mais leve e prazerosa, contribui para a saúde física e mental, além de fortalecer laços sociais e promover a autoestima.

O handebol máster, ao longo dos anos, tem se consolidado como uma prática esportiva que transcende a mera atividade física. A evolução dessa modalidade está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de programas de treinamento personalizados, elaborados por profissionais da área de educação física e saúde. Essas iniciativas garantem a segurança e a eficácia dos exercícios, promovendo a saúde e o bem-estar dos atletas mais velhos.

Além dos benefícios físicos, o handebol máster desempenha um papel fundamental na promoção da socialização e do fortalecimento de laços comunitários. A participação em grupos esportivos e competições possibilita que os indivíduos

estabeleçam novas amizades, compartilhem experiências e construam redes de apoio, contribuindo para o bem-estar emocional e social.

A crescente popularidade do handebol máster é resultado de um conjunto de fatores, incluindo o desenvolvimento de políticas públicas que incentivam a prática esportiva entre a população mais velha, o apoio de empresas e a atuação de profissionais especializados. Essa combinação de elementos tem contribuído para a oferta de infraestrutura adequada, a realização de eventos e a criação de um ambiente favorável à prática esportiva para todas as idades.

2.3 Os eventos esportivos de handebol máster

Em 18 de dezembro de 2004, ocorreu o primeiro Festival Master de Handebol na cidade de Maceió/AL. Esse evento teve como objetivo proporcionar aos ex-praticantes da modalidade a continuidade na prática de atividades físicas, a partir dos 30 anos para mulheres e 35 anos para homens, em um formato mais participativo, deixando de lado a ênfase no aspecto competitivo. Trata-se de uma proposta de intervenção socioeducativa voltada para o handebol, com base na experiência adquirida nas aulas do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)⁵.

Esse tipo de iniciativa não só favorece a continuidade da prática do handebol por adultos que já haviam se afastado das competições, como também ajudaria na permanência e popularização do esporte. A ocupação produtiva do tempo livre foi um dos principais objetivos da prática esportiva. A democratização do lazer deve estar vinculada à realização de atividades que atendam às necessidades e objetivos específicos dos grupos participantes, respeitando suas particularidades. Essa ideia se consolidou como essencial para a expansão do handebol Master, especialmente ao estabelecer normas para atender diferentes grupos, criando assim níveis de aspiração, motivação e incentivo à adoção de um estilo de vida saudável. O handebol Master, baseado nas regras do handebol "Indoor"⁶ (BRASIL, 2016), busca respeitar as especificidades da modalidade. Os festivais e torneios de handebol Máster em

⁵ Instituto de Educação Física, Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

⁶ Indoor: Handebol praticado em ginásios de esportes, ambiente fechado.

Alagoas têm como propósito garantir a implementação de atividades voltadas a um público especial de ex-atletas.

Em 2019, eu e mais três ex-atletas realizamos em Manaus a 1ª edição do *Amazônia Master Cup*, um campeonato para atletas da categoria 30+, 40+ e 50+, tanto masculino como feminino. Neste contexto, o objetivo continuava o mesmo, ou seja, manter a amizade e o gosto pela prática do Handebol, nossa paixão. Foi nesse momento que a figura da mulher amazonense ex-atleta de handebol máster emergiu no esporte. Acreditando que, a prática do esporte não apenas melhora a qualidade de vida, mas também possibilita a integração sociocultural da mulher no espaço da cidade de Manaus.

Consequente, a Liga de Handebol do Amazonas – LIHAM, segundo Auricélio⁷ presidente da instituição, vêm seguindo essa proposta desportiva realizando campeonato máster desde 2022, o regulamento utilizado é o mesmo utilizado no Amazonas Master Cup.

Na cidade de Recife-PE. a equipe denominada Handelada foi fundada em abril de 2011, inicialmente com o propósito de reunir amigas maiores de 35 anos, amantes do handebol, apenas para bater uma pelada semanal, daí a sua denominação Handelada=handebol + pelada.

A ideia era resgatar ex-atletas que dedicam sua vida ao esporte e estavam paradas porque no estado e, porque não dizer, no Brasil, não havia competições na categoria máster feminino. Com a continuidade, o grupo foi se organizando e passou a participar de torneios diversos, tendo a sua primeira participação fora do país, em 2014, na Argentina.

Motivadas por essa participação, a Handelada organizou o seu próprio torneio em 2016, a Copa Acácia de Handebol Master, com equipes de todo Brasil e do exterior e se firmou como a 1ª equipe de handebol máster feminino no país.

O nome é uma homenagem à Ana Acácia, uma grande jogadora do nosso estado que faleceu precocemente com um futuro promissor no esporte. Parte da homenagem e alinhadas com a questão ambiental, também plantamos uma muda de acácia em cada cidade que sedia o evento.

A 1ª, em 2016, foi aqui em Recife, no ano seguinte, em Maceió, em 2018 em João Pessoa e a 4ª edição foi em Natal. Na 1ª tivemos a participação de duas equipes

⁷ Professor de Curso Educação física da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

da Argentina e na 3ª, uma equipe daquele país. É um torneio itinerante, com o objetivo de divulgar o máster feminino, que a cada ano fazemos em uma cidade diferente. Além de divulgar e inspirar outras ex-atletas a retornar às quadras, com a nossa passagem pela cidade, várias equipes se formaram nas cidades que sediaram e hoje algumas delas já fazem o seu próprio torneio máster.

Infelizmente, devido à pandemia, ficamos dois anos sem poder realizar a nossa copa, mas retornamos em 2022 e agora em 2024, faremos a sexta edição na nossa cidade o que acreditamos ser uma das melhores copas, com a inclusão de mais uma categoria, a 50+, avançando na idade, certas de que, a cada ano, a Copa Acácia se firma no cenário nacional como a melhor copa exclusivamente feminina do país.

Segundo Rosileide Carmina⁸

A Handelada não é um grupo comum, muitas de nós está acima dos 50 anos. Não somos máster, somos sêniores. Jogar handebol na nossa idade, é agradecer a Deus por ainda poder correr. Entre nós há aquelas que foram grandes artilheiras, grandes armadoras, grandes defensoras! Não somos mais e temos consciência disto. Hoje o objetivo é que sejamos amigas dentro e fora da quadra. Ganhar, perder, empatar, isto se esquece rápido. Estar junto de verdade, de coração, ter um grupo unido, isto é ganhar. Isto é ser feliz!

Entre as suas participantes há profissionais de diversas áreas, com destaque para Rosileide Carmina, delegada aposentada, e Joziane Pinto⁹, empresária. As duas, fundadoras da Handelada e principais idealizadoras do projeto.

O Brazil Master Cup é um evento esportivo para ex-atletas e apaixonados por handebol. Esse evento acontece desde 2017 em São Paulo, e a partir de 2018 em uma capital do nordeste.

O BMC surgiu em SP para substituir a Copa São Paulo, torneio realizado pela Federação Paulista de Handebol, que na época contava com 8 equipes masculinas, numa categoria única de 40+. A princípio começou com a ideia de qualidade. São equipes que tiveram sua passagem pelos desportos em jogos estaduais, seleções para disputa em competições de jogos escolares, jogos universitários, campeonatos adultos nacionais, começaram a se reunir para praticar o handebol num encontro com a saúde, com os amigos e para a disputa de jogo, porque todo mundo quer ganhar.

⁸ Entrevista concedida no segundo semestre de 2024.

⁹ Entrevista concedida no segundo semestre de 2024.

Em 2017 já passamos a contar com 27 equipes divididas em 2 categorias masculinas (35+ e 45+) e duas categorias femininas (30+ e 37+). A partir daí só fez crescer, e em 2024 tivemos 126 equipes inscritas, nos tornando o maior evento de Handebol Master do planeta. Seguindo o que diz o Barão de Coubertin, “importante é a participação no esporte” seguindo um estilo de vida associado ao esporte, à cultura e à educação. A participação de ex-atletas, vem crescendo proporcionalmente a cada evento, como diz Almir Albuquerque, se tornou um momento de encontrar os amigos e a saúde também. E assim tem sido o Brasil Master Cup, se desenvolvendo, a ponto de seus organizadores, se perguntarem vamos para onde? (Joziane Pinto, 2024)

Devido à pandemia, a realização do Campeonato Master da COSCABOL foi adiada, afetando atletas de diversos países como Brasil, Colômbia, Venezuela e Chile. Inicialmente, os participantes precisam acessar uma *Live* para acompanhar os jogos do Sul-Americano Master, mas, após muitas dificuldades, a autorização para a participação foi finalmente concedida. No entanto, os jogos não ocorreram como esperado. Após esse período e com a liberação das competições esportivas, a organização responsável pela Brasil Master Cup, juntamente com ex-atletas e entusiastas de países como Uruguai, Paraguai e Chile, decidiu criar a Copa América de Handebol Master.

O torneio foi realizado nas cidades de Viña Del Mar e Valparaíso, no Chile, em 2022, e em Salvador, no Brasil, em 2023, reunindo as principais seleções de países das Américas: Brasil, Chile, Colômbia, Paraguai, República Dominicana, Argentina e Porto Rico. Os atletas de várias gerações, de 28 times e sete países, disputaram nas categorias Master, distribuídos entre feminino 30+/37+/44+/50+/55+ e masculino 35+/42+/49+/55+/60+

A competição reuniu atletas veteranos de toda a América Latina, com idades geralmente superiores a 35 anos, oferecendo um espaço para a prática do handebol entre os mais experientes. Através dessa iniciativa, os ex-atletas demonstraram suas habilidades, reavivando a paixão pelo esporte e reforçando os laços de amizade e camaradagem entre os participantes.

No entanto, de acordo com, Almir, 2024, presidente da organização esportiva Hulk ficou estabelecido que por questões de investimento pessoal o período de realização do evento será a cada dois anos, com a participação de equipes de diferentes países com formato de campeonato, proporcionando jogos emocionantes e de alta qualidade técnica. Os jogadores, muitos deles veteranos de seleções nacionais, trazem consigo uma bagagem rica de experiências, criando um ambiente competitivo e inspirador.

O Handebol Máster não se restringe a uma mera disputa esportiva, a Copa América de Handebol Master é um momento de socialização, onde atletas compartilhando histórias, aprendizados e experiências de vida, incentivando a prática do handebol entre as gerações de ex-atletas, promovendo saúde e bem-estar. A cada edição, o evento desportivo reforça os laços entre os países da América Latina e a paixão pelo handebol, mostrando que a idade é apenas um número e que o espírito esportivo é eterno. Lembrando que a próxima Copa América será realizada no Paraguai na cidade de Assunção em setembro/2024.

Em paralelo ao Brasil Master Cup - BMC São Paulo, ocorreu o Brasil Master Cup Nordeste - BMC Nordeste, que em 2018 contou a participação de 18 equipes, em 2024 será realizado na cidade de Natal. Segundo (Almir, 2024) com 85 equipes inscritas. Com o crescimento da participação do evento, hoje temos que limitar o número de inscrições para dar oportunidade de ex-atleta participarem do evento. Segundo o Barão Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, os princípios do fair play, igualdade de oportunidades, o respeito ao adversário, a lealdade, a integridade e a responsabilidade. São valores que vão muito além do campo de jogo e se refletem na vida cotidiana.

2.4 O handebol máster na Amazônia

O handebol na Amazônia, especialmente no estado do Amazonas, destaca-se por uma trajetória marcada pela rápida ascensão das atletas femininas que conquistaram importantes resultados em competições nacionais. Como já mencionado anteriormente, a participação das mulheres amazonenses nesse esporte teve início promissor com a conquista da medalha de ouro nos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's) de 1976 e o primeiro lugar no Campeonato Feminino Adulto em 1978. Esses resultados impulsionaram a visibilidade do handebol na região, refletindo o talento e a dedicação das jogadoras locais. Na década de 1980, o handebol feminino amazonense alcançou um novo patamar com as convocações frequentes de atletas para as seleções nacionais, consolidando a relevância da região no cenário esportivo brasileiro. Essas conquistas, que culminaram em medalhas de ouro e prata, não apenas elevaram o prestígio do esporte na Amazônia, mas também abriram portas para futuras gerações de atletas, promovendo o desenvolvimento e a inclusão no esporte.

A prática do handebol máster na Amazônia pode ser vista como uma extensão do complexo processo cultural que moldou a região, profundamente enraizado em sua história e influenciado por fatores de colonização que diferenciam o Amazonas de outras partes do Brasil. O ambiente amazônico, como destaca Mário Ypiranga Monteiro em "História da Cultura Amazonense", exerceu um papel essencial na formação da identidade cultural local, com uma rica mistura de influências indígenas, caboclas e de colonizadores, resultando em uma cultura única e plural. Da mesma forma que Monteiro exalta a importância do registro e valorização do folclore regional como forma de reafirmar a identidade amazônica, o handebol máster emerge como um espaço onde essa identidade se reforça, permitindo que veteranos do esporte continuem a desempenhar um papel ativo e relevante na comunidade. A prática do handebol máster no Amazonas não apenas promove a integração social e a valorização da saúde, mas também resgata e reafirma o lugar do idoso na sociedade, contribuindo para a preservação e fortalecimento de uma cultura desportiva regional que, assim como a própria Amazônia, carrega sentidos e significados únicos.

Os estudos sobre folclore de Mário Ypiranga Monteiro voltaram-se para a "realidade regional" com a intenção clara de buscar elementos "autênticos" identificadores e distintivos de uma "cultura amazônica" que poderiam também servir de elementos aditivos no processo de enriquecimento da "cultura nacional" (Paiva, 2002, p. 72).

O handebol máster na Amazônia pode ser visto como um reflexo da rica cultura regional, que, como destacou Mário Ypiranga Monteiro, busca elementos "autênticos" para identificar e diferenciar a "cultura amazônica" no contexto da cultura nacional. Os estudos de Monteiro sobre o folclore regional voltaram-se para a exaltação dos elementos indígenas como parte fundamental da identidade amazônica, reforçando a influência dessa tradição na formação social e cultural da região. Nessa perspectiva, centrada nas questões identitárias associadas ao modo amazônico de ser e de estar no mundo, Furtado (2022) enfatiza que:

[...] o tratamento dado à natureza pelas formas do pensar indígena, seguramente, revela que ela é parte integrante e indispensável a qualquer pressuposição que se pretenda usar para definir o conceito de humanidade. Nesta forma de cosmovisão, o ser humano é apenas parte de algo maior e mais central" (Furtado, 2022, p. 31-32).

Essa reflexão de Furtado destaca uma ruptura crucial com o paradigma ocidental, que historicamente posicionou o ser humano como centro do universo. Ao propor uma ecologia de saberes, o autor evidencia que a identidade amazônica se constrói em torno de uma perspectiva relacional, na qual o ser humano não está separado, mas integrado à natureza. Esse entendimento aproxima-se da proposta de Monteiro ao valorizar os elementos indígenas como constitutivos da identidade amazônica. Ambos os autores convergem na compreensão de que as tradições indígenas operam por uma lógica de interdependência entre o ser humano e o mundo natural, o que contrasta fortemente com o pensamento fragmentário e hierarquizante característico do Ocidente.

Essa valorização cultural impacta diretamente a identidade dos atletas máster, que, ao se engajarem no esporte, não apenas preservam a saúde e a integração social, mas também reafirmam sua ligação com as raízes culturais da Amazônia e em última instância com a natureza. A identidade regional, moldada pelas tradições indígenas e pela forte conexão com o ambiente local, se traduz em motivação para esses atletas, que encontram no esporte uma maneira de representar sua terra natal em competições, contribuindo para a projeção e o fortalecimento de uma cultura desportiva única. Assim, o handebol máster na Amazônia não é apenas uma prática esportiva, mas também um veículo de preservação e promoção da cultura regional, refletindo a diversidade e a importância dos elementos culturais no desenvolvimento e na identidade dos indivíduos.

O handebol máster na Amazônia se insere em um contexto de diversidade cultural e ambiental que molda a identidade dos seus praticantes, refletindo o que se pode chamar de "corpo amazônico". Essa expressão remete à pluralidade étnica da região, cujos traços físicos e culturais influenciam diretamente as práticas esportivas. A conexão entre os povos da Amazônia e o meio ambiente, especialmente a relação com os rios, destaca como a natureza influencia a saúde, os hábitos e as expressões corporais dos atletas locais.

Mário Ypiranga Monteiro, em suas obras sobre a história social do Amazonas, buscou elencar esses elementos naturais e culturais como contribuições únicas da região para o cenário nacional. Ao ressaltar o rio como um dos elementos definidores dos "tipos sociais" amazônicos, Monteiro demonstrou como o ambiente local e as tradições culturais formam a base para uma identidade multifacetada, na qual o esporte, como o handebol máster, emerge não só como prática física, mas também

como um veículo de reafirmação cultural e integração social. Assim, o handebol máster na Amazônia transcende o esporte, conectando o corpo e a cultura dos atletas com o ambiente e os valores regionais, contribuindo para a construção de uma identidade amazônica no contexto esportivo.

Em Manaus,

O passado é traçado [...] a partir do delineamento de uma série de atores sociais representativos das camadas populares, que ou desapareceram ao longo do tempo, ou estavam em vias de desaparecer. O "arruador", as "lavadeiras", o "aguadeiro", os "carroceiros", o "regatão", as antigas formas de organização das festas de "boi-bumbá", todos os elementos e eventos elencados pelo autor enquanto emblemas "tradicionais" expressivos de uma dada regionalidade (Paiva, 2002, p. 94).

Esses elementos refletem a identidade cultural local e ajudam a moldar a vivência esportiva, inclusive no handebol máster. Assim como esses antigos trabalhadores e eventos populares, os atletas máster de handebol na Amazônia também representam uma continuidade dessa tradição cultural, em que o movimento corporal no esporte reflete o contexto social e cultural da região.

A prática esportiva na Amazônia, portanto, está intrinsecamente ligada ao meio ambiente e à cultura local, influenciando não apenas os aspectos físicos, mas também os hábitos, vivências e interações dentro e fora das quadras. O movimento dos atletas é, assim, uma expressão dessa "linguagem cultural", onde o contexto social influencia a maneira como o esporte é vivenciado e praticado. Assim, o handebol máster na Amazônia, não é apenas uma atividade física, mas uma prática cultural que reflete a riqueza e a diversidade da região, conectando os corpos dos atletas com suas raízes culturais e naturais.

Reflete, também, uma profunda interconexão entre corpo, cultura e ambiente, como destacado por Marcel Mauss em Sociologia e Antropologia. Ele afirma que é possível reconhecer a cultura de uma pessoa por meio de seus gestos, o que é evidente nos movimentos dos atletas amazônicos, cujas ações são moldadas por um estilo de vida enraizado na relação com a natureza e na prática física cotidiana. O corpo desses atletas não é apenas um instrumento técnico, mas um produto cultural, influenciado pelas condições ambientais da Amazônia e pela herança cultural da região.

Mário Ypiranga Monteiro, em sua obra História da Cultura Amazonense, reforça essa perspectiva ao explorar como o "corpo amazônico" é um reflexo da natureza,

cultura e identidade regional, onde as práticas físicas, como o handebol, estão intrinsecamente ligadas a essas influências. Essa organicidade entre corpo, mente e natureza revela como o esporte máster, como o handebol, é uma extensão dessa identidade amazônica, evidenciando como os corpos amazônicos reproduzem e perpetuam a cultura regional em suas práticas esportivas.

Nessa esteira, o biótipo caboclo, historicamente moldado pelo ambiente e pela vida nas condições naturais da região, demonstra adaptações físicas que refletem a convivência com o clima quente e úmido, características que podem influenciar positivamente o desempenho esportivo. O corpo caboclo, conforme descrito, tende a ter uma estatura média a baixa, um físico robusto e musculoso, adaptado a atividades físicas tradicionais, como caça, pesca e cultivo. Essas atividades contribuíram para o desenvolvimento de uma musculatura resistente e uma capacidade aumentada de suportar o calor e a umidade, elementos típicos da Amazônia. Tais traços físicos são vantajosos para os atletas do handebol máster, cuja prática exige resistência e força, principalmente em competições que ocorrem em ambientes climáticos desafiadores como os da região amazônica.

Adicionalmente, o corpo caboclo apresenta uma capacidade adaptativa para enfrentar o calor intenso e a umidade elevada da Amazônia, o que se reflete em uma maior eficiência de transpiração e um metabolismo ajustado às condições locais. Essas adaptações, herdadas de práticas tradicionais, favorecem o desempenho esportivo, uma vez que a resistência física e a capacidade de recuperação rápida são fundamentais para o handebol. Assim, os atletas que participam do handebol máster na Amazônia incorporam em suas habilidades físicas e culturais um legado enraizado em atividades que historicamente moldaram a vida na região. A conexão entre essas práticas e o contexto amazônico reforça como o esporte, para além de uma simples competição, se torna uma extensão da própria identidade regional, onde o corpo caboclo se expressa não apenas na sobrevivência, mas também na excelência esportiva.

Os caboclos amazônicos, cujos hábitos alimentares tradicionais incluem uma dieta rica em alimentos locais, como peixe, frutas e tubérculos, têm seu biótipo e saúde geral diretamente influenciados por essa alimentação. A presença de alimentos frescos e naturais, associados a um estilo de vida fisicamente ativo, contribui para um corpo robusto e adaptado às demandas físicas, o que reflete positivamente no desempenho de atletas veteranos que praticam handebol na região. A alimentação

local proporciona os nutrientes necessários para sustentar a resistência e força física, essenciais em competições de handebol, onde a energia e a recuperação muscular são fundamentais.

Comparando os corpos dos atletas amazônicos com os de outras regiões do Brasil, percebe-se uma complexa interação entre identidade cultural, ambiente e história. Enquanto o biotipo amazonense, influenciado por uma vida em contato direto com a natureza, reflete adaptações físicas como maior resistência ao calor e umidade, os corpos de outras regiões, como no Sul e Sudeste, são influenciados por fatores ambientais e sociais diferentes. Nessas regiões, onde o clima é mais frio e seco, prevalece um biotipo de pessoas com maior massa muscular, adaptado para conservar calor ou lidar com as condições urbanas e industriais. Essas diferenças regionais exemplificam como a diversidade do Brasil se manifesta no corpo, não apenas em termos físicos, mas também em sua interação com o ambiente e a cultura local.

Conforme afirmado por Mário Ypiranga Monteiro, "se não temos nada para mostrar de antigo, de representativo, para que turismo? [...] É a tradição, é a beleza, é a cultura, é o fato remoto consagrado no documento vivo" (Monteiro, 2016, p. 533). Esses elementos culturais são igualmente importantes para os atletas que representam a Amazônia em competições fora da região. A cultura amazônica, com sua riqueza histórica e tradição, também molda o comportamento e a identidade dos atletas, destacando a relevância de suas origens quando competem em outros contextos. No handebol máster, a experiência cultural e física do atleta amazônico se torna um diferencial, reforçando como a prática esportiva está profundamente conectada às raízes culturais e ao ambiente natural da região.

As práticas culturais e os rituais locais influenciam como o corpo é percebido e tratado, incluindo a preparação física dos atletas veteranos. A preservação de tradições regionais, como a valorização do corpo físico e a resistência, é um fator que continua a influenciar os treinamentos e a preparação para competições fora da Amazônia. A conexão entre o estilo de vida e a adaptação física desses atletas é evidente, mostrando como a cultura local continua a moldar o desempenho esportivo.

Dessa forma, tanto o biotipo do corpo caboclo quanto os corpos dos atletas de outras regiões do Brasil refletem a riqueza da diversidade corporal e cultural do país. As características físicas, moldadas por fatores como clima, cultura e história, resultam em uma ampla variedade de biotipos. Compreender essas diferenças e

semelhanças no contexto do handebol máster oferece uma visão mais ampla da identidade corporal brasileira e de como os atletas, especialmente os da Amazônia, levam suas adaptações e vivências para competições em diferentes partes do país.

2.4.1 A Zona Franca de Manaus (ZFM) e sua relação com o esporte

O Decreto-Lei nº 288 define a Zona Franca de Manaus (ZFM) como um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permite seu desenvolvimento, em face dos fatores locais e da grande distância a que se encontravam os centros consumidores de seus produtos. Ainda que já existisse um órgão para cuidar da Zona Franca antes, foi com o Decreto de Castello Branco que surgiu oficialmente a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), para a administração da área de atuação e prestação dos serviços referentes à ZFM.

Em 1968, o Decreto-Lei nº 356 estendeu os benefícios do Decreto 288 aos bens e mercadorias recebidos, beneficiados ou fabricados na ZFM para utilização e consumo interno na Amazônia Ocidental. O projeto Zona Franca de Manaus ganha musculatura e irradia os reflexos dos seus benefícios para toda a região da Amazônia Ocidental.

Segundo matéria publicada no Jornal A Crítica, de 21 de agosto de 1985

O Distrito Industrial no século XX era o coração de Manaus, sendo a máquina que movimentava o desenvolvimento econômico da região, proporcionando bons empregos, “transporte adequado, refeições de qualidade superior a preços simbólicos, assistência médica e social e farmacológicas para a toda a família do trabalhador, assim como creches, programas de esporte e lazer”. O intuito era preservar a ideia de um bom lugar para trabalhar, onde poderia se usufruir de benefícios sociais e trabalhistas. A mão de obra empregada era predominantemente local (A Crítica, 1985, p.05)

Em 1980, o Brasil vivia um período de transição política e social. A ditadura militar estava terminando e o país começava a despertar para o movimento democrático no país. Durante este período, o movimento sindical se fortalecia e procurava maneiras de unir e engajar os trabalhadores.

Entretanto com a criação do Serviço Social da Indústria - SESI Amazonas, fundado em 1 de janeiro de 1949, que iniciou como uma delegacia regional e está presente no estado do Amazonas, “contribui para a integração regional, através de

ações de saúde física e mental para a promoção de saúde e bem-estar dos trabalhadores, dependentes e público em geral” (FIEAM, 2017).

Através de parcerias com o polo industrial de Manaus – PIM, sendo referência em educação básica para o mundo do trabalho e na promoção de ambientes seguros e saudáveis para a indústria amazonense. O SESI Amazonas atua na qualidade de vida dos industriários e sua família, e do público em geral por meio de ações de saúde e bem-estar, visando o desenvolvimento sustentável e a competitividade da indústria brasileira.

Contudo para otimizar o desenvolvimento das diversas práticas corporais e esportivas, culturais, lazer, eventos sociais foi inaugurado em 28 de outubro de 1980, o clube do trabalhador maior complexo poliesportivo da região norte, com mais de 18 mil metros quadrados, localizado na zona leste de Manaus, próximo ao Distrito Industrial I e II. Um complexo esportivo dotado de Parque Aquático, Ginásios Poliesportivos, Estádio de Futebol, Quadras para esporte coletivos, quadra de grama sintética, Quadras de Tênis, Quadra de vôlei de praia, Auditório, Academia de ginástica e musculação, Pista de caminhada, Salão de festa, chapéu de palha, academia ao ar livre, amplo estacionamento para atender os trabalhadores, dependentes e a comunidade em geral com uma localização privilegiada na zona leste de Manaus, otimizando espaço adequado, apropriado e significativo para a realização de jogos e competições esportivas com modalidades individuais e coletivas. Palco de momentos esportivos até a contemporaneidade.

Nesse panorama desportivo surgiu a ideia de criar um evento esportivo com as mesmas características dos jogos olímpicos.

Foi um momento relevante, uma vez que impulsionou o Amazonas para o mundo do esporte na cidade, simultaneamente com o crescimento da Zona Franca de Manaus. Paralelo a esse evento olímpico na cidade de Manaus, durante o ano inteiro tínhamos vários outros jogos acontecendo como: jogos comerciais, jogos comunitários, setembrinos, natalinos, dia da mulher entre outros, com competições esportivas (Eduardo Monteiro de Paula)¹⁰

A realização desse evento esportivo foi amplamente motivada pela participação ativa de organizações sindicais e líderes comunitários. Esses grupos estavam interessados em promover a saúde e o bem-estar dos trabalhadores e em fortalecer

¹⁰ Entrevista concedida no segundo semestre de 2024.

o espírito de cooperação e convivência entre eles, fortalecendo o vínculo entre os participantes e a comunidade do polo industrial de Manaus-PIM

Para a criação das Olimpíadas Operárias em Manaus, se envolveram várias instituições esportivas de referência, vários entusiastas do esporte e entidades desportivas locais, incluindo sindicatos de trabalhadores das indústrias da Zona Franca de Manaus e outros grupos de trabalhadores da área. Figuras importantes como Roberto Gesta de Melo¹¹ (secretário de desporto Atléticos-AM) e João de Mendonça Furtado¹² (Presidente da federação das indústrias do Estado do Amazonas-FIEAM) duas pessoas importante nas decisões relacionadas a homologação do evento.

Para compreender a importância das Olimpíadas Operárias para cidade de Manaus e para o handebol na cidade, deve-se considerar o contexto histórico e temporal em que ocorreram. Informações detalhadas sobre ex-atletas, presidentes de federações e outras pessoas envolvidas no movimento esportivo daquela época à construir um cenário mais completo do evento. Esses relatos oferecem uma visão valiosa sobre como a organização e a participação nas Olimpíadas Operárias contribuíram para a vida comunitária e para o desenvolvimento do esporte na região. O evento deixou um legado significativo ao criar um espaço de integração e cooperação entre os trabalhadores. Além de promover o esporte e o lazer, as Olimpíadas Operárias em Manaus ajudaram a fortalecer a identidade coletiva fomentando solidariedade entre os trabalhadores da região.

As Olimpíadas Operárias na cidade de Manaus, é um evento sociocultural e desportivo, que ocorre numa arena completamente ambientado com a temática dos Jogos o clube dos trabalhadores. Inúmeras atividades esportivas ligadas ao universo olímpico, se tornando um evento esportivo marcante na história do movimento sindical em Manaus e no Brasil, especialmente no contexto da classe trabalhadora.

¹¹ Graduado em direito na Universidade Federal do Amazonas, Roberto Gesta de Melo começou o seu envolvimento com o esporte durante a fase estudantil, na faculdade foi presidente da Federação Amazonense de Esportes Universitários, passando por várias federações de esporte no Amazonas, como a de vôlei e a de tênis de mesa. Melo é também um colecionador de relíquias olímpicas. Em sua casa, no Amazonas, tem uma espaço de 300 metros quadrados chamado 'Galeria Olímpica', onde guarda objetos de todas as edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

¹² João de Mendonça Furtado: Durante sua vida contribuiu de forma imensurável com a sociedade Amazonense e com o país. Foi, soldado da borracha no Acre durante a Segunda Guerra, por 18 anos foi presidente da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas e construiu o Clube do Trabalhador na Capital, foi ainda Vice-Presidente da Confederação Nacional das Indústrias.

As olimpíadas não só facilitaram a diminuir os laços entre os trabalhadores, mas também serviu de palco para discutir e reivindicar melhores condições de trabalho, resultando no crescente pensamento social e político da época, onde os trabalhadores buscavam mais direitos e reconhecimento. Trabalhadores. Isso também serviu da necessidade de equilibrar o trabalho em ambientes ocupacional com momentos de lazer e promoção de saúde física, mental e emocional.

Nesta senda, no Polo Industrial de Manaus e com a presença de grandes empresas e a criação de empregos na indústria incentivaram a ideia de responsabilidade social corporativa e engajamento com a comunidade e com a influência do desportista Roberto Gesta de Mello os organizadores criaram o projeto "Adote um Atleta" foi uma maneira de conectar empresas com atletas em destaque no cenário esportivo local. A ideia era que as empresas patrocinassem os atletas, oferecendo subsídio financeiro para atender as necessidades desses atletas que enfrentavam dificuldades financeiras para pagamento de transporte aos locais de treinamentos, equipamentos esportivos e viagens para competições estadual, nacionais e internacionais.

Feito isto, o apoio financeiro e logístico era crucial para ajudá-los a alcançar seu potencial. "No palco desportivo abre-se ao homem a vivência do jogo, da competição, do rendimento, do risco, da configuração, da comunicação e cooperação, da convivialidade, intimidade e sociabilidade" (Bento, 1998). Dito isto a adesão foi concluída por todos envolvidos neste processo, levando-se em consideração que o desporto promove entretenimento para um público interessado por esporte.

Neste contexto as empresas reconheceram o projeto adote um atleta como uma oportunidade de exercer sua responsabilidade social, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade local e o esporte amador da região Amazônica promovendo sua marca ao se associar com atletas bem-sucedidos. Portanto, com a parceria entre empresas e atletas conseguiram aumentar a visibilidade e divulgação das industriais da zona franca com o desenvolvimento social e esportivo da região.

Cumprе salientar que a gestão e coordenação desse evento esportivas locais desempenharam um papel relevante na organicidade do projeto adote um atleta ajudando a fazer a ponte entre empresas e atletas e garantindo que os recursos fossem utilizados de forma eficaz. O apoio proporcionado pelo projeto ajudou a desenvolver talentos esportivos locais, permitindo que muitos atletas de auto

rendimento no esporte local participassem de competições importantes sendo reconhecidos no cenário nacional e internacional.

Ao participar de eventos como as olimpíadas operárias, os atletas não apenas competem, mas também constroem capital social e simbólico. Particularmente, enquanto atleta, tive a oportunidade de participar das olimpíadas operárias, através do projeto adote um atleta fui adotada, por um determinado tempo pela empresa Springer, apenas para jogar handebol nas olimpíadas, com esse benefício econômico passei a custear as minhas despesas como transporte, alimentação, uniforme esportivo.

A partir de uma perspectiva crítica, o capital social não se limita a um conjunto de recursos adquiridos por meio das redes de reconhecimento mútuo, mas reflete e reforça assimetrias de poder e dominação estruturais. No caso das atletas de handebol vinculadas às empresas do PIM, o capital simbólico e social construído ao longo de suas carreiras não apenas condiciona suas oportunidades no esporte, mas também serve como instrumento de legitimação de interesses corporativos. Esse processo pode tanto ampliar a visibilidade do esporte na comunidade quanto reforçar dinâmicas de exploração, ao transformar a trajetória das atletas em uma mercadoria ajustável às demandas do mercado e da lógica empresarial.

Em 1979 fui para a Sharp do Brasil com a Socorro Auzier,(ex-atleta) grande amiga, que já era uma atleta adotada pelo programa adote uma atleta pela Sharp, inclusive quem era adotada jogava todas as outras modalidades esportivas, mas com foco maior o handebol. , então resolveram apostar nessas atletas adotada, na verdade o que a Sharp queria era ser campeã nas olimpíadas operárias, um jogadora de handebol pode ter um habitus que valoriza a disciplina, o trabalho em equipe e a busca pela vitória. (Elieyde Menezes, 2024)¹³

Na fala de Elieyde Menezes, ela se destacou como atleta em diversas modalidades, reflete a maneira como o handebol, em particular, foi valorizado e promovido como uma estratégia não apenas para a formação de campeãs, mas também para a construção de um novo espaço para mulheres no esporte.

A partir de uma perspectiva crítica, a relação entre estrutura e superestrutura revela como os valores e comportamentos das atletas são condicionados por relações de poder que transcendem o ambiente esportivo. No caso do handebol, o habitus desenvolvido pelas jogadoras, que enfatiza disciplina, trabalho em equipe e

¹³ Entrevista concedida no segundo semestre de 2024.

competitividade, não é neutro, mas reflete exigências sistêmicas que moldam subjetividades conforme interesses sociais e econômicos mais amplos. Embora esses elementos possam contribuir para a construção de identidades femininas resilientes, é necessário questionar em que medida o esporte opera como um espaço de emancipação ou como um mecanismo de reprodução de normatividades que reforçam papéis de gênero e dinâmicas de controle sobre o corpo e a performance das atletas.

O investimento da Sharp nas atletas adotadas demonstra uma visão estratégica que vai além da simples promoção de campeonatos. Ele reconhece o potencial das mulheres como protagonistas no esporte e propõe uma nova narrativa sobre a presença feminina em atividades tradicionalmente dominadas por homens. O apoio e a valorização dessas atletas, que muitas vezes enfrentam desafios adicionais em suas trajetórias, são cruciais para a construção de um cenário esportivo mais inclusivo e equitativo.

Elieyde Menezes oferece um rico panorama do protagonismo feminino no esporte em Manaus, especialmente no que se refere à prática do handebol e às oportunidades de desenvolvimento profissional para as mulheres.

Passei um ano e meio no projeto Adote, mas eu queria trabalhar, não queria só jogar handebol, estudava à noite e eu queria jogar handebol mais queria trabalhar. Ai eu falei para o diretor do projeto de nome Heitor, falei poxa eu queria trabalhar não queria só jogar, ele falou que iria ver se tinha uma vaga e naquela época era bem mais fácil conseguir trabalhar nas empresas do polo industrial e realmente existia uma vaga de auxiliar de escritório No departamento de suprimento e aí fui trabalhar com Renildo Cunha o gerente, depois secretária de diretoria e por final pelo meu bom desempenho encarregada de setor depois eu percebi que não era aquilo que eu queria, sempre tive uma veia para a comunicação aí resolvi sair da Sharp em 1988. Passei nove anos na Sharp do Brasil. Saí e fui montar minha empresa de publicidade (Elieyde Menezes, 2024)

A narrativa de Elieyde destaca como o programa "Adote um Atleta" não apenas impulsionou sua carreira esportiva, mas também abriu portas para sua formação acadêmica e profissional. Essa intersecção entre esporte e trabalho revela a multifuncionalidade das experiências das atletas, que muitas vezes precisam equilibrar responsabilidades familiares, emprego e suas aspirações esportivas.

O desejo de Elieyde de trabalhar e estudar à noite, além de jogar handebol, sublinha a realidade de muitas mulheres que, mesmo em um ambiente esportivo, não podem se afastar de suas responsabilidades sociais e econômicas. A resposta do diretor do projeto, Heitor, ao considerar a inclusão de uma vaga de trabalho para

Elieyde, ilustra uma visão progressista que valoriza a mulher como um ser completo, capaz de contribuir para a sociedade em várias frentes. A referência ao seu emprego como auxiliar de escritório no Polo Industrial é um exemplo claro de como o handebol pode funcionar como um trampolim para oportunidades mais amplas, fortalecendo a posição das mulheres na economia local.

Esse programa foi excelente para mim, pois além de ganhar o meu salário como funcionária da empresa eu também ganhava um salário por ser atleta do programa gosto sempre de contar essa historinha com o primeiro salário recebido fiquei tão empolgada e tão rica que fui logo comprando uma sala de janta para minha mãe e um relógio Mondaine pra mim inclusive tenho até hoje como lembrança (Elieyde Menezes, 2024)

A alegria e o orgulho de Elieyde ao receber seu primeiro salário, que lhe permitiu comprar presentes para a mãe e para si mesma, refletem uma conquista significativa que vai além do aspecto financeiro. Essa experiência é emblemática do empoderamento que o esporte pode proporcionar, criando um espaço onde as mulheres podem afirmar sua autonomia e contribuir para suas famílias, mesmo em contextos de pobreza.

Tinha um papel fundamental na minha casa, sou a filha primogênita, de família pobre, minha mãe costureira e meu pai construtor de obra, tenho sete irmãos todos ainda pequeno na época e tive que trabalhar para sustentar todos eles. A Sharp me adotou e eu adotei sete irmãos (risos). Atualmente sou radialista e locutora da rádio Difusora do Amazonas a trinta anos, faço um programa à noite de música popular brasileira - MPB chamado companhia da música (Elieyde Menezes, 2024)

A narrativa da "adoção" dos irmãos também ressoa com a ideia de que as responsabilidades familiares frequentemente recaem sobre as mulheres, destacando o papel central que elas desempenham na estrutura familiar, mesmo quando assumem a posição de atleta.

A transição de Elieyde para uma carreira na comunicação, como radialista e locutora, demonstra como o handebol foi um veículo para o desenvolvimento de habilidades e o surgimento de novas identidades profissionais. Sua trajetória exemplifica a importância do esporte como uma plataforma que não só promove a saúde física e mental, mas também possibilita um crescimento pessoal e profissional significativo.

As experiências de Elieyde Menezes no handebol e sua trajetória profissional revelam a complexidade do protagonismo feminino em Manaus. As atletas, ao buscarem espaço no esporte, estão também desafiando normas sociais, contribuindo para a economia local e moldando suas identidades de maneira multifacetada, o que é essencial para a construção de uma cultura esportiva mais inclusiva e igualitária.

Julga-se importante mencionar que esse projeto "Adote um Atleta" serviu como um modelo para iniciativas semelhantes em outras regiões e em épocas posteriores. A ideia de integrar o apoio corporativo com o desenvolvimento esportivo continua a ser relevante e eficaz na promoção de talentos e no engajamento das empresas com a sociedade.

As Olimpíadas não só facilitaram os laços entre os trabalhadores, mas também serviu de palco para discutir e reivindicar melhores condições de trabalho, resultando no crescente pensamento social e político da época.

Os trabalhadores da Indústria do Polo Industrial de Manaus nos possibilitaram avaliar como a atividade física afeta diretamente os fatores fisiológicos, psicológicos e sociais do trabalhador e analisar a influência da atividade física no ambiente de trabalho e na melhoria da produtividade. Por intermédio da análise de dados, identificou-se que os trabalhadores que mantêm uma prática de atividade física e hábitos saudáveis, independentemente ou em conjunto com outras características do comportamento saudável, são menos acometidos de doenças, o que implica diretamente na redução de custos de saúde para as empresas e para sociedade. Os relatos apontam que os trabalhadores que participam de um programa de atividade física, ficam mais alegres, integrados, satisfeitos e mais produtivos. Salientamos que, a atividade física influencia de forma positiva o ambiente de trabalho, as pesquisas realizadas colaboram para que mais empresas do polo industrial do Amazonas invista mais em qualidade de vida direcionada por um profissional da área, buscando a melhoria da saúde do trabalhador dentro e fora do ambiente ocupacional

Assim, a prática do handebol na Amazônia, combinada com o apoio institucional e o capital social construído, evidencia como o esporte serve como plataforma para a valorização e a construção de identidades sociais. O capital vai além do econômico, englobando aspectos culturais e sociais que fortalecem os laços entre os atletas, empresas e a comunidade local, proporcionando benefícios que moldam tanto a trajetória esportiva quanto a vida social dos jogadores.

CAPÍTULO III - IDENTIDADE E PERTENCIMENTO: RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL SOCIAL DE EX-ATLETAS NO PÓS- CARREIRA EM MANAUS

3.1 Breve apontamento sobre a identidade feminina no esporte

A identidade feminina, enquanto construção histórica e social, é tecida em um campo de forças marcado pela pluralidade cultural e pelas relações de poder que organizam as possibilidades de ser e agir das mulheres, como destaca Castelles (1999). A pluralidade cultural, longe de significar uma coexistência harmoniosa de diferentes modos de ser mulher, acarreta tensões internas e externas, projetando contradições nas formas de auto representação e nos sentidos atribuídos às experiências femininas. Essa diversidade na identidade feminina não é apenas uma riqueza, mas também uma fonte de desafios, pois as mulheres estão constantemente negociando entre expectativas sociais, valores culturais e sua própria visão de si. Nesse contexto, as identidades femininas tornam-se dinâmicas e complexas, uma vez que são continuamente reconfiguradas em resposta às mudanças nas relações de poder, o que redefine os significados atribuídos ao feminino e as formas de ação social disponíveis. A construção identitária precisa ser compreendida como um processo fluido, caracterizado por resistências e adaptações às normas sociais, políticas e culturais que buscam regulamentar a expressão e a atuação das mulheres no espaço público e privado.

A prática do handebol entre mulheres se configura como um ambiente singular de expressão e fortalecimento identitário, onde as atletas encontram espaço para afirmar suas individualidades e coletividades em um contexto que combina competição e cooperação. Esse esporte, mais que uma atividade física, transforma-se em uma plataforma potente para a construção de identidades femininas, proporcionando oportunidades para que as jogadoras negociem significados, contestem papéis tradicionais e afirmam seu lugar enquanto mulheres em um espaço historicamente dominado por normas masculinas. O handebol, assim, desafia e reconfigura estereótipos e preconceitos de gênero, pois permite que as atletas expressem, através do corpo e da ação coletiva, facetas que subvertem expectativas tradicionais sobre o feminino, como a delicadeza, a passividade e a fragilidade. Nesse

ambiente, as jogadoras não apenas disputam uma partida, mas constroem e afirmam suas posições, explorando sua força, resistência e habilidades estratégicas.

A prática esportiva, longe de ser neutra, configura-se como um cenário potente para a resignificação das identidades femininas. No esporte, especialmente em modalidades como o handebol, cada embate, cada movimento e cada vitória carregam um significado que transcende a esfera competitiva. Cada ação representa um passo na luta pela visibilidade e pelo respeito, desafiando e ampliando as definições restritivas do que significa "ser mulher". Ao se engajarem em um esporte marcado pela intensidade física e pela necessidade de estratégia, as atletas se afastam das concepções tradicionais que associam o feminino à fragilidade, passividade ou docilidade, criando um espaço em que as múltiplas expressões do feminino podem emergir, legitimar-se e ser respeitadas.

No contexto do handebol, as jogadoras constroem suas identidades de forma simbólica e relacional, em consonância com Miskolci (2005, p. 92), que observa "a identidade como algo definido a partir da diferença". Ser mulher em um esporte de contato desafia as normas culturais tradicionais, que historicamente associam o feminino a atividades menos intensas fisicamente. O handebol, enquanto prática performativa e corporal, torna-se uma linguagem que desafia esses estereótipos, permitindo que as jogadoras se afirmem em sua força, resistência e capacidade estratégica. A visibilidade das mulheres nesse esporte torna-se, assim, um ato de reivindicação e ampliação da categoria "feminino", incorporando a coragem, a resiliência e a determinação como componentes da identidade feminina. A prática desportiva, nesse sentido, não apenas revela habilidades físicas, mas também expressa uma vontade de existir em um espaço onde as normas de gênero são constantemente questionadas e reinventadas, proporcionando uma representação dinâmica e diversa do ser mulher.

A teoria feminista, conforme discutida por Butler (2003), problematiza a ideia de uma categoria fixa de "mulheres", apontando para os perigos de uma identidade essencialista que negligencie as múltiplas e específicas experiências vividas por diferentes grupos de mulheres. Essa crítica é particularmente relevante no contexto do handebol feminino, onde a pluralidade de trajetórias e perspectivas das jogadoras evidencia a inexistência de uma identidade feminina única ou imutável. Cada atleta traz consigo uma bagagem cultural, histórica e social distinta, e essas diferenças constituem uma rica diversidade que desafia qualquer tentativa de uniformização.

A prática do handebol, nesse sentido, não é apenas uma arena esportiva; é um espaço onde diferentes subjetividades femininas se manifestam e coexistem, criando um ambiente de intercâmbio entre culturas, histórias e valores diversos. Ao acolher essa multiplicidade, o esporte contribui para a desconstrução de estereótipos e para a construção de uma nova representação política e social das mulheres, valorizando a expressão individual de cada atleta e reafirmando a importância da visibilidade e legitimidade das mulheres enquanto sujeitos políticos e sociais.

Ao propiciar essa diversidade de expressões e valores, o esporte fortalece a presença feminina em esferas historicamente dominadas por homens, destacando a necessidade de reconhecimento das mulheres em toda a sua complexidade. Dessa forma, o handebol cumpre uma função política e social, incentivando o protagonismo feminino e reafirmando a importância de reconhecer as mulheres como agentes legítimos de suas histórias e identidades.

Essa perspectiva pressupõe que o reconhecimento de uma identidade depende do valor atribuído ao sujeito, que seria na verdade a utilidade do reconhecimento de uma identidade para a sustentabilidade das sociedades e culturas, no caso da infância migrante, o que se questiona é qual seria a necessidade e utilidade do reconhecimento da sua existência” (Moura, 2022, p. 147)

Embora direcionada a infância migrante, as reflexões de Moura enfatiza a relevância do reconhecimento identitário para a sustentabilidade das sociedades e culturas, torna-se evidente que o handebol feminino desempenha um papel social fundamental ao proporcionar um espaço de visibilidade e valorização para as mulheres. Esse campo social permite que as atletas não apenas sejam vistas, mas também respeitadas em suas especificidades e experiências, construindo e reforçando seu valor social em um ambiente que, historicamente, esteve sob domínio masculino. Ao desafiar essa tradição, o handebol feminino rompe barreiras e amplia as fronteiras das identidades femininas, oferecendo um espaço onde as mulheres afirmam suas vozes e validam suas histórias.

O handebol transcende a esfera esportiva, revelando-se como um espaço dinâmico de construção e reafirmação identitária. Nele, as mulheres encontram uma arena onde podem manifestar suas identidades em suas múltiplas formas e complexidades, confrontando a ideia reducionista de uma identidade feminina única e homogênea. Em um ambiente de coletividade e competitividade, o esporte se torna

um palco para diferentes expressões de gênero e identidade, onde as mulheres exercem sua autonomia e afirmam suas subjetividades, promovendo uma quebra de estereótipos e uma reinvenção contínua do feminino.

Mais do que um simples esporte, o handebol feminino constitui um espaço de representação e empoderamento, no qual as mulheres têm a oportunidade de construir, reconhecer e validar suas identidades em meio a suas complexidades e contradições. Ele propicia uma plataforma para que essas identidades sejam reconhecidas socialmente, contribuindo para uma compreensão mais ampla e inclusiva do que significa ser mulher. Assim, o handebol torna-se um veículo de transformação social, fomentando a visibilidade e legitimidade das mulheres e reafirmando seu papel como sujeitos ativos e complexos na sociedade.

3.2 Identidade e pertencimento: resignificação do papel social de ex-atletas no pós-carreira

A identidade, intrinsecamente ligada ao sentimento de pertencimento, é um construto social complexo que molda nossas percepções de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. No caso das ex-atletas de handebol de Manaus, a identidade esportiva, forjada ao longo de anos de dedicação, se entrelaça com outras dimensões identitárias, como gênero, classe social e etnia. Ao encerrar suas carreiras, essas mulheres vivenciam um processo de resignificação identitária, buscando novos papéis e formas de se conectar com a sociedade. Nesta seção, investigaremos como esse processo se manifesta, quais os desafios e as oportunidades que ele apresenta e como as relações sociais e culturais moldam essa nova fase de suas vidas. Nossa análise busca contribuir para chamar a atenção das complexidades envolvidas na construção da identidade e do pertencimento, especialmente em um contexto marcado por transformações sociais e culturais.

Ao longo do tempo, transformações econômicas, sociais e culturais moldam profundamente a modernidade ocidentalizada. A globalização, que intensifica essas mudanças, impactam a vida das pessoas e altera substancialmente as relações em diversos âmbitos, desde as interações entre cidadãos e Estado até as relações interpessoais, as condições de trabalho, a prática esportiva e a vida cotidiana. Essa complexa rede de influências redefine as dinâmicas entre o indivíduo e o coletivo, afetando a maneira como as pessoas se percebem e se relacionam com as outras.

Nesse contexto, a noção de identidade e a estabilidade dos projetos de vida, sejam eles pessoais ou profissionais, tornam-se instáveis e voláteis, refletindo o que Bauman (2007) descreve como uma característica central da modernidade líquida, na qual as identidades estão em constante fluxo e reconfiguração.

Bauman (2005) destaca que vivemos um momento marcado pela "diluição das identidades individuais e coletivas", o que evidencia os desafios contemporâneos para sustentar um sentido fixo de identidade. Esse cenário de instabilidade se reflete particularmente na transição dos atletas para a vida pós-carreira. Esse momento envolve questões profundas de identidade e pertencimento, especialmente para atletas que, durante anos, foram intensamente definidos por seus papéis enquanto esportistas. Durante suas carreiras, essas mulheres experimentam um forte senso de identidade e pertencimento às comunidades esportivas, como equipes, clubes e até à nação que representam. Esse sentimento de integração e reconhecimento configura suas identidades em níveis profundos.

Ao se aposentarem, muitas enfrentam o desafio de redefinir sua identidade fora do contexto esportivo. Em alguns casos, a ausência das redes de apoio e dos valores que definiram suas trajetórias exige que elas reencontrem um novo sentido de si mesmas e reconstruam suas identidades em meio às incertezas da vida pós-carreira. Para além do esporte, elas agora precisam buscar outros espaços de pertencimento e reconhecimento, o que envolve a criação de novos projetos de vida e a ressignificação de suas trajetórias. Essa transição representa um processo complexo de reconstrução de identidade e busca de um novo lugar no mundo, em um cenário onde as identidades permanecem constantemente fluidas e em transformação.

Quando a decisão de encerrar a carreira esportiva é tomada pelo próprio atleta, a transição para a aposentadoria tende a ser mais equilibrada e satisfatória, possibilitando uma adaptação mais saudável ao novo momento de vida (Brandão et al., 2000). Essa adaptação é um processo complexo que envolve não apenas o alcance da mudança de papéis sociais, mas também uma transformação pessoal que ocorre ao longo do tempo. O repertório ocupacional do atleta — isto é, o conjunto de atividades e interesses que ocupam seu tempo e suas habilidades após o fim da carreira esportiva — tem uma profunda ligação com sua experiência subjetiva, além de influenciar o bem-estar e a satisfação que encontra ao dar novos significados ao decorrer da sua vida (Jonsson, 2008).

Essa fase de transição para a aposentadoria é influenciada por uma combinação de fatores, incluindo características pessoais do atleta, o desenvolvimento e o nível de sucesso do progresso durante a carreira esportiva, e as razões específicas que motivaram o encerramento de sua trajetória profissional (Ferreira Jr. e Rubio, 2017). O suporte emocional recebido de familiares e amigos desempenha um papel significativo nesse contexto, oferecendo segurança emocional e fortalecendo o senso de identidade fora do âmbito esportivo, o que contribui para uma adaptação mais positiva e estável ao novo estilo de vida (Folle et al., 2016). O sucesso na carreira e o alcance de metas profissionais são descritos na literatura como fatores de proteção importantes, que funcionam como amortecedores emocionais e psicológicos, facilitando uma obtenção satisfatória e produtiva (Stambulova et al., 2009).

O processo de aposentadoria pode ser percebido de maneiras distintas, que vão desde a sensação de crise até o alívio, ou, em muitos casos, como uma mistura complexa de ambos os sentimentos, dependendo de como a ex-atleta enxerga essa nova fase da vida. De qualquer forma, é claro que deixar o mundo esportivo representa uma etapa de grandes desafios, pois exige uma reformulação dos papéis sociais e profissionais. Essa transição torna-se ainda mais delicada quando um atleta possui uma identidade fortemente vinculada à sua imagem como mulher no esporte, uma vez que a desconstrução dessa identidade implica na necessidade de reconstruir uma nova versão de si mesma em outros espaços da sociedade, muitas vezes um processo que gera sofrimento.

De acordo com Brandão (2017), o sofrimento — uma resposta emocional marcada pela aflição, angústia e dor — representa uma ocorrência negativa de estímulos externos que despertam a sensação de ameaça, especialmente em contextos que excluem adaptação diante de dificuldades. Na transição para a aposentadoria, ex-atletas frequentemente experimentam sentimento de tristeza e nostalgia por não serem mais imersos no universo competitivo do esporte, o que pode provocar uma sensação de vazio e perda de propósito, anteriormente sustentada pela identidade esportiva.

É importante lembrar que o trabalho, ou a prática profissional do esporte, tem uma função central na vida do indivíduo, oferecendo-lhe um papel social definido e uma rotina que organiza as atividades cotidianas. Na aposentadoria, a interrupção brusca dessa atividade exige uma profunda reorganização da rotina, que se traduz na

necessidade de buscar novas ocupações e interesses para preencher o tempo e dar novo significado ao dia a dia. Essa reestruturação de atividades, segundo a Organização Mundial da Saúde (2020) e Dutra (2021), passa pela participação em contextos sociais significativos, como os que envolvem o convívio com família, amigos e comunidade. Essas interações são cruciais para que o ex-atleta se engaje em novas ações que mantenham um senso de pertencimento e conexão social, fatores essenciais ao bem-estar emocional.

Assim, o momento da aposentadoria deve ser visto como um período de reunião identitária e de reorganização pessoal, em que o desenvolvimento de novas formas de interação com o ambiente se torna uma necessidade (Barker et al., 2014). Para muitos, essa fase de transição implica desafios emocionais, com sentimento de perda e melancolia após anos dedicados intensamente ao esporte de alto rendimento. Também se torna relevante a atenção à saúde física, que pode deteriorar-se com a ausência do treinamento intenso ao qual o corpo se habituou. Barker et al. (2014) também destaca a importância de um planejamento cuidadoso para a redução gradual da atividade física, preservando a qualidade de vida e promovendo a saúde física de longo prazo.

Ao longo de suas carreiras, os atletas passam por diversas transições significativas, cada uma com seus próprios critérios de adaptação. Essas transições incluem a passagem da iniciação esportiva para treinamentos mais específicos e voltados para alta performance, a evolução dos níveis juvenil para adulto, e as demandas do esporte profissional. Cada uma dessas fases implica mudanças nas demandas emocionais, físicas e sociais impostas aos atletas, e, em última análise, culmina na transição final para a aposentadoria, uma das mais desafiadoras. Esse processo progressivo de adaptações prepara o atleta para lidar com as constantes transformações ao longo da carreira, mas a fase de aposentadoria continua a representar um marco particularmente exigente, pois demanda um redesenho profundo de identidade e uma renovação do propósito de vida.

O percurso das ex-atletas após a aposentadoria das competições representa, portanto, com o apoio adequado e a possibilidade de explorar novas perspectivas, um processo de descida do “podium” que proporciona a ressignificação não apenas de suas vidas, mas também oferecem ao mundo esportivo às lições preciosas sobre resiliência, adaptabilidade e o sentido de pertença em todas as etapas da vida, ou o

que podemos chamar de uma nova subida no “podium”, reafirmando que cada fase da vida tem seu valor único e potencial de impacto positivo.

3.3 A descida do “podium” das ex-atletas amazonenses de handebol

Barbara Tedlock (1991) apresenta uma abordagem etnográfica que transforma profundamente a posição do pesquisador, ao propor que este se torne simultaneamente informante e objeto de estudo. Nesta perspectiva, o pesquisador deixa de ser um observador externo e se envolve ativamente nas experiências e nas interações do campo, inserindo-se de maneira íntima e reflexiva no contexto analisado. Esse envolvimento direto permite-lhe não só observar e registrar as práticas culturais do grupo, mas também vivenciá-las, o que enriquece a compreensão do fenômeno estudado com insights subjetivos que seriam inalcançáveis por meio da observação distanciada.

Tal postura implica uma vulnerabilidade mútua: o pesquisador expõe-se emocional e fisicamente ao ambiente, e, ao mesmo tempo, torna-se uma figura participante que influencia e é influenciada pelo contexto social. Esse duplo papel como informante e objeto rompe com a tradição científica que coloca o pesquisador em uma posição de neutralidade absoluta, enfatizando que a interação com o outro não só altera o pesquisado, mas também transforma o próprio pesquisador. Essa prática de pesquisa, portanto, enfatiza a importância do engajamento pessoal e da introspecção como ferramentas para uma compreensão mais profunda e autêntica das realidades culturais estudadas.

Nesse sentido, minha experiência pessoal como ex-atleta, aliada à minha rede de relações individuais e coletivas com outras atletas, permitiu-me aprofundar essa discussão. Ao analisar as trajetórias de diversos atletas, identifiquei padrões e particularidades que evidenciam a importância de se considerar as dimensões sociais e culturais nesse processo de transição. A vivência em diferentes contextos competitivos, desde a base até o alto rendimento, ofereceu uma perspectiva privilegiada para compreender as nuances dessa experiência.

Todo atleta carrega uma narrativa que serve como fonte de inspiração ou influência na escolha e prática de seu esporte. Essa história, muitas vezes marcada por contextos culturais, sociais ou pessoais, desempenha um papel central na construção de sua trajetória esportiva, moldando não apenas sua dedicação e

desempenho, mas também suas ambições e valores. Essas experiências iniciais e motivações acompanham o atleta ao longo de sua carreira, orientando suas decisões e moldando sua identidade profissional até o momento em que ele deixa o “podium”, encerrando um ciclo e abrindo caminho para novas possibilidades de ressignificação pessoal e social.

Meu nome é Maria Elieyde Pereira Menezes, eu nasci em Manaus - Amazonas e cresci e me criei no bairro da Glória, eu tenho muito orgulho disso né, sou uma gloriã nata. O esporte entrou na época que eu já estava no Colégio Santa Cruz no bairro de São Raimundo né, eu já tava fazendo naquela época o segundo grau chamava né, e nas aulas de educação física com a professora Eliete ela viu que eu tinha do meu porte físico magro né, E ela percebeu que eu tinha um dom do esporte atletismo. Nós, precisamente eu, comecei a fazer o treinamento de corrida e através de uma amiga, do meu bairro mesmo da Glória, perguntou se eu não queria jogar handebol, aí eu perguntei o que que é isso? Eu não sei nem sei, nem tenho noção do que era o handebol né. E ela falou que vai ter um treinamento hoje aqui na quadra de São Raimundo, eu não lembro o ano, eu sou péssima de datas, eu sei que eu fui. Na quadra na quadra com a minha amiga lá, a Sandra, ela me levou para assistir um treino de handebol na quadra de São Raimundo do Marquês, onde já se destacava uma atleta chamada Ana Maria Nascimento, aí eu vim para assistir um treino assistir gostei, achei bacana, e aí comecei a treinar. Eu me apaixonei muito pelo jogo pela inteligência da atleta da Marli Suwa que era a armadora central né. Na época era armadora central e eu me espelhei nela, tanto é que quando eu comecei realmente a jogar o handebol - eu sempre falo Professor Valmir - que fui jogar no meio, como armadora central e foi aí que eu consegui ver o meu jogo, ver minha posição (Elieyde Menezes, 2024)

Meu nome é Dorivânia e o esporte entrou na minha vida pelo fundo do meu quintal jogando futebol. Ai se eu jogava futebol no quintal com os meus irmãos quando eu fui para o colégio, eu queria me meter em tudo, então comecei pelo atletismo até o professor que era da escola Márcio Nery chamado Reinaldo apresentou para nós o handebol né. Então essa modalidade que mais me influenciou foi esse professor do colégio, porque eu gostava mesmo, como disse, era do futebol. E aí ele disse não, nós vamos jogar handebol. Assim muito rápido, mas eu vi mesmo, eu quis mesmo jogar handebol, quando eu vi um jogo da Escola Técnica. Eu não lembro agora quem jogava, mas eu sei que lá eu vi a Socorro jogando, que para mim é uma referência muito grande, então quando eu vi que só mulher não podia jogar futebol, mas jogar esse handebol podia. Fui para o colégio, falei com o professor e ele montou o time. Então ele foi um grande influenciador assim como pessoa. Para começar acreditava no meu potencial. A quadra era uma quadra de barro, então ele foi uma pessoa assim que ajudou muito no início. Cheguei a jogar das Olimpíadas Operárias, exatamente por conta desse programa, que na época eu tinha muita dificuldade com algum equipamento, para poder ter transporte, para poder treinar, que o técnico da Sharp ofereceu uma oportunidade, ele me convidou para fazer parte deste programa e eu fui lá jogar. Eu acredito, eu não tenho muita lembrança não, mas eu acho que eu joguei uns três ou quatro anos, para isso dava para você pagar o seu transporte né. Eu lembro que além disso, eu tinha também, eu fazia um estágio na Escola Técnica, então juntava o estágio remunerado mais esse dinheiro do programa e dava para financiar o transporte de boa e ainda dei uma viagem de presente para minha mãe para Fortaleza, que nunca tinha viajado na vida. Depois eu tive que fazer Universidade, aí me casei. Podia ficar bem né então na época eu tive que parar de jogar para poder fazer

faculdade. Depois tive filhos então não dá para conciliar tudo isso aí (Dorivânia, 2024)

Me chamo Cléo, nascida em Cruzeiro do Sul e criada em Manaus, fui apresentada ao handebol por minha irmã, uma referência na modalidade. A paixão surgiu ao assistir jogos e me encantar com a beleza e a técnica das jogadoras. A experiência de participar de uma equipe campeã na escola foi fundamental para sua trajetória. Tive uma carreira no handebol profissional, passei por diversos clubes e conquistei títulos. Agradeço o apoio de técnicos como Paulo Belém e Alencar, que me ensinaram não apenas sobre o esporte, mas também sobre valores como família e caráter (Cléo, 2024)

Meu nome é Auricélio, comecei a praticar handebol por acaso, como uma forma de evitar a reprovação escolar. A paixão pelo esporte surgiu de forma inesperada e me levou a me envolver cada vez mais com a modalidade. O professor Tadeu foi fundamental para minha introdução no mundo do handebol. A capacidade de agregar os jogadores e o incentivo aos estudos eram características marcantes do professor Tadeu. A paixão pelo handebol me fez querer ser técnico. Como técnico eu conquistei diversos títulos nas categorias de base. Considero importante dar oportunidades aos jovens atletas e proporcionar experiências enriquecedoras. (Auricélio, 2024)

Os relatos apresentados revelam histórias profundamente complexas pela interação entre experiências individuais, redes de relações e contextos culturais e ambientais que moldaram as trajetórias de cada atleta no handebol. Esses testemunhos mostram como a prática esportiva não é apenas uma atividade física, mas um campo rico de construção de identidades, marcado por influências externas e transformações internas que atravessam as vidas dos narradores.

No caso de Maria Elieyde, a entrada no handebol foi mediada por redes de convivência no bairro e pela admiração por atletas que serviram como modelos inspiradores. A ligação afetiva com o bairro da Glória e o orgulho de sua origem mostram como o território e as redes sociais locais desempenham um papel central na construção de sua identidade esportiva. Sua trajetória reflete como a identificação com outros atletas e o apoio de figuras como a professora Eliete e a armadora Marli moldaram seu percurso no esporte.

Dorivânia, por sua vez, narra uma jornada que começa no quintal de casa e se expande para os espaços formais do esporte, passando por barreiras como a exclusão do futebol feminino e a precariedade das infraestruturas disponíveis. O papel de seu professor e do programa que financiou suas atividades foi determinante, evidenciando como o suporte material e simbólico pode transformar potenciais em realizações. O relato de sua transição para outras responsabilidades, como estudos e família, reflete as múltiplas demandas enfrentadas por mulheres esportistas.

Cléova, ao relatar a influência direta de sua irmã e de técnicos importantes, reforça a ideia de que o handebol é uma prática relacional, sustentada por redes de apoio e laços familiares. A valorização de aspectos como caráter e união demonstra como a prática esportiva transcende a performance física e se torna um espaço de aprendizado ético e social. Sua trajetória vitoriosa no esporte reafirma a importância das redes de apoio na superação de desafios.

Auricélio destaca a relevância de seu professor, Tadeu, que não apenas modificou o esporte em sua vida, mas também o envolveu a assumir um papel transformador como técnico. Seu relato aponta para o poder do esporte como ferramenta de inclusão e de transformação social, mostrando como ele utilizou sua experiência para oferecer oportunidades aos jovens e perpetuar os valores que marcaram sua formação.

Esses relatos, quando analisados sob a perspectiva da teoria da ator-rede de Bruno Latour, evidenciam a complexidade das conexões que sustentam a prática esportiva. Os atletas não são sujeitos isolados; suas trajetórias são atravessadas por redes de pessoas, instituições, objetos e contextos culturais que interagem e influenciam mutuamente. A quadra de barro, os técnicos, os colegas de equipe, os programas de incentivo e até mesmo os bairros de origem são elementos que compõem uma rede dinâmica e essenciais para a construção de suas identidades e experiências no esporte. O handebol, nesse sentido, emerge não apenas como prática, mas como um campo relacional em que humanos e não-humanos se entrelaçam, transformando vidas e criando histórias compartilhadas.

É importante destacar a ideia de rede proposta por Latour (2012, p. 189) em que “à rede seria um conjunto de interações em que todos os atores fazem alguma coisa e não ficam apenas observando”. Isto é, uma rede é definida como um sistema dinâmico de interações em que todos os seus membros são agentes ativos e contribuintes, em vez de meros observadores passivos. Este conceito, aplicado ao contexto de redes de apoio para ex-atletas, destaca a importância de estruturas colaborativas onde o engajamento mútuo cria um espaço de suporte autêntico e significativo.

O esporte me proporcionou uma vivência em comunidade única. Aprendi a importância da cooperação, da solidariedade e da ajuda mútua. Essas experiências me ensinaram a valorizar as relações humanas e a construir laços duradouros (Dorivânia, 2024)

Ao longo de sua carreira, Cleusa conciliou a vida de atleta com a maternidade e a vida profissional. Apesar dos desafios, como a falta de apoio financeiro e as lesões, ela nunca desistiu de seu sonho. A atleta destaca a importância da disciplina e da determinação para alcançar seus objetivos. (Cleusa, 2024)

No relato de Dorivânia, observa-se o esporte como uma esfera de vivência comunitária, em que valores como cooperação, solidariedade e ajuda mútua são cultivados e reforçados. Esses aprendizados vão além das quadras, influenciando profundamente a maneira como as pessoas se relacionam com o mundo e constroem laços sociais. Essa vivência revela o potencial do esporte em fomentar redes de interdependência que fortalecem o sentido de pertencimento e promovem a integração social.

Cleusa ressalta os desafios enfrentados pelas mulheres no esporte, especialmente na conciliação de múltiplos papéis, como maternidade, vida profissional e desempenho atlético. Sua trajetória evidencia a resiliência e a determinação para superar barreiras como a falta de apoio financeiro e as lesões físicas. Cléova exemplifica como o esporte pode ser um campo de resistência e superação, onde disciplina e persistência tornam-se ferramentas fundamentais para a realização de sonhos.

Ambos os relatos convergem para a ideia de que o esporte é um espaço de construção e reafirmação de valores. Enquanto Dorivânia enfatiza o papel do esporte na formação de vínculos sociais e na vivência comunitária, Cléova ilustra como ele pode ser um instrumento de empoderamento individual e coletivo, mesmo diante das adversidades. Essas narrativas também reforçam a interconexão entre o indivíduo e o coletivo no esporte, destacando como as experiências pessoais são mediadas por redes sociais, culturais e estruturais que moldam as trajetórias de vida.

Nauria e Rosineide também referem-se à importância do apoio familiar.

Tive suporte familiar no início da vida esportiva, após o casamento cheguei a jogar grávida, depois resolvi dar um tempo para cuidar das minhas filhas, (foram sete anos) depois retornei e agora estou no handebol master. Era uma jovem com 16 anos, já estar na seleção adulta e participava com vocês jogando handebol, atletas referências no esporte na época. O handebol master contribui para as questões socioculturais e fico até sem palavras para me referir a qualidade de vida, pois é tudo, fazemos o que gostamos, me realizo, me sinto jovem. Além das lembranças (Nauria, 2024)

Meu nome é Rosineide, mas me chamavam de Cafú. Nasci no Vale do Javari. Depois fui para Benjamin Constant e Manaus. Os melhores atletas me inspiraram a jogar handebol. Suporte e apoio da família, mas depois tive que me dividir quando se tem criança na minha época tínhamos um celeiro de

atletas a jogar handebol, nos jogos interclasses das escolas, jogos escolares do Amazonas, jogos entre clubes. Entre outros, existia rivalidade, mas depois todas se encontravam na seleção. Hoje o handebol master é um incentivo para quem gosta de jogar handebol e sair do sofá da frente da tv. Meu corpo tem memória, sinto diferença na idade. Protagonismo, os valores do esporte para a vida. Base sólida, retidão, caráter (Rosineide, 2024)

As falas de Nauria e Rosineide revelam narrativas profundamente marcadas pela relação entre a trajetória esportiva e os contextos sociais, culturais e familiares que moldaram suas decisões de abandonar temporariamente o handebol profissional. Ambas as experiências destacam a complexidade do equilíbrio entre a prática esportiva, as demandas da vida pessoal e o retorno ao esporte em um novo formato, o handebol master, que reconfigura as dinâmicas entre o corpo, a memória e o lazer.

Nauria ressalta a importância do suporte familiar no início de sua carreira, mas aponta como a maternidade e as responsabilidades familiares redirecionaram suas prioridades. A decisão de "dar um tempo" evidencia como as questões de gênero permeiam a prática esportiva, especialmente para mulheres que precisam conciliar a busca por realizações pessoais com expectativas sociais relacionadas à maternidade e ao cuidado. Seu retorno ao esporte, no entanto, simboliza uma reintegração de aspectos de sua identidade, onde o handebol master se torna uma plataforma para ressignificar a juventude, fortalecer vínculos socioculturais e promover qualidade de vida.

Por outro lado, Rosineide enfatiza o papel formativo do esporte em sua vida, desde os jogos escolares até as competições estaduais, ressaltando a importância do apoio familiar e da rivalidade esportiva como motivadores de seu desenvolvimento. Sua narrativa revela como o esporte transcende a prática física, especificamente como veículo de construção de valores como retidão e caráter. No entanto, a maternidade e as responsabilidades familiares também impuseram desafios, levando-a a se dividir entre funções. Hoje, no contexto do handebol master, Rosineide destaca o protagonismo do esporte como um estímulo ao corpo e à mente, permitindo a ressignificação do envelhecimento e o reencontro com memórias que conferem sentido à sua história.

Ambas as trajetórias evidenciam que o handebol master atua como um espaço de reconexão com experiências do passado, preservação da identidade esportiva e fortalecimento das redes de sociabilidade. A prática esportiva, ainda que distinta do rendimento profissional, opera como um mecanismo de resistência e emancipação,

reafirmando o valor do esporte na vida das mulheres nas diferentes etapas de suas jornadas. Assim, o handebol master não apenas resgata memórias de conquistas passadas, mas também possibilita novas formas de protagonismo e realização.

Pratiquei outros esportes como vôlei, atletismo e ginástica olímpica onde fiquei em terceiro lugar. Sempre tive apoio familiar, principalmente da minha irmã Jamila que antes de casa me dava apoio financeiro e social depois de casada também do meu marido. Na minha época os professores de educação física eram os maiores incentivadores para a prática desportiva na escola. O handebol master veio resgatar muitas colegas com depressão, mudando a vida das colegas para uma vida ativa na terceira idade. Praticar esporte é estar sempre realizando uma atividade física, incentivando para uma saúde mental, física, emocional. Momento marcante, atleta do alto rendimento que me proporcionou ser campeã brasileira duas vezes, até hoje ninguém chegou perto sedes podium no handebol feminino. Hoje sou microempresário junto com meu marido temos uma loja de autopeças no mesmo bairro que nasci (Dina, 2024)

A trajetória de Dina ilustra como o esporte não representou apenas uma prática física, mas também um meio de construção de identidade, mobilidade social e pertencimento. Ao destacar sua experiência com diversas modalidades esportivas e a conquista de títulos no handebol, Dina apresenta o esporte como uma ferramenta de empoderamento individual e coletivo, conectando seu passado como atleta de alto rendimento ao presente como integrante do handebol master.

A presença do apoio familiar, especialmente da irmã e do marido, reflete a importância das redes de suporte no desenvolvimento da carreira esportiva feminina. Esse suporte, tanto financeiro quanto emocional, foi fundamental para que Dina pudesse alcançar realizações significativas, como os títulos brasileiros, que, segundo ela, permanecem inigualáveis. Esse reconhecimento histórico confere à sua trajetória um caráter de legado, valorizando a importância duradoura de suas conquistas esportivas.

Dina também aponta o papel dos professores de educação física como incentivadores fundamentais na escola, revelando como o sistema educacional da época promovia o acesso ao esporte como um meio de desenvolvimento integral. Essa relação entre educação e esporte sugere que as instituições escolares funcionavam como importantes espaços de inclusão e formação, sobretudo para mulheres, muitas vezes sub-representadas em ambientes competitivos.

O handebol master emerge em sua narrativa como um fenômeno sociocultural transformador, especialmente na terceira idade. Dina atribui à prática do esporte um

papel essencial no enfrentamento de questões como a depressão e o isolamento social, destacando sua contribuição para a saúde mental, física e emocional das participantes. A atividade esportiva, nesse contexto, vai além do rendimento e se torna um espaço de revitalização e resistência, promovendo qualidade de vida e fortalecimento de laços sociais.

Ao mencionar sua atual condição como microempresária, Dina demonstra como o esporte também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades que transcendem o ambiente competitivo, como disciplina, resiliência e trabalho em equipe. Sua trajetória simboliza o entrelaçamento de diferentes dimensões da vida — esporte, família, trabalho e comunidade —, reforçando o impacto transformador do esporte na construção de subjetividades e na promoção de mudanças sociais significativas.

Magaly, reconhecida como uma atleta de destaque individual e fundamental para o fortalecimento do handebol feminino no Amazonas, especialmente nos anos 1970, revisita com orgulho sua trajetória como uma das principais atletas de sua geração. Considerada a melhor de sua época, ela articula suas memórias esportivas com o efeito transformador do handebol master, que hoje se apresenta como um elemento essencial em sua vida.

Meu pai, pai atleta de futebol, dizia que toda criança tem que praticar um esporte. Pratiquei vários esportes como: atletismo, até conhecer e me apaixonar pelo handebol. Também fui da seleção do Amazonas de vôlei e ao mesmo tempo de handebol, claro que escolhi o handebol para competir. Em casa para fazer esporte, um esporte meu exigia boas notas escolares. O handebol master veio para trazer para os ex-atletas saúde física mental emocional. Hoje quando jogamos lembramos como era jogar na nossa época, o corpo atendia a todas as capacidades físicas que o handebol exigia. Hoje com limites claros. Hoje é o lúdico que na época não conseguimos ver, pois era só competições e resultados. Quando íamos jogar podíamos ver a diferença do tamanho e altura dos corpos das jogadoras do sul e sudeste para os nossos corpos. Eu tinha 1.70 as jogadoras de fora 1.80 em diante. As baixinhas consideradas jogadoras do Norte. Isso era indiferente para se ter técnica, rapidez como nós éramos. Porque você pode fazer tudo isso no tamanho que você tiver pelo menos no handebol época. Todo esse contexto foi realizado com amor. Eu vou jogar não pra ser a melhor e sim para ganhar para nos estado do Amazonas ser o melhor na competição, chegar ao topo do podium. Ser respeitado nas competições. Para o handebol no master somos referência no handebol que atravessou o tempo e continua no podium do esporte Amazonense. Eu dizia para a nossa equipe ante do jogo Temos 5 minutos de nervosismo fora do quadro, entrou é para jogar. Determinação, em busca da vitória. Papo essa história de dizer 'eu vim para competir', não é isso eu vim para ganhar! (risos) (Magaly, 2024)

A fala de Magaly é um testemunho rico sobre a formação de identidades esportivas, permeada por valores familiares, disciplina e orgulho coletivo. A figura do pai, atleta de futebol, emerge como uma influência central, transmitindo a ideia de que o esporte é parte essencial da infância, vinculada não apenas ao desenvolvimento físico, mas também ao caráter. A exigência de boas notas escolares como condição para a prática esportiva reflete a integração entre desempenho acadêmico e disciplinar, um legado que parece ter moldado seu comprometimento em diferentes etapas da vida.

A escolha do handebol sobre outros esportes como atletismo e vôlei evidencia uma conexão emocional e prática com a modalidade, reforçada pelo contexto competitivo da época. Magaly descreve como o handebol master ressignifica a experiência esportiva, transformando o foco em resultados para um espaço de ludicidade e saúde integral, tanto física quanto emocional. Nesse sentido, o handebol master não é apenas um retorno às quadras, mas um reencontro com memórias, corpos e significados que atravessam gerações.

Sua reflexão sobre as diferenças físicas entre jogadoras do Norte e das regiões Sul e Sudeste é carregada de nuances socioculturais. Ao mencionar a altura média das atletas, Magaly confronta estereótipos e reafirma que atributos físicos não eram barreiras para a técnica, a rapidez e a paixão que ela e sua equipe colocavam em quadra. O riso ao final de sua fala, especialmente ao desafiar a ideia de “competir apenas pelo prazer”, encapsula a determinação e o orgulho de representar o Amazonas, destacando a resiliência e o desejo de reconhecimento de sua equipe.

Magaly reforça que a prática esportiva é construída com amor e determinação, enfatizando a busca pela vitória como forma de projetar o handebol do Amazonas em um cenário nacional. Seu discurso reflete a combinação entre paixão, técnica e coletividade, elementos que continuam a inspirar gerações de atletas e preservam a relevância histórica e cultural do esporte na região. A forma descontraída com que conclui sua fala é um lembrete de que, mesmo em contextos desafiadores, a alegria e a leveza podem coexistir com a ambição e a competitividade.

Após a decisão de encerrar a carreira, as redes de apoio destacada em todas as falas, se apresentam de outras formas, tais como: grupos de suporte, associações de ex-atletas e comunidades on-line, que tornam-se espaços fundamentais para a partilha de experiências, desafios e conquistas comuns, promovendo um ambiente onde as histórias pessoais são reconhecidas e valorizadas. Tal ajuda a desestruturar

o isolamento que muitos ex-atletas enfrentaram ao sair do cenário competitivo, permitindo-lhes não apenas lembrar o passado, mas também compensar suas identidades no presente. Assim, as interações constantes e o apoio recíproco reforçam a ideia de que a identidade, longe de ser estática, é algo que se transforma continuamente e responde aos desafios e contextos da vida.

O handebol foi fundamental para minha formação. Através dele, desenvolvi habilidades sociais, de liderança e trabalho em equipe que me moldaram como pessoa. A vivência em equipe me ensinou a lidar com a diversidade, a respeitar o outro e a trabalhar em conjunto, mesmo em momentos de dificuldade (Dorivânia, 2024)

Dorivânia destaca como a experiência esportiva no handebol transcende o contexto competitivo e contribui para a formação integral dos atletas. Nesse sentido, o esporte atua como uma plataforma de aprendizado social, promovendo o desenvolvimento de habilidades como liderança, empatia e trabalho em equipe. Tais competências são transferíveis para outras esferas da vida, o que permite uma ressignificação do papel social dos ex-atletas após a conclusão de suas carreiras esportivas.

Ao mencionar a importância de lidar com a diversidade e respeito pelo outro, Dorivânia aponta para a dimensão transformadora do esporte, que não apenas reflete, mas também questiona e reestrutura normas sociais e culturais. Ex-atletas frequentemente levam essas lições para novos papéis na sociedade, como lideranças comunitárias, educadas ou profissionais em diferentes áreas. Esse processo de ressignificação amplia o impacto do esporte, pois o que foi aprendido em quadra reverbera na construção de relações sociais mais colaborativas e inclusivas.

Dorivânia sublinha como a trajetória no handebol molda não apenas a identidade pessoal, mas também a identidade social das ex-atletas. As habilidades adquiridas no esporte tornam-se ferramentas valiosas na mediação de conflitos, na liderança de projetos e no fortalecimento de comunidades, posicionando essas mulheres como agentes de transformação em seus contextos sociais. Essa ressignificação evidencia que a experiência esportiva não termina com a aposentadoria; ela se desdobra em novos papéis que continuam a influenciar e enriquecer a sociedade.

A ressignificação do papel social dos ex-atletas no período pós-carreira é um processo que transcende a dimensão pessoal, configurando-se como uma

possibilidade significativa de mudança social. A sociedade, ao reconhecer e valorizar essas mulheres não apenas por suas conquistas esportivas, mas também por suas vivências e experiências, legitima-as como fontes de sabedoria acumulada e de inspiração para futuras gerações.

As melhores memórias que tenho são ligadas ao handebol. A amizade, a cumplicidade e a união que vivi com meus companheiros de equipe são inesquecíveis. O esporte me proporcionou momentos de alegria, aprendizado e crescimento pessoal (Dorivânia, 2024)

Considero o handebol uma parte fundamental da minha vida e busco transmitir a minha paixão para as novas gerações. É importante manter o esporte vivo e incentivar a prática esportiva entre as mulheres. Hoje eu busco me firmar profissionalmente para garantir uma boa estrutura financeira. Mesmo após encerrar a carreira profissional, Cleusa pretende continuar praticando handebol de forma lúdica, mantendo a paixão pelo esporte. (Cléova, 2024)

Os depoimentos de Dorivânia e Cléova revelam a profundidade da conexão emocional e social construída através do handebol, evidenciando como o esporte vai além do desempenho individual e se torna um legado significativo na vida dos atletas. Através dessas experiências, é possível refletir sobre o reconhecimento público das mulheres no esporte, um tema historicamente marcado por desigualdades e desafios.

No relato de Dorivânia, a ênfase nas memórias positivas, na amizade e na cumplicidade com os colegas de equipe reforça como o esporte é uma experiência coletiva que transcende os resultados em quadra. No entanto, a valorização dessas vivências ainda carece de um reconhecimento mais amplo, tanto no âmbito institucional quanto na esfera pública. A importância emocional e social do handebol para atletas, como Dorivânia, precisa ser reconhecida como uma forma legítima de contribuição para o fortalecimento das relações humanas e da coesão social.

Cléova, por sua vez, destaca não apenas sua paixão contínua pelo esporte, mas também o esforço em transmitir essa paixão às novas gerações. Seu compromisso com o handebol, mesmo após a aposentadoria, aponta para a importância do papel das ex-atletas como embaixadoras do esporte, cujas trajetórias inspiraram e incentivaram outras mulheres a participarem no mundo esportivo. Contudo, a busca pela estabilidade financeira e a necessidade de manter o esporte como uma prática lúdica após a carreira ativa refletem uma lacuna no apoio institucional e no reconhecimento formal das contribuições dos atletas para a sociedade.

Ambos os depoimentos nos convidam a considerar como o reconhecimento público das atletas deve ir além do momento de sua atuação profissional. É necessário criar condições para que suas histórias sejam valorizadas e documentadas, tanto como inspiração para novas gerações quanto como uma forma de consolidar o papel das mulheres no esporte. Este reconhecimento pode ser materializado por meio de políticas públicas, programas de memória esportiva e incentivos que promovam a visibilidade das trajetórias femininas no esporte, fortalecendo seu legado e contribuindo para a igualdade de gênero nesse campo.

Esse reconhecimento público é essencial, pois não apenas reafirma a contribuição singular dos ex-atletas no mundo do esporte, mas também cria um contexto que promove a inclusão e valoriza a diversidade de trajetórias. Dessa forma, eles se sentem mais preparados para integrar-se a novas comunidades e ambientes, onde podem continuar a contribuir positivamente, utilizando sua experiência de vida e liderança para promover a solidariedade e inspirar outros. Assim, essa reintegração e valorização social permite que os ex-atletas mantenham uma presença ativa e influente, perpetuando o impacto que construíram em suas trajetórias esportivas.

A conquista da Taça Amazônica e o vice-campeonato brasileiro foram momentos marcantes na minha carreira. A Michela teve uma grande importância como goleira Michela, ela fez a diferença nas competições. Era admirada por todas nós, suas colegas de equipe, e a união do grupo foram fundamentais para esses resultados (Cléova, 2024)

O handebol no Amazonas passou por diversas mudanças ao longo dos anos. É importante de investir em intercâmbios e na formação de atletas para elevar o nível da modalidade no estado (Auricélio, 2024)

Cléova e Auricélio destacam elementos centrais para o reconhecimento social, as conquistas e as transformações do handebol na Amazônia, evidenciando o impacto coletivo e histórico da modalidade na região.

No relato de Cléova, as conquistas esportivas, como a Taça Amazônica e o vice-campeonato brasileiro, aparecem como marcos não apenas de sua trajetória pessoal, mas também do avanço do handebol no Amazonas. Esses feitos representam momentos de validação pública, que conferem prestígio e reconhecimento aos atletas e à modalidade como um todo. A menção à goleira Michela e à união da equipe reflete como o desempenho individual e a cooperação coletiva foram determinantes para alcançar esses resultados. Essas narrativas não

apenas celebram os triunfos das atletas, mas também reforçam a importância da memória coletiva como uma forma de valorização do esporte na região.

Por sua vez, Auricélio traz uma análise crítica das transformações no handebol no Amazonas, enfatizando a necessidade de maior investimento em treinamentos e na formação de atletas. Esse comentário destaca um dos desafios estruturais enfrentados pela modalidade na região, onde o talento individual muitas vezes supera as limitações institucionais. Ao apontar caminhos para o crescimento do esporte, como a criação de programas que ampliam as oportunidades de formação e competição, Auricélio também contribui para uma visão estratégica sobre o futuro do handebol.

Esses relatos evidenciam a trajetória do handebol na Amazônia como um campo em constante transformação, marcado tanto por conquistas históricas quanto por desafios estruturais. O reconhecimento social das atletas e dos profissionais envolvidos na modalidade deve ser fortalecido, pois suas histórias simbolizam não apenas o esforço individual, mas também a capacidade de superação coletiva em um contexto que muitas vezes carece de recursos e apoio. Investir na valorização dessas conquistas e na melhoria das condições para o desenvolvimento do esporte é essencial para consolidar o handebol como um elemento significativo da identidade esportiva e cultural da Amazônia.

Apesar de o Amazonas ter obtido o título de bicampeão Brasileiro de Handebol feminino, a produção literária regional sobre o assunto é limitada. É notável que haja uma falta de interesse em compreender o percurso e a representatividades e protagonismo dessas mulheres ex-atletas, enfrentaram ao fazer a transição para uma vida após a carreira esportiva, um momento que pode ser uma das fases mais significativas de suas vidas, além de seu impacto em diversos aspectos, os períodos de sucesso e reconhecimento, tão almejados no início de uma trajetória atlética, terminam, pois a aposentadoria é algo inevitável. A passagem de uma vida dedicada ao esporte para uma vida após a carreira esportiva não ocorre de maneira simples; frequentemente, não há apoio por parte dos gestores esportivos, e as ex-atletas, em geral, enfrentam poucas oportunidades de se reinserir no mercado de trabalho fora do universo esportivo.

Foram anos dedicados à paixão pelo esporte que renderam inúmeras conquistas e aprendizados e após essa fase, a vida esportiva parecia não ter outra saída. Os esforços e as ambições em busca de estar sempre em alto rendimento eram constantes. Tudo foi intenso. As marcas históricas na minha vida são enormes, pois tive a oportunidade de alcançar como atleta, ao fazer parte de uma equipe representante estadual em competições nacionais, o pódio mais de uma vez. Tudo isso, realizado com muita dedicação e esforço (Regina Kanawati, 2024)

Costa (2005) aponta que a ideia de Amazônia pensada como inferno e paraíso carregado de sentidos e significados e realçados por lendas e mitos gerou expectativas além da conta, porém ainda é preciso compreender que, longe de ser um lugar paradisíaco ou infernal, possui um processo de colonização diferente dos demais locais. Como resultado deste processo de colonização, hoje temos mulheres que buscam avanços nas áreas de crescimento no campo social e profissional, e o esporte vai de encontro a esses momentos, visto que, o processo de desenvolvimento do nosso Estado andou acompanhado ao crescimento de novas perspectivas mundiais, onde o esporte também ganhou oportunidades de ser um fenômeno que participa dos resultados dessas transformações.

Para além desse reconhecimento social, um aspecto essencial desse processo de reinvenção é a busca por novas oportunidades que permitam a esses ex-atletas redirecionarem suas habilidades e conhecimentos de forma construtiva e recompensadora. Muitas vezes, na continuidade do esporte em outros — como treinadoras, gestores esportivos, ou líderes em programas de promoção da saúde — uma maneira de reconfigurar suas identidades, adaptando-se a novos contextos sem perder a conexão com suas experiências passadas. Essa transição não só as capacita a aplicar as suas competências em contextos diferentes, mas também permite que transmitam valores desportivos e pessoais de resiliência, disciplina e trabalho em equipa, fundamentais para o desenvolvimento de uma nova geração de atletas e profissionais.

O handebol me deixou um legado valioso. A capacidade de lidar com desafios, de trabalhar em equipe e de superar obstáculos são habilidades que utilizo até hoje em minha vida. O esporte me ensinou a importância de ser autêntico e de buscar meus objetivos com determinação (Dorivânia, 2024)

Após encerrar a carreira de atleta de alto rendimento, busquei estabilidade financeira e qualidade de vida para mim e para minha família. Desejo passar para meus netos os valores que aprendeu no esporte e a importância de ter uma vida tranquila e bem sucedida. (Cléova, 2024)

O handebol proporcionou a Auricélio reconhecimento profissional e a oportunidade de representar o Amazonas em eventos nacionais e internacionais. Ele destaca a importância de manter a paixão pelo esporte e de continuar trabalhando para o desenvolvimento do handebol no estado. (Auricélio, 2024)

Os depoimentos de Dorivânia, Cléova e Auricélio revelam a capacidade transformadora do handebol não apenas como prática esportiva, mas como uma fonte de habilidades e valores que podem ser transferidos para outras áreas da vida. A transição para novas oportunidades profissionais após a carreira esportiva é apresentada como um desafio, mas também como uma possibilidade enriquecedora, onde os aprendizados do esporte encontram espaço para florescer.

Dorivânia destaca que as competências adquiridas no esporte, como lidar com desafios, trabalhar em equipe e manter a perseverança, permanecem como um legado fundamental em sua trajetória. Essas habilidades são altamente valorizadas em diversas profissões, o que evidencia o potencial de redirecionamento do conhecimento esportivo para outros contextos construtivos. O trabalho em equipe, a resiliência e a determinação aprendidos no handebol são qualidades essenciais em ambientes corporativos e comunitários, permitindo que ex-atletas encontrem propósito e sucesso em novas áreas.

Cléova reflete sobre a busca por estabilidade financeira e uma vida equilibrada após o alto rendimento. Ao enfatizar a transmissão de valores para seus netos, ela também sugere a continuidade de seu papel como formadora, agora em outro âmbito, contribuindo para a construção de um legado familiar e social. Esse desejo de manter o aprendizado esportivo vivo em outros contextos demonstra como ex-atletas podem atuar como agentes de transformação social, utilizando suas experiências para inspirar e educar.

Auricélio, por sua vez, reforça a importância do handebol em sua trajetória, destacando o reconhecimento do progresso e sua intenção de continuar contribuindo para o esporte. Essa perspectiva aponta para uma transição natural em que ex-atletas podem utilizar seu conhecimento técnico e estratégico como treinadores, mentores ou gestores esportivos. Ao trabalhar para o desenvolvimento do handebol no Amazonas, ele exemplifica como é possível redirecionar a paixão pelo esporte de maneira recompensadora, mantendo-se conectado a um campo em que já possui expertise e contribuindo para a formação de novas gerações.

Entende-se ser de extrema importância a criação de redes de apoio e oportunidades estruturadas que permitam aos ex-atletas transferirem suas habilidades e conhecimentos para novos contextos. Profissões como treinamento, gestão esportiva, educação e até mesmo áreas empresariais e sociais podem se beneficiar profundamente das competências envolvidas no esporte. Assim, o handebol não apenas molda indivíduos para o sucesso dentro das quadras, mas também os prepara para se tornarem líderes e contribuírem de forma significativa em outros aspectos da sociedade.

Lavo roupa pra fora e só gosto de lavar roupa com as mãos, saio aquecida para jogar handebol (Diva, 2024)

A fala de Diva expressa uma articulação complexa entre trabalho, corpo e lazer, evidenciando dimensões simbólicas e afetivas que ultrapassam a mera execução de tarefas cotidianas. O ato de "lavar roupa com as mãos", descrito por ela, não reflete apenas uma prática laboral tradicional, mas também revela uma íntima relação com o esforço físico e com a corporeidade como mediadora de experiências. A escolha de lavar manualmente as roupas, mesmo em um contexto onde tecnologias facilitadoras estão amplamente disponíveis, pode indicar uma valorização de processos mais imersivos, que conectam o sujeito à materialidade de seu trabalho.

Ao mesmo tempo, a entrevista aponta para uma ambiguidade no discurso de Diva. O "olhar" sugere um descontentamento com as condições de vida ou com o contexto que a levou a selecionar tal atividade, enquanto o "sorriso" representa uma tentativa de ressignificar essa experiência, buscando destacar os elementos positivos que emergem da rotina. Isso nos leva a pensar na resiliência social e cultural que perpassa a prática cotidiana de mulheres trabalhadoras, muitas vezes invisibilizadas, mas que encontram nas dinâmicas do corpo — aqui simbolizadas pelo jogo de handebol — um espaço de agência e resistências identitárias.

A transição da atividade laboral para o esporte é igualmente significativa. Ao "sair aquecida para jogar handebol", Diva utiliza o trabalho físico como preparação para um espaço de lazer, integração e pertencimento. Esse movimento demonstra como o corpo se torna um lócus onde se entrelaçam trabalho, lazer e afeto, permitindo que experiências adversárias sejam transmutadas em vivências que demonstram o poder da vida coletiva. Assim, sua narrativa resgata a importância do corpo como

instrumento de resistência e transformação social, conectando os âmbitos do trabalho e do prazer.

A prática do handebol máster também desempenha um papel significativo na promoção da qualidade de vida, do bem-estar e da saúde dos ex-atletas, proporcionando não apenas benefícios físicos, como o fortalecimento muscular e a melhoria da capacidade cardiovascular, mas também aspectos emocionais e sociais. Essa modalidade oferece um espaço para a continuidade de vínculos sociais e a manutenção de uma identidade esportiva, favorecendo o equilíbrio entre corpo e mente, especialmente na fase de maturidade.

O handebol teve um papel crucial na minha saúde física e mental. A prática regular do esporte me ajudou a prevenir uma doença genética que poderia ter me causado problemas de visão e audição. Além disso, o esporte me proporcionou bem-estar emocional, ajudando-me a lidar com o estresse e a encontrar minha identidade (Dorivânia, 2024)

A prática do handebol na terceira idade trouxe diversos benefícios para Cleusa, como melhora da saúde física e mental. A atleta destaca a importância do esporte para manter a autoestima e a qualidade de vida. (Cléova, 2024)

Os depoimentos de Dorivânia e Cléova evidenciam o papel transformador do handebol, não apenas em suas vidas individuais, mas também na promoção de uma expectativa mais ampla para o futuro da modalidade no Amazonas. Dorivânia enfatizou como o esporte desempenha um papel preventivo e terapêutico em sua saúde física e mental, sublinhando o potencial do handebol como uma ferramenta de intervenção positiva em questões de saúde pública e bem-estar. Esse relato aponta para a importância de incentivo a políticas esportivas regionais que consideram a relevância do esporte na melhoria da qualidade de vida.

Cléova reflete sobre os benefícios específicos do handebol na terceira idade, destacando como a prática esportiva pode ser um fator central para a manutenção da autoestima e da saúde integral. A experiência de Cleusa reforça a necessidade de ampliar o acesso a programas esportivos para a população idosa, integrando o handebol em estratégias que unem saúde, inclusão e socialização.

Dessa forma, ambos os depoimentos ilustram não apenas as contribuições individuais do esporte, mas também traçam uma visão esperançosa para o futuro do handebol no Amazonas. Eles apontam para a necessidade de fortalecimento da modalidade, com investimentos que promovam sua prática em diferentes faixas

etárias, estimulando uma cultura esportiva regional mais inclusiva, diversa e promotora de bem-estar.

“O handebol me mostrou a importância da diversidade e da inclusão. Através do esporte, aprendi a valorizar as diferenças e a construir um mundo mais justo e igualitário” (Dorivânia, 2024). A partir dessa perspectiva, é possível compreender como as mulheres ex-atletas de handebol no Amazonas, que foram parte fundamental de momentos históricos e significativos para o esporte local, continuam a representar figuras de relevância na modalidade. Essas mulheres, com suas trajetórias marcadas por conquistas e desafios, refletem não apenas a importância do esporte em suas vidas, mas também o investimento e o esforço contínuo para manter sua conexão com o handebol, seja em atividades de transmissão de conhecimento, seja por meio da prática em novas fases da vida. O legado delas é um reflexo do papel transformador do esporte na construção de identidades e na promoção de um ambiente inclusivo e diverso, essencial para a evolução e perpetuação da modalidade no estado.

A trajetória de mulheres no esporte, especialmente em modalidades como o handebol, se mostra um campo fértil para reflexões sobre identidade, protagonismo e transformação sociocultural. Nesse contexto, as entrevistas conduzidas durante a pesquisa, torna-se um testemunho eloquente sobre como o handebol máster transcende os limites de uma prática esportiva, tornando-se um catalisador de vínculos sociais e uma plataforma para a construção de qualidade de vida. Narrativas como as de Elinilma e Edilza, de Itacoatiara, não apenas celebram suas histórias de dedicação e amor ao esporte, mas também evidenciam a influência coletiva de suas vivências, inspirando novas gerações de mulheres a integrarem esse universo e a fortalecerem as redes de solidariedade e transformação cultural por meio do esporte.

Hoje nós participamos de uma entrevista para um trabalho de Mestrado da UFAM da Prof^a. Regina Kanawati onde fala do Protagonismo da mulher no esporte na modalidade Handebol Master, de como o handebol pode mudar e se transformar em elo para as relações socioculturais e com o esporte e o handebol contribui para a qualidade de vida. Gente, passou um filme lindo, vivido por nós. Podemos falar de toda nossa trajetória no esporte, no handebol e como nós pudemos contribuir para que outras pessoas, outras mulheres pudessem entrar pra esse esporte que tanto amamos. Foi muita emoção e como foi bom sermos lembradas quando se fala do esporte que amamos. Muito obrigada Regina Kanawati por tanto carinho, muito sucesso na sua trajetória de pesquisadora e educadora (Elinilma e Edilza de Itacoatiara)

A fala das atletas refletem a importância de revisitar as trajetórias esportivas como uma forma de "descer do pódio", processo em que a conquista individual cede espaço para a reflexão coletiva e o compartilhamento de vivências que transcendem o esporte em si. Nesse contexto, o handebol master torna-se um ponto de interseção entre a memória afetiva e a construção de legados socioculturais. Ao participarem de uma entrevista que aborda o protagonismo feminino no esporte, Elinilma e Edilza não apenas reafirmam a influência do handebol em suas vidas, mas também ressignificam suas experiências para inspirar outras mulheres. O ato de "descer do pódio" não significa renunciar às vitórias, mas sim compreender que o verdadeiro triunfo está na capacidade de transformar essas conquistas em elo de solidariedade, fortalecimento comunitário e abertura de caminhos para novas gerações. É um movimento que enaltece a memória coletiva e valoriza o papel do esporte como ferramenta de mudança social e de promoção da qualidade de vida.

O "descer do pódio" para essas ex-atletas simboliza o momento de transição do auge da carreira esportiva para um novo ciclo de vida, não como o fim, mas como o recomeço. Ao invés de definir a trajetória de um atleta, esse "descer do pódio" representa a reinvenção e a ressignificação da vida profissional. Para os ex-atletas, esse processo envolve uma redefinição de identidade e uma adaptação de habilidades adquiridas ao longo da carreira esportiva para novos contextos profissionais e pessoais. A categoria, portanto, destaca a continuidade da vida, onde o que foi aprendido no esporte — como a disciplina, o trabalho em equipe, a resiliência e a capacidade de superação — é reaproveitado e reconfigurado em outras áreas, proporcionando uma nova perspectiva de crescimento e realização. Dessa forma, "descer o pódio" torna-se uma metáfora para o renascimento profissional, permitindo que o ex-atleta construa novas narrativas de sucesso, sem perder de vista os valores e a experiência adquirida na trajetória esportiva.

CONSIDERAÇÕES

Quais fatores motivam uma ex-atleta a continuar praticando esporte durante o processo de envelhecimento? De que maneira a prática do handebol máster influencia a qualidade de vida e a integração sociocultural dessas mulheres em Manaus? E como essas ex-atletas podem preservar seu protagonismo após deixar o pódio? Responder a essas perguntas é essencial para compreender a dinâmica do handebol máster entre mulheres em processo de envelhecimento, embora reconheçamos a complexidade e a vastidão desse campo de investigação. Não pretendemos, com isso, esgotar o tema, mas lançar luz sobre aspectos fundamentais dessa prática esportiva e suas implicações para a representatividade feminina na cidade de Manaus.

Essa investigação nasceu de uma série de questionamentos que, ao longo dos anos, alimentaram meu interesse em compreender as interseções entre o esporte e as questões de gênero, especialmente no contexto do envelhecimento. O processo de pesquisa que resultou nesta dissertação reflete não apenas meu percurso acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, ao qual ingressei em 2022, mas também minha vivência pessoal como atleta e ex-atleta de handebol máster em Manaus.

Minha conexão com esse universo remonta à experiência pessoal como atleta de handebol nas categorias juvenil, adulta e máster em Manaus. Essa vivência me proporcionou não apenas o privilégio de competir, mas também a oportunidade de observar as lutas pela representatividade e pelo protagonismo feminino no esporte. Em um cenário esportivo que vem conquistando cada vez mais espaço na sociedade contemporânea, a história das mulheres que se dedicaram a essa prática ainda carece de reconhecimento, especialmente no contexto amazônico.

Minha trajetória acadêmica, construída ao longo de 26 anos, é marcada por desafios, reflexões e avanços que integram minha formação, da especialização ao mestrado. Ao revisitar esse percurso, reconheço que muitos momentos poderiam ter sido mais bem aproveitados para ampliar a contribuição da Educação Física e do esporte, tanto no campo acadêmico quanto profissional. Essa constatação me levou a realizar um aprofundamento teórico nesta pesquisa, dialogando com autores e pensadores para entender as lacunas e potencialidades de nossa área. Esse esforço

não nasce apenas de um interesse intelectual, mas também da experiência prática e do contexto em que atuo.

A constatação de disparidades salariais, como a diferença de R\$ 1.780,00 entre professores especialistas e mestres no portal da Secretaria de Educação (SEDUC), trouxe uma dimensão concreta ao impacto do reconhecimento acadêmico. Quando projetada ao longo de 26 anos, essa discrepância ultrapassa R\$ 647 mil, um valor que simboliza mais do que perdas financeiras. Representa, também, a ausência de políticas que valorizem a formação continuada e o aprofundamento teórico em Educação Física, evidenciando as barreiras culturais e estruturais para o avanço da área em Manaus. Ainda assim, essas limitações não apagaram as possibilidades transformadoras que o mestrado proporcionou. Enfrentar os desafios desse processo fortaleceu minha determinação em buscar respostas para questões que perpassam não apenas minha história, mas também o campo da Educação Física e do esporte como um todo.

Essa trajetória pessoal foi determinante para aprofundar meu interesse pela figura da mulher no esporte, especialmente no período de transição marcado pelo envelhecimento. Reconheci a necessidade de produzir conhecimento científico que permita localizar e compreender a mulher ex-atleta no contexto sociocultural da cidade de Manaus, delineando a importância dessa prática em suas vidas e na comunidade à qual pertencem.

Assim, o presente estudo emerge como uma resposta à escassez de pesquisas que abordem a relação entre as mulheres, o esporte e o envelhecimento, especialmente em Manaus. É uma tentativa de resgatar trajetórias, iluminar narrativas e gerar conhecimento científico que permita compreender e atender às necessidades dessas mulheres, muitas das quais permanecem invisíveis. Ao mesmo tempo, busca-se inspirar outras a se engajarem no movimento esportivo, especialmente aquelas com mais de 40 anos, fortalecendo sua inserção e integração no universo esportivo.

Embora o tema envolva múltiplas dimensões – físicas, sociais, emocionais e culturais –, a pesquisa buscou oferecer contribuições significativas ao debate sobre o papel do esporte na promoção de qualidade de vida, integração e protagonismo feminino. Trata-se de uma reflexão que ultrapassa o campo esportivo, revelando a potência transformadora do handebol máster na construção de identidades e na ampliação da representatividade dessas mulheres na sociedade e o direito à existência humana.

A existência humana, em sua complexidade, encontra expressão em diversas dimensões, sendo a educação física e o esporte espaços privilegiados para a construção de saúde, bem-estar, socialização e valores. A educação física, enquanto disciplina, transcende o corpo e abarca aspectos psicológicos e emocionais, promovendo o desenvolvimento integral do ser humano. Já o esporte, com sua organização e regulamentação, pode ser competitivo ou recreativo, assumindo múltiplas vertentes que incluem competição, desenvolvimento de habilidades, valores éticos, cultura e lazer. Ambos desempenham importantes papéis na formação de cidadãos engajados, disciplinados e saudáveis, integrando dimensões físicas e sociais.

Essa jornada investigativa vai além da recuperação de memórias. Ela propõe reflexões sobre as vulnerabilidades e as forças das histórias dessas mulheres, reconhecendo sua humanidade e complexidade. Entre as questões que ainda precisam ser exploradas está a inserção do handebol máster no ensino superior em Educação Física, especialmente nas disciplinas de Metodologia do Esporte, como forma de garantir sua difusão. Há, também, a oportunidade de envolver Instituições de Ensino Superior que oferecem cursos de Licenciatura em Educação Física, incentivando a inclusão desse tema como conteúdo obrigatório, e assim, perpetuar a prática esportiva e suas contribuições para a sociedade.

A discussão sobre o handebol máster pode ser compreendida como uma poderosa metáfora para pensar as relações entre esporte, identidade e memória. Embora eventos festivos associados a essa prática sejam importantes, eles não devem ofuscar o verdadeiro significado do esporte. Para as participantes, o handebol vai além de uma celebração; ele é um espaço simbólico de reafirmação de histórias, de conquistas e de pertencimento. A festa, embora presente, é um elemento secundário frente ao valor intrínseco da experiência esportiva compartilhada. Reconhecer isso é essencial para compreender o papel transformador que o esporte desempenha na construção de trajetórias individuais e coletivas.

O trabalho desenvolvido junto às jogadoras de handebol máster demanda uma análise crítica dos significados que esses encontros esportivos assumem em suas vidas. Mais do que simples eventos de integração, eles representam espaços de reafirmação identitária e de enfrentamento aos desafios impostos pelas dinâmicas sociais, familiares e culturais que atravessam suas trajetórias. O esporte, nesse contexto, revela-se uma poderosa ferramenta de resiliência, permitindo que essas

mulheres não apenas reconectem-se com suas histórias, mas também ressignificam suas experiências em busca de inclusão e transformação social.

A pesquisa realizada evidencia como o handebol máster pode transcender o papel de atividade física, tornando-se um catalisador para o empoderamento feminino e o fortalecimento da identidade das ex-atletas. Essas práticas possibilitam que as mulheres revisitem suas histórias pessoais e coletivas, explorando o esporte como um meio de reconexão com valores que as acompanharam em suas jornadas competitivas, como liderança, persistência e trabalho em equipe. Mais do que reviver momentos de glória, trata-se de projetar novos significados para o protagonismo feminino no esporte e na sociedade.

O processo de "descer do pódio", vivenciado por muitas dessas mulheres após deixarem o esporte competitivo, ilustra uma transição repleta de desafios e oportunidades. Se por um lado enfrentam o envelhecimento e a desvalorização das habilidades adquiridas, por outro demonstram uma capacidade única de adaptação e reinvenção. A prática do handebol máster se insere como um espaço de resistência e recriação de laços sociais, onde o esporte transcende a esfera física e assume contornos de expressão identitária e luta por reconhecimento.

Para muitas dessas ex-atletas, o esporte foi, e continua sendo, mais do que uma atividade; ele é um espaço de resistência e afirmação. Ao longo de suas vidas, enfrentam as limitações impostas pelas demandas da vida adulta, a ausência de apoio institucional e a invisibilidade dentro do mercado de trabalho. Ainda assim, elas encontraram no handebol máster uma maneira de revitalizar suas histórias e de ocupar novos espaços como líderes comunitárias, treinadoras e defensoras de políticas públicas para o esporte feminino.

Esse protagonismo se reflete não apenas nas quadras, mas na luta por mais visibilidade e respeito para as veteranas do esporte. Essas mulheres se tornam agentes de mudança, desafiando preconceitos e inspirando novas gerações a verem no esporte não apenas uma forma de competição, mas uma plataforma para transformação pessoal e social. Ao "descer do pódio", elas demonstram que a verdadeira vitória não está apenas nas medalhas, mas nas histórias que compartilham e nas lições que perpetuam, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva, onde todas as mulheres, em qualquer etapa da vida, possam encontrar no esporte um espaço de expressão e superação.

Essas trajetórias, embora marcadas por desafios, revelam a força transformadora do esporte na construção de identidades resilientes e socialmente engajadas. O legado deixado por essas mulheres vai além do esporte; ele é um convite para repensarmos o papel das práticas esportivas na formação de uma sociedade mais equitativa e na valorização do protagonismo feminino em todas as suas dimensões.

Por fim, a pesquisa não apenas cumpriu seu papel ao problematizar as intersecções entre esporte, cultura e identidade, mas também evidenciou contradições e tensionamentos que demandam aprofundamento teórico e empírico. Entre os desafios emergentes, destacam-se as formas como o esporte pode operar simultaneamente como um mecanismo de reprodução de desigualdades estruturais e como um espaço de resistência na (re)construção de trajetórias identitárias em contextos de exclusão social. Torna-se essencial questionar o papel das práticas coletivas na ressignificação da qualidade de vida, considerando os limites impostos por relações de poder que atravessam o campo esportivo. A potencialidade de iniciativas esportivas na promoção da resiliência e do pertencimento comunitário deve ser analisada criticamente, atentando-se para os condicionantes políticos e econômicos que modulam tais experiências. Esses desdobramentos configuram-se como eixos estratégicos para investigações futuras, especialmente no diálogo interdisciplinar entre as ciências sociais, a educação física e os estudos de gênero, permitindo uma leitura mais complexa e situada das dinâmicas que atravessam o esporte na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRES, Suélen de Souza. Mulheres e esporte: Handebol em foco. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**. Florianópolis, 2013. Disponível em: http://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373335567_ARQUIVO_Mulhereseesporte.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2022.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARBOSA, Anderson Pedros. CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Uma proposta de paradigma: capacidade funcional e qualidade de vida de idosos. In: FREITAS, Elizabeth Viana de. PY, Ligia. **Tratando de Geriatria e Gerontologia**, 4ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, pg. 98-111, 2017.

BARBOSA, Gleyson Juliano Nunes. **O ensino do handebol na escola: formação de cidadãos para a vida e para a prática esportiva**. Universidade de Brasília, Macapá, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERTÉ JÚNIOR, Dúlio. **Um estudo sobre o nível de ansiedade estado pré-competitiva em atletas de futsal**. 2004. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Pato Branco, Curso de Educação Física, Pato Branco, 2004.

BENTO, Jorge Olímpio. Da mudança e da sobrevivência do clube desportivo. In: **6th. Congress of the European Association for Sport Management**. Funchal, 30 de Setembro a 4 de Outubro de 1998.

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRITO, Bonine John Giglio. **Mulheres em ação: alguns destaques da presença feminina no esporte amazonense**. Universidade Federal do Amazonas, 2019.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Robert N. Ageismo: outra forma de intolerância. **O Gerontólogo**, v. 9, n. 4, pág. 243–246, 1969. Disponível em: https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/9/4_Part_1/243/569551 Acesso em: 5 de março de 2025.

CALDAS, Iberê. **Handebol como conteúdo para as aulas de Educação Física**. Recife: EDUPE, 2003.

CASTELLES, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Huminal**. São Carlos: Pedro & João, 2018.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO (COB). Brasil bate recorde em número, mas diminui proporção feminina nos jogos. **Globo Esporte**, 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/07/brasil-bate-recorde-em-numero-mas-diminui-proporcao-feminina-nos-jogos.html>. Acesso em: 05 de março de 2025

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Edua: 2005.

COUBERTIN, Pierre de. **Olimpismo: Seleção de textos**. Tradução Luis Carlos Bombassaro. Porto Alegre: EdPUCRS, 2015.

DA SILVA, Adson Manoel Bulhões; TORRES, Iraídes Caldas. Para Uma Fenomenologia da Alma Feminina: O Protagonismo e a Visibilidade da Mulher na Amazônia. In: **III Siscultura**. GT. 2018.

DEVIDE, F. P. **Educação física, qualidade de vida e saúde**. Movimento, 2002.

DUNNING, Eric. O desporto como área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (Org.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

DURKHEIM, E.; MAUSS, M. **Algumas formas primitivas de classificação. Ensaios de Sociologia**. Perspectiva, São Paulo, 1981.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

FIGUEIRA, Olivia. (*et al*). Estratégias para a promoção do envelhecimento ativo no Brasil: uma revisão integrativa. In: **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, pp. e1959108556-e1959108556, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. (Obra original publicada em 1976).

FURTADO, Bjarne Lima. Humanidade e Cosmovisão indígena. In: **Amazônia Insubmissa**. Alexandre de Oliveira, Guilherme Gitahy de Figueiredo e Michel Justamand (orgs.) Alexa Cultural: São Paulo, SP; EDUA: Manaus, AM, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. In: **Tempo**, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

IAGG - Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria. **Relatórios e publicações**. Disponível em: <https://www.iagg.info/resources/publications/> Acesso em: 5 de março de 2025.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, esporte e mulheres. In: **Movimento**. Porto Alegre, v. 12, nº 01, p.199-210, jan/abr de 2006.

LASLETT, P. **Um Novo Mapa da Vida: O Surgimento da Terceira Era**. Londres: Weidenfeld e Nicolson, 1989

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o Social**. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru. São Paulo: EDUSC, 2012.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Tradução de Sônia Fuhrmann. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARX, Karl. **O capital**. Livro 1 [1867]. São Paulo: Boitempo, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Obra original publicada em 1945).

MIRAGAYA, Ana. A mulher olímpica: tradição versus inovação. In: TURINI, Marcio; DA COSTA, Lamartine (Org.). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. p. 763-792.

MISKOLCI, R. Do Desvio às Diferenças. In: **Teoria & Pesquisa**. Revista do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, n. 47, p. 9-42, jul/dez, 2005. Disponível em <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/43/36> Acesso em 20 de outubro de 2024.

MOURA, Diego Luz. (et al.). Esporte, Mulheres e Masculinidades. In: **Esporte e Sociedade**, ano 5, n 13, nov.2009/fev.2010.

MOURA, Gheysa Daniele Pereira. **A Infância Migrante no Brasil: A Percepção dos operadores do Sistema de Garantia de Direitos a partir da migração infantil venezuelana**. 2022, 421 f. Dissertação (Mestrando Interdisciplinar em Ciências Humanas) – PPGICH, UEA, Manaus, AM, 2022.

MOURÃO, L. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização**. Movimento, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo (Org.). **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

OLIVEIRA, Ellen Correia Fonseca de. **Ações sócio recreativas para idosos: um protocolo de atividade para o jogo do câmbio**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2021.

OLIVEIRA, Gilberto de; CHEREM, Eduardo H. L.; TUBINO, Manoel José Gomes. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1133>. Acesso em: 5 de março de 2025.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)**. Rio de Janeiro: NEPP-DH, 1946. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 05 de março de 2025.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/who_fwc_alc_15.01_por.pdf?sequence=6 Acesso em: 5 de março de 2025.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Década do envelhecimento saudável 2021–2030**. Nova Iorque: ONU, 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/105264-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-d%C3%A9cada-do-envelhecimento-saud%C3%A1vel> Acesso em: 5 de março de 2025.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas - a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 50–56, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2484. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2484> Acesso em: 5 de março de 2025.

SCHNEIDER, Alexandre Trevisan; SCHNEIDER, Ivana Lima Martins; CUNHA JÚNIOR, Arnaldo Tenório da; KALININE, Iouri. Saúde psíquica e saúde social das atletas da seleção olímpica feminina de handebol do Brasil. In: **Fitness & Performance Jornal**, v. 6, n. 5, p. 325-330, set./out. 2007.

SIMÕES, Antonio Carlos. **Mulher & Esporte: mitos e verdades**. Manole, São Paulo, 2005.

SOARES, Artemis de Araújo, TEIXEIRA, Neiza. **O corpo - Olhares Diversos**, EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016.

SOARES, Artemis de Araújo. **O corpo na ritualística Tikuna**. Manaus: EDUA, 2014.

SOARES, C.L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2001.

SORIANO, Raul Rojas. **Manual de pesquisa social**. Tradução de Ricardo Rosenbush. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOUZA, Gabriela Conceição de; MOURÃO, Ludimila. Narrativa de Joaquim Mamede sobre a legalização das práticas judoísticas para as mulheres no Brasil. **Fiep Bulletin - online**, [S. l.], v. 77, n. 2, 2014. Disponível em: <https://ojs.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/4189>. Acesso em: 7 mar. 2025.

TAYLOR, Edward. A ciência da cultura. In: CASTRO, Celso (Org.). **O evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

TEDLOCK, Barbara. From participant observation to the observation of participation: the emergence of narrative ethnography. In: **Journal of Anthropological Research**. Vol. 47, No. 1. New Mexico: University of New Mexico, 1991. p. 69-94. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3630581> Acesso em 16 de setembro de 2024.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Handebol: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

TORRES, I.C. **As novas Amazônicas**. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Ubu, 2018.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

APÊNDICE I - Roteiro de Entrevista: Ex-Atletas

1. Onde você nasceu?
2. Onde você cresceu?
3. Como o esporte entrou na sua vida?
4. Pode descrever seus primeiros passos no esporte e como se deu sua iniciação?
5. Quais foram suas experiências nas competições escolares e em clubes?
6. Quem foram suas principais influências e referências na modalidade de handebol?
7. Como você descreveria a prática do handebol na cidade de Manaus?
8. Durante sua carreira esportiva, como era o suporte familiar para suas atividades esportivas? Quem ajudava com os cuidados da casa e dos filhos enquanto você treinava e competia?
9. Você sentiu sobrecarga em relação às suas responsabilidades domésticas e familiares enquanto era atleta? Como equacionou essas demandas com sua prática esportiva?
10. Você acredita que o handebol máster contribui para mudanças na realidade social das participantes?
11. De que forma o handebol máster pode servir como um elo para as relações socioculturais fora do ambiente esportivo?
12. De que maneira a prática do handebol contribui para sua qualidade de vida e sua integração sociocultural durante o processo de envelhecimento?
13. O que o motiva a continuar praticando handebol na terceira idade? Você notou mudanças em sua saúde física e mental?
14. Quais estratégias você utiliza para manter e destacar seu protagonismo após o período de atleta?
15. Quais são as memórias mais marcantes da sua carreira como atleta de alto rendimento?
16. Como você vê seu protagonismo e suas perspectivas após a sua saída do podium?

APÊNDICE II - Roteiro de Entrevista: Representante da Liga de Handebol do Amazonas

1. Fale um pouco sobre quem é você, onde nasceu, onde cresceu e como o esporte entrou na sua vida.
2. Como foi sua trajetória no esporte? Quais foram suas principais influências e referências na modalidade de handebol?
3. Como você descreveria o handebol na cidade de Manaus?
4. Qual é a importância da participação feminina para a história do handebol em Manaus?
5. Como você vê a participação feminina no handebol na cidade de Manaus hoje em dia?
6. Existem eventos relacionados ao handebol feminino máster na cidade de Manaus? Quais são esses eventos e como são organizados, pela Liga ou de forma espontânea?
7. Como as ex-atletas ficam sabendo desses eventos? Existe uma rede de comunicação própria ou a Liga realiza a divulgação e o convite?
8. Você acredita que o handebol máster contribui para mudanças na realidade social? Se sim, como?
9. De que maneira o handebol máster pode servir como um elo para as relações socioculturais fora do ambiente esportivo?
10. Quais são os principais desafios para as atletas continuarem jogando handebol máster na cidade de Manaus?
11. De que forma o handebol contribui para a qualidade de vida e para a integração sociocultural das mulheres ex-atletas durante o processo de envelhecimento?
12. O que leva as ex-atletas de alto rendimento a continuar praticando handebol na terceira idade? Você observa mudanças na saúde física e mental das ex-atletas?
13. Quais são suas perspectivas sobre o protagonismo das ex-atletas após a saída do pódio?

ANEXOS – Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA -
PPGSCA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“Descendo o Pódio: Protagonismo de mulheres ex-atletas de handebol em Manaus”**, cujo pesquisador responsável é Maria Regina Kanawati de Figueiredo, endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: kanawatiregina@gmail.com. E, orientada pela Prof. Dra. Artemis Soares de Araújo, endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br.

O(A) Sr(a) está sendo convidado por que foi indicada(o) pelo clube de handebol à qual está vinculada(o), tendo em vista a relevância de sua atuação para história do handebol no Amazonas.

O presente projeto, objetiva analisar o impacto da presença de mulheres no handebol máster na representatividade e protagonismo feminino no esporte local, ressaltando a importância dessa prática para a qualidade de vida e integração sociocultural dessas ex-atletas em Manaus. Tendo como objetivos específicos: identificar o perfil socioeconômico e de saúde dessas mulheres, discutir como o handebol máster influencia sua integração sociocultural e analisar o impacto dessa prática em seu bem-estar durante o processo de envelhecimento.

O(A) Sr(a) tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma ou prejuízos decorrentes de sua recusa.

Caso aceite participar, sua participação consiste em uma entrevista semiestruturada sobre sua percepção sobre a participação da mulher no handebol feminino no Amazonas e como a prática do esporte contribuiu em seu processo de envelhecimento.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são a quebra de sigilo e confidencialidade, bem como desconforto em responder alguma pergunta, sendo garantindo a liberdade para não responder qualquer pergunta que lhe seja desconfortável. Objetivando a mitigação de riscos e desconfortos dos entrevistados, tomaremos todos os cuidados para a manutenção do sigilo e da confidencialidade das informações coletadas, ficando a critério do participante ser identificado ou não na pesquisa. As entrevistas serão realizadas de forma individual, presencial, em local, dia e horário indicado pelo participante, de forma a garantir um local reservado, além da liberdade para responder ou não qualquer uma das perguntas a serem feitas pelo pesquisador.

Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e serão tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade durante todas as fases da pesquisa,



inclusive após publicação da dissertação e/ou artigos científicos, respeitando a vontade do participante da entrevista em ser identificado ou não durante a fase de coleta de informações, análise de dados e divulgação dos resultados da pesquisa. Caso os sujeitos da pesquisa não queiram ser identificados, será utilizado números em ordem aleatória, ou seja, não representam de fato o dia e a ordem em que ocorreram as entrevistas.

Os dados coletados durante as entrevistas será para a realização da análise do problema com enfoque qualitativo e se converterão em benefícios indiretos aos sujeitos da pesquisa.

São esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: contribuição para construção de políticas públicas direcionadas as mulheres ex-atletas de alto rendimento no Amazonas, registro histórico das participantes no desenvolvimento do handebol no Amazonas, e divulgação do Handebol Máster no Amazonas.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de 7 (sete) dias para que possa refletir sobre sua participação ou não nesta pesquisa.

Todas as despesas com a pesquisa serão de responsabilidade da pesquisadora responsável, isto é, o(a) Sr. (a) não arcará com nenhum custo referente a procedimentos do estudo, sendo garantido o direito de buscar ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, por meio de transferência bancária para conta corrente de titularidade do participante da pesquisa. Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito de buscar indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela participação na pesquisa.

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Nenhum resultado será reportado com identificação pessoal, salva guardado aqueles que autorizarem a identificação.

O(A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável Maria Regina Kanawati de Figueiredo a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: kanawatiregina@gmail.com.

O(A) Sr(a) também pode entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM, Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br que tem a função de analisar projetos de pesquisa visando à proteção dos participantes dentro de padrões éticos nacionais e internacionais.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a), e pelo pesquisadora responsável, ficando uma via com cada um.



CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

() Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

() Não concordo em participar do estudo.

Manaus/AM, ____ / ____ / ____



Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA -
PPGSCA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“Descendo o Pódio: Protagonismo de mulheres ex-atletas de handebol em Manaus”**, cujo pesquisador responsável é Maria Regina Kanawati de Figueiredo, endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: kanawatiregina@gmail.com. E, orientada pela Prof. Dra. Artemis Soares de Araújo, endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br.

O(A) Sr(a) está sendo convidado por que foi indicada(o) pelo clube de handebol à qual está vinculada(o), tendo em vista a relevância de sua atuação para história do handebol no Amazonas.

O presente projeto, objetiva analisar o impacto da presença de mulheres no handebol máster na representatividade e protagonismo feminino no esporte local, ressaltando a importância dessa prática para a qualidade de vida e integração sociocultural dessas ex-atletas em Manaus. Tendo como objetivos específicos: identificar o perfil socioeconômico e de saúde dessas mulheres, discutir como o handebol máster influencia sua integração sociocultural e analisar o impacto dessa prática em seu bem-estar durante o processo de envelhecimento.

O(A) Sr(a) tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma ou prejuízos decorrentes de sua recusa.

Caso aceite participar, sua participação consiste em uma entrevista semiestruturada sobre sua percepção sobre a participação da mulher no handebol feminino no Amazonas e como a prática do esporte contribuiu em seu processo de envelhecimento.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são a quebra de sigilo e confidencialidade, bem como desconforto em responder alguma pergunta, sendo garantindo a liberdade para não responder qualquer pergunta que lhe seja desconfortável. Objetivando a mitigação de riscos e desconfortos dos entrevistados, tomaremos todos os cuidados para a manutenção do sigilo e da confidencialidade das informações coletadas, ficando a critério do participante ser identificado ou não na pesquisa. As entrevistas serão realizadas de forma individual, presencial, em local, dia e horário indicado pelo participante, de forma a garantir um local reservado, além da liberdade para responder ou não qualquer uma das perguntas a serem feitas pelo pesquisador.

Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade durante todas as fases da pesquisa,



CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

Não concordo em participar do estudo.

Manaus/AM, 20/01/2025



Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA -
PPGSCA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa “**Descendo o Pódio: Protagonismo de mulheres ex-atletas de handebol em Manaus**”, cujo pesquisador responsável é Maria Regina Kanawati de Figueiredo, endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: kanawatiregina@gmail.com. E, orientada pela Prof. Dra. Artemis Soares de Araújo, endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br.

O(A) Sr(a) está sendo convidado por que foi indicada(o) pelo clube de handebol à qual está vinculada(o), tendo em vista a relevância de sua atuação para história do handebol no Amazonas.

O presente projeto, objetiva analisar o impacto da presença de mulheres no handebol máster na representatividade e protagonismo feminino no esporte local, ressaltando a importância dessa prática para a qualidade de vida e integração sociocultural dessas ex-atletas em Manaus. Tendo como objetivos específicos: identificar o perfil socioeconômico e de saúde dessas mulheres, discutir como o handebol máster influencia sua integração sociocultural e analisar o impacto dessa prática em seu bem-estar durante o processo de envelhecimento.

O(A) Sr(a) tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma ou prejuízos decorrentes de sua recusa.

Caso aceite participar, sua participação consiste em uma entrevista semiestruturada sobre sua percepção sobre a participação da mulher no handebol feminino no Amazonas e como a prática do esporte contribuiu em seu processo de envelhecimento.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são a quebra de sigilo e confidencialidade, bem como desconforto em responder alguma pergunta, sendo garantindo a liberdade para não responder qualquer pergunta que lhe seja desconfortável. Objetivando a mitigação de riscos e desconfortos dos entrevistados, tomaremos todos os cuidados para a manutenção do sigilo e da confidencialidade das informações coletadas, ficando a critério do participante ser identificado ou não na pesquisa. As entrevistas serão realizadas de forma individual, presencial, em local, dia e horário indicado pelo participante, de forma a garantir um local reservado, além da liberdade para responder ou não qualquer uma das perguntas a serem feitas pelo pesquisador.



Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação da dissertação e/ou artigos científicos, respeitando a vontade do participante da entrevista em ser identificado ou não durante a fase de coleta de informações, análise de dados e divulgação dos resultados da pesquisa. Caso os sujeitos da pesquisa não queiram ser identificados, será utilizado números em ordem aleatória, ou seja, não representam de fato o dia e a ordem em que ocorreram as entrevistas.

Os dados coletados durante as entrevistas serão para a realização da análise do problema com enfoque qualitativo e se converterão em benefícios indiretos aos sujeitos da pesquisa.

São esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: contribuição para construção de políticas públicas direcionadas às mulheres ex-atletas de alto rendimento no Amazonas, registro histórico das participantes no desenvolvimento do handebol no Amazonas, e divulgação do Handebol Máster no Amazonas.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de 7 (sete) dias para que possa refletir sobre sua participação ou não nesta pesquisa.

Todas as despesas com a pesquisa serão de responsabilidade da pesquisadora responsável, isto é, o(a) Sr. (a) não arcará com nenhum custo referente a procedimentos do estudo, sendo garantido o direito de buscar ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, por meio de transferência bancária para conta corrente de titularidade do participante da pesquisa. Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito de buscar indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela participação na pesquisa.

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Nenhum resultado será reportado com identificação pessoal, salva guardado aqueles que autorizarem a identificação.

O(A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável Maria Regina Kanawati de Figueiredo a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: kanawatiregina@gmail.com.

O(A) Sr(a) também pode entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM, Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br que tem a função de analisar projetos de pesquisa visando à proteção dos participantes dentro de padrões éticos nacionais e internacionais.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término



pelo(a) Sr(a), e pelo pesquisadora responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

() Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

() Não concordo em participar do estudo.

Manaus/AM, ____/____/____

Assinatura do Participante



Documento assinado digitalmente

DORI VANIA DA COSTA CUNHA

Data: 21/01/2025 17:28:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA -
PPGSCA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa “**Descendo o Pódio: Protagonismo de mulheres ex-atletas de handebol em Manaus**”, cujo pesquisador responsável é Maria Regina Kanawati de Figueiredo, endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: kanawatiregina@gmail.com. E, orientada pela Prof. Dra. Artemis Soares de Araújo, endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br.

O(A) Sr(a) está sendo convidado por que foi indicada(o) pelo clube de handebol à qual está vinculada(o), tendo em vista a relevância de sua atuação para história do handebol no Amazonas.

O presente projeto, objetiva analisar o impacto da presença de mulheres no handebol máster na representatividade e protagonismo feminino no esporte local, ressaltando a importância dessa prática para a qualidade de vida e integração sociocultural dessas ex-atletas em Manaus. Tendo como objetivos específicos: identificar o perfil socioeconômico e de saúde dessas mulheres, discutir como o handebol máster influencia sua integração sociocultural e analisar o impacto dessa prática em seu bem-estar durante o processo de envelhecimento.

O(A) Sr(a) tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma ou prejuízos decorrentes de sua recusa.

Caso aceite participar, sua participação consiste em uma entrevista semiestruturada sobre sua percepção sobre a participação da mulher no handebol feminino no Amazonas e como a prática do esporte contribuiu em seu processo de envelhecimento.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são a quebra de sigilo e confidencialidade, bem como desconforto em responder alguma pergunta, sendo garantindo a liberdade para não responder qualquer pergunta que lhe seja desconfortável. Objetivando a mitigação de riscos e desconfortos dos entrevistados, tomaremos todos os cuidados para a manutenção do sigilo e da confidencialidade das informações coletadas, ficando a critério do participante ser identificado ou não na pesquisa. As entrevistas serão realizadas de forma individual, presencial, em local, dia e horário indicado pelo participante, de forma a garantir um local reservado, além da liberdade para responder ou não qualquer uma das perguntas a serem feitas pelo pesquisador.



Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação da dissertação e/ou artigos científicos, respeitando a vontade do participante da entrevista em ser identificado ou não durante a fase de coleta de informações, análise de dados e divulgação dos resultados da pesquisa. Caso os sujeitos da pesquisa não queiram ser identificados, será utilizado números em ordem aleatória, ou seja, não representam de fato o dia e a ordem em que ocorreram as entrevistas.

Os dados coletados durante as entrevistas serão para a realização da análise do problema com enfoque qualitativo e se converterão em benefícios indiretos aos sujeitos da pesquisa.

São esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: contribuição para construção de políticas públicas direcionadas às mulheres ex-atletas de alto rendimento no Amazonas, registro histórico das participantes no desenvolvimento do handebol no Amazonas, e divulgação do Handebol Máster no Amazonas.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de 7 (sete) dias para que possa refletir sobre sua participação ou não nesta pesquisa.

Todas as despesas com a pesquisa serão de responsabilidade da pesquisadora responsável, isto é, o(a) Sr. (a) não arcará com nenhum custo referente a procedimentos do estudo, sendo garantido o direito de buscar ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, por meio de transferência bancária para conta corrente de titularidade do participante da pesquisa. Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito de buscar indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela participação na pesquisa.

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Nenhum resultado será reportado com identificação pessoal, salva guardado aqueles que autorizarem a identificação.

O(A) Sr(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável Maria Regina Kanawati de Figueiredo a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: kanawatiregina@gmail.com.

O(A) Sr(a) também pode entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM, Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 - Setor Norte, telefone: (92) 3305-4581, e-mail: ppgsca@ufam.edu.br que tem a função de analisar projetos de pesquisa visando à proteção dos participantes dentro de padrões éticos nacionais e internacionais.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término



pelo(a) Sr(a), e pelo pesquisadora responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

() Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

() Não concordo em participar do estudo.

Manaus/AM, ____/____/____

Documento assinado digitalmente
AURICELIO ANDRADE PESSOA
Data: 22/01/2025 18:16:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

gov.br
Ass

Assinatura do Pesquisador Responsável



Sr(a), e pelo pesquisadora responsável, ficando uma via com cada um.

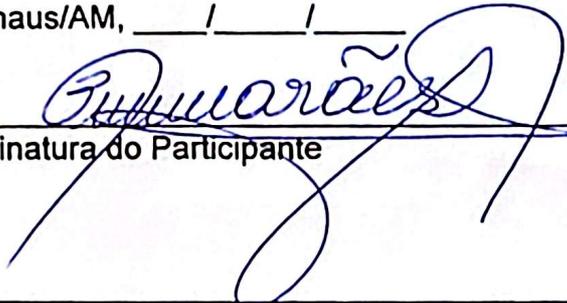
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

Não concordo em participar do estudo.

Manaus/AM, ___/___/___



Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável